



Nas asas do amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 87



Livros Abril
Título original: **"Winged Magic"**
Copyright: © Cartland Promotions 1981
Tradução: Lygia Junqueira
Copyright para a língua portuguesa: 1984 Abril S.A. Cultural — São Paulo
Esta obra foi integralmente composta e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

O apito estridente do guarda fez o lacaios fechar apressadamente a porta do vagão. O trem partiu e Mina ficou muito tempo olhando para trás. Aquela era a última vez que via Vent Royal, o lugar onde tinha sido tão feliz. Pensou na casa maravilhosa, nos bosques, nas pombas que voavam livres pelos jardins. Pensou principalmente no marquês que, àquela hora, dormia, sem saber de sua partida. Não gostava de fugir assim, feito uma ladra. Mas não era isso mesmo? Não havia se apropriado da identidade de outra mulher para enganar a todos? Tinha que fugir antes que descobrissem. Voar como os pássaros que seguem o sol. A única diferença era que Mina levava o inverno no coração. E nunca mais voltaria!

NOTA DA AUTORA

Durante séculos, o estudo dos pássaros tem deixado os ornitologistas perplexos e curiosos. Ninguém sabe realmente por que algumas aves viajam quase cinco mil quilômetros, num vôo ininterrupto, quando as perdizes e os faisões não se afastam mais do que cinco quilômetros do lugar onde nasceram.

No mês de março, na Inglaterra, há um extraordinário e maciço movimento de pássaros. Os grandes lugares de pouso das gralhas, onde milhares delas se juntam todas as noites, ficam vazios depois do inverno. As gralhas estrangeiras vão para a Escandinávia e para a Alemanha, ao passo que as nativas começam a fazer seus ninhos.

A garriça, uma ave migrante, pequena que fica até o outono, vai então para o sul da França e para a Espanha, atravessa o Mediterrâneo e, com um conhecimento de navegação próprio, sobrevoa o Saara e penetra no interior do continente africano.

As andorinhas deixam o país em setembro, rumo à África, de onde saem sete ou oito meses mais tarde.

O que será que lhes dá esse fantástico sentido de navegação aérea desconhecido por Cabot, estranho para Vasco da Gama?

CAPÍTULO I

A porta abriu-se e uma mocinha entrou correndo no quarto pequeno.

— Mina, você precisa me ajudar!

Por um momento, preocupada demais com o próprio problema, não notou a infelicidade da amiga.

Depois, percebendo que Mina chorava, disse, consternada:

— Que foi que aconteceu? Você não costuma chorar.

Correu e abraçou a amiga, que estava sentada na cama, com o rosto entre as mãos.

— Diga-me o que aconteceu. Nunca a vi assim.

A voz de Christine denotava cuidado pela amiga, e em seus olhos escuros havia uma expressão de piedade.

Bonita, com cabelos escuros ondulados, pele branca, Christine não chegava a ser linda, mas tinha um arzinho malicioso que encantava a todos. Com duas covinhas nas faces, dava a impressão de estar sempre rindo. Era, sem dúvida, a jovem mais popular no colégio para moças da sra. Fontwell.

Mina fez um esforço para se controlar. Tirou as mãos do rosto e disse, com voz trágica:

— Meu pai... morreu!

— Oh, Mina, sinto muito! Mas como foi que morreu, e onde?

— Recebi uma carta do tio Osbert. Diz que papai pegou uma febre. A temperatura subiu muito e, como não há médicos competentes naquela parte do Egito, ele morreu antes que meu tio chegasse lá.

— Sinto muito.

Christine sabia que isso era um golpe para a amiga, que tinha perdido a mãe um ano antes.

Mina havia contado a Christine que o pai ficara tão infeliz e desorientado com a perda da esposa, que fora para a África, a fim de estudar as condições de vida nos lugares selvagens e, em particular, os pássaros, porque sua paixão era a ornitologia.

Mina foi mandada então, para a escola da sra. Fontwell, em Ascot.

Alguém disse a *sir* Ian Shaldon que esse colégio era o melhor, e a moça deveria ficar lá, até a volta do pai.

A princípio, Mina sentiu-se muito só e tinha medo das outras moças. Levara uma vida solitária com os pais em Huntingdonshire, e nunca havia passado muito tempo com moças de sua idade.

Ficou, portanto, grata, quando Christine Lydford lhe demonstrou afeição. As duas logo se tornaram amigas íntimas.

Na realidade, Christine era um ano mais moça do que Mina, mas ninguém o diria, porque Mina parecia pouco mais do que uma criança.

Lorde Lydford era muito rico. A própria Christine herdaria uma fortuna da avó e tinha uma sofisticação que a amiga certamente não possuía.

De início, as outras moças acharam graça no que consideravam “proteção” por parte de Christine para com a nova colega; depois, ficaram admiradas, vendo que se tornaram íntimas.

Sem a menor dúvida, Christine comandava e Mina a seguia. Tinham recebido o apelido de “inseparáveis”, e era evidente que Christine protegia a outra contra possíveis intimidações por parte das colegas. A escola da sra. Fontwell era muito diferente de qualquer outra. Para começar, só aceitava alunas que pertencessem à nobreza. Cobrava preços exorbitantes, mas ninguém podia negar que as moças viviam ali com muito luxo.

As que tinham posses para isso traziam suas criadas particulares, tinham seus cavalos e suas cocheiras, e tomavam tantas aulas particulares que suas contas cresciam a cada semestre.

Apesar disso, havia uma lista de candidatas à espera de vaga. Os métodos de educação da sra. Fontwell, que causavam inveja aos outros colégios, certamente davam resultado.

Christine às vezes brincava com Mina, dizendo que a amiga havia sido aceita “por um triz”, porque o pai era apenas um baronete. Ocupava o menor quarto do colégio, e, naturalmente, era quem pagava menos.

Christine, por sua vez, tinha não apenas um quarto grande com duas janelas dando para o jardim como também uma saleta. Sua criada particular fazia com que se vestisse com tanta elegância, que às vezes parecia que ia para um *garden-party* no Palácio de Buckingham, em vez de uma sala de aula.

A sra. Fontwell fazia questão de que até as salas fossem diferentes. Algumas delas eram saletas com poltronas, onde as alunas ficavam quando estudavam poesia ou literatura, não havendo carteiras que dessem a impressão de aula.

Um dos aposentos mais importantes era o salão de baile, onde, duas

vezes por semana, as alunas aprendiam a dançar.

Naturalmente, isso, era “extra”. Assim como as aulas de esgrima, natação, *badminton*, música e arte.

Mina, que não podia pagar muitos “extras”, às vezes se perguntava o que estava incluído no ensino geral.

Com expressão preocupada os olhos azuis, ainda úmidos de lágrimas, ela disse à amiga:

– Não é apenas por papai ter morrido que me sinto tão infeliz. Há... outra coisa.

– O quê?

– Meu tio me escreveu... e escreveu também para a sra. Fontwell, contando que papai estava endividado e que preciso arranjar uma espécie de... emprego.

Christine encarou-a, atônita.

– Quer dizer que você vai ter que trabalhar? Mina inclinou a cabeça e voltou a chorar, dizendo:

– A sra. Fontwell tem uma sugestão que não posso suportar, mas acho que terei que aceitá-la.

– Que sugestão?

Christine mal podia acreditar no que ouvia. Era inconcebível que uma das moças do colégio tivesse que ganhar a vida, ou mesmo que não fosse rica.

Vendo que a amiga não podia falar, abraçou-a e acrescentou:

– Tenho certeza de que não é tão mau como pensa. Conte-me exatamente o que aconteceu.

Com um esforço patético, Mina enxugou as lágrimas. Dali a um momento, começou:

– Meu tio Osbert, que é coronel de seu regimento, disse que, agora que papai morreu sem deixar um filho homem, nossa casa lhe pertence... e ele pretende fechá-la.

– Por que vai fazer isso? — perguntou Christine, zangada.

– É solteiro e está sempre com o regimento. Naturalmente, como diz na carta, eu não poderia viver lá sozinha.

– Parece uma atitude muito autoritária, para não dizer brutal — comentou Christine. — Continue!

– Disse também que vai pagar as dívidas de papai, mas que só o que pode me dar são cinquenta libras por ano até eu casar. Depois disso, não

receberei mais nada. Assim sendo, preciso arranjar um emprego qualquer. Na carta que escreveu a sra. Fontwell, sugeriu que eu desse aulas a crianças.

— Que foi que a “Bruxa” disse a isso?

— Que posso ficar aqui e ensinar pintura e música às alunas mais moças e também arrumar os quartos delas.

Christine contraiu-se.

— Quer dizer... fazer o papel de empregada?

— Creio que é o que ela pretende, porque falou que há tempos está pensando em despedir a srta. Smith. E, se eu cuidar dos quartos, economizará o ordenado de uma empregada.

— Nunca ouvi uma coisa tão vergonhosa! Tem razão, Mina: você não suportaria isso. Todas nós sabemos como a sra. Fontwell trata a srta. Smith.

As duas moças pensaram na professora mais jovem que estava sempre caindo no desagrado da diretora e tremia diante dela, como uma vara verde.

Tudo que a srta. Smith fazia era errado. A diretora a repreendia e a humilhava a ponto de as alunas terem pena da pobre coitada.

Ao mesmo tempo, como tinham medo da sra. Fontwell, a quem chamavam de “Bruxa”, ninguém tinha coragem de defender a infeliz professora.

Christine sabia que, se Mina tomasse o lugar da srta. Smith, acabaria sendo reduzida a um trapo.

— É um cargo que não pode aceitar! — declarou, decidida. — E tem que dizer isso à “Bruxa” antes que ela despeça a outra.

— Há mais uma coisa que me... perturba — disse Mina, em voz baixa.

— Perguntei a srta. Smith, agora há pouco, por que não ia embora e ela respondeu que é órfã e não tem para onde ir. Está certa de que, se pedisse demissão, a sra. Fontwell não lhe daria referências.

— Aquela mulher é uma tirana! A coitada da Smith tem que suportá-la, mas você não vai ficar aqui, nessas condições.

— Que mais posso fazer? — perguntou Mina, amedrontada.

— Você vai comigo!

Mina ficou perplexa, e Christine continuou:

— Foi o que vim contar a você, Mina: vou embora da escola!

— Agora? Imediatamente? Mas o semestre mal começou!

— Sim, eu sei. Mas, se você teve uma carta constrangedora, também eu recebi uma!

Mina ficou embaraçada.

– Fui egoísta, falando só em mim. Conte o que a perturbou.

– Não é realmente algo que me perturbe, mas sim pedir sua ajuda.

Embora meu problema seja difícil, o seu é pior e pretendo resolvê-lo.

Mina deu um sorriso triste.

– Você é muito boa. Mas, naturalmente, não posso incomodar...

– Você jamais me incomodaria. Mas, primeiro, deixe que lhe conte por que vou embora daqui.

Mina enxugou os olhos e virou-se para a amiga. Christine respirou fundo, como se o que ia dizer fosse muito importante, e começou:

– Recebi uma carta de minha madrastra, dizendo que papai foi nomeado governador de Madras e que ela tem que partir imediatamente, para ir ao encontro dele, na Índia.

– Estou contente por seu pai! Tenho certeza de que é um cargo muito importante e você devia estar orgulhosa.

– Eu teria ficado mais satisfeita se ele me levasse para a Índia há um ano, como eu queria. Agora é tarde demais: tenho outros planos. – Mina ficou perplexa, mas a amiga riu. – Não, que a Índia tivesse sido um lugar muito divertido para mim, como parece. Minha madrastra se encarregaria para que não fosse!

Mina sabia que Christine detestava a madrastra e que estava convencida de que, desde que casou com lorde Lydford, ela fazia todo o possível para evitar que ele fosse tão afetuoso com a filha como teria sido caso os dois vivessem sozinhos.

– Quando papai foi para a Índia, estava sempre viajando em missão especial para o vice-rei, e achou que o calor seria demais para minha madrastra. Agora, ela vai ser “importante”, como esposa do governador, e está disposta a agüentar qualquer desconforto por isso!

Christine falou com despeito, num tom que Mina detestava.

– Continue – disse, pondo a mão no braço da amiga. Christine sorriu.

– Sei que você não gosta que eu fale mal de minha madrastra, mas espere até ouvir a história toda.

– É o que desejo saber.

– Como vai para a Índia, ela providenciou para que eu saia do colégio.

— Mas por quê? — Era uma terrível coincidência perder o pai, e a melhor amiga ao mesmo tempo. Sua vida agora seria, não apenas solitária, mas também vazia.

— Ela me disse que vou morar em casa do marquês de Ventnor. Devidamente acompanhada, é claro.

— Mas, por quê? É seu parente? Christine deu uma risada irônica.

— Não, legalmente. Na realidade, é o último namorado de minha madrastra.

Por um momento, Mina achou que não tinha ouvido bem.

— Não... compreendo.

— Isso não me surpreende. Nem eu teria compreendido o que estava acontecendo entre ela e o marquês, se Hannah não descobrisse o que eles pretendem fazer comigo.

Hannah era a criada particular de Christine. Cuidava dela desde que era um bebezinho e continuava sendo mais uma ama do que uma criada. Adorava a moça.

— Por que haveria o marquês de querer que você fosse morar com ele? — perguntou Mina.

— A explicação de minha madrastra é que, já que vai haver dificuldades à respeito de minhas férias, estando ela tão distante da Inglaterra, será muito melhor que eu fique em casa de alguém que ela respeita e em quem confia. — Num tom sarcástico, continuou: — Um amigo que cuidaria para que eu não travasse conhecimento com pessoas indesejáveis, embora ao mesmo tempo pudesse me divertir de modo que agradaria meu pai.

— Parece que ela demonstrou mesmo muita consideração — murmurou Mina.

— Consideração? É o que quer que pareça! Naturalmente, todo mundo acharia um ótimo arranjo, porque o marquês tem várias residências agradáveis e, conforme diz minha madrastra, inúmeras parentas velhas que ficariam encantadas por me servir de companhia, até papai voltar para a Inglaterra.

— Talvez você vá achar... divertido.

— Não é essa a verdadeira razão para ela ter “consideração”. Minha madrastra quer que eu case com o marquês!

— Mas você disse que ele... é namorado dela.

– E é. Os dois têm um caso amoroso desde o Natal.

– Não posso acreditar! – protestou Mina, escandalizada. Tendo levado uma vida calma no campo com os pais, não sabia do comportamento imoral das pessoas da alta sociedade, até que Christine lhe falasse sobre essas coisas.

Depois achou que, como sempre, a amiga estava exagerando. Como era possível que as damas que freqüentavam a corte fossem infiéis aos maridos? Ou os cavalheiros cortejassem as esposas dos amigos?

Quando soube desses fatos, por intermédio de Christine, Mina achou-os tão absurdos, que julgou que fossem produtos da fértil imaginação da amiga.

Agora, disse, em tom firme:

– Garanto, querida, que está enganada. Se o marquês quisesse casar com você, não iria ser... namorado de sua madrastra. Além do mais, você é muito moça para casar.

– Vou fazer dezessete anos daqui a dois meses. E, aí, pretendo casar!

– Com... o marquês?

– Não! Com um homem muito diferente. Ainda não lhe falei sobre ele.

Mina arregalou os olhos.

– Christine! É verdade o que está dizendo?

– Eu queria contar a você, mas Harry fez questão de que fosse um segredo entre nós e jurei não dizer nada a ninguém!

– Então, talvez não deva dizer nada agora.

– Tenho que contar a você. Harry vai compreender. Mas, primeiro, deixe que eu acabe de falar do marquês.

Percebeu que Mina estava atenta e continuou:

– Ele tem fama de ser o homem mais ousado e mais devasso de Londres. Teve casos com dezenas de mulheres bonitas. Há anos que ouço mexericos a seu respeito.

– É verdade que dizem essas coisas... na sua frente? Christine sorriu.

– Não, claro que não. Todos me tratam como criança.

– Então, como é que sabe?

– Porque, minha querida, os criados sempre conversam sobre mexericos como se as crianças fossem surdas. E os criados sabem tudo! – Percebeu que a amiga estava escandalizada e acrescentou, rapidamente: –

Mais ainda: quando estou em casa, tenho meios de descobrir o que está acontecendo. Sei que você não vai aprovar, e foi por isso que nada lhe contei, até agora. Mas, em nossa casa, que é muito antiga, há vários quartos onde se pode ouvir o que dizem num outro.

— Quer dizer que você ficou escutando... às escondidas?

— Foi o que gerações de Lydford fizeram antes de mim — respondeu Christine, na defensiva. — Eu não faria isso quando mamãe era viva, mas, no que diz respeito à minha madrasta, é diferente.

De novo sua voz adquiriu um tom áspero. Mina suspirou e disse:

— Continue sua história.

— Minha madrasta está apaixonada pelo marquês desde que papai foi para a Índia. Geralmente ela se hospedava em casa de outras pessoas, onde ele também ficava, ou o marquês dava festas em Vent Royal, sua casa em Hertfordshire. Mas, quando ele ia à nossa casa, não havia dúvida quanto ao que sentiam um pelo outro.

Christine ficou em silêncio por um momento e depois disse, apaixonadamente:

— Eu ficava enojada de ver os dois se beijando na casa que foi de minha mãe enquanto papai estava na Índia!

Mina tomou-lhe a mão e disse:

— Sinto muito que isso a perturbe tanto, querida.

— Não entendi algumas das coisas que eles disseram. Uma ou duas vezes, ouvi mencionarem meu nome, mas de maneira casual, e não dei importância.

— Mas agora está dizendo que... querem que você case com ele?

— Quando a carta de minha madrasta chegou, hoje de manhã, Hannah me contou o que ela está tramando. Você sabe que não tenho segredos para Hannah. Mina inclinou a cabeça.

— Conte-lhe que minha madrasta tinha arranjado para eu ir para a casa do marquês. Hannah ficou assustada: “Então, é verdade o que a srta. Parsons me contou nas férias passadas! E pensei que estivesse brincando comigo!”, disse ela.

— O que sua madrasta estava planejando? — perguntou Mina.

— Que, se ela tivesse que ir para a Índia, ao encontro de papai, eu iria para a casa do marquês. E, mais tarde, quando eu fosse um pouco mais velha, ele casaria comigo!

– Por que haveria ela de querer isso?

– Veja só como planejou tudo! Se o marquês quer mesmo uma esposa jovem, complacente, ingênua, quem melhor do que uma moça de dezesseis anos que ele pensa que ignora tudo da vida? – Christine respirou fundo e continuou: – Hannah me contou que a srta. Parsons, a criada particular de minha madrastra, disse que o marquês sempre confiou aos amigos íntimos que jamais casaria com uma mulher capaz de lhe ser infiel, como suas amiguinhas são com os maridos.

– Quer dizer que ele acha que é errado?

– Apenas para a mulher dele – respondeu Christine, com sarcasmo.

– Acha bom que as mulheres dos outros se comportem mal com ele. Papai costumava dizer: “Não há homem mais respeitável do que o caçador clandestino que se tornou guarda-florestal”.

Mina não sorriu. Estava com expressão preocupada.

– Ainda não compreendo por que o marquês escolheu... você.

– Ele não me escolheu! Foi minha madrastra quem fez isso. Não compreende? Acha que, se o marquês casar comigo, ela poderá continuar seu caso amoroso com ele, quando voltar da Índia. Garanto-lhe, Mina, que Nadine não tem intenção de perder o amante.

– Mas é horrível e... errado!

– Claro que é! E é por isso que vou casar com Harry. Ele me ama de verdade. Há três anos que me ama.

– Casar com Harry? Mas... quem é ele?

– É o segundo filho do conde de Hawkstone. Disse que, embora eu só tivesse quinze anos, se apaixonou por mim assim que me viu, mas que eu era jovem demais e ele teria que esperar alguns anos.

– Disse que a amava, Christine? Os olhos da outra se iluminaram.

– Não disse isso na ocasião, mas eu sabia que me achava atraente. Depois, quando nos encontramos de novo, me apaixonei por ele.

– Mas você era muito moça! Christine sorriu.

– Às vezes, acho que nunca fui moça como você e, certamente, não tão ignorante, nem tão inocente, Mina.

– Você sempre me pareceu sofisticada e adulta, mas achei que era por eu conhecer poucas pessoas e ser muito inexperiente.

– Quando me apaixonei por Harry, cresci da noite para o dia. Claro, que, a princípio, tivemos que guardar segredo, porque mamãe não teria

concordado, mas ele ia muitas vezes à nossa casa. — Sorriu ternamente e continuou: — Embora conversássemos pouco, eu sabia que era importante para mim, de um modo que não posso explicar, mas que o tornava diferente de todos os outros homens.

Mina sabia que, desde que Christine tinha doze anos, os rapazes a achavam atraente e queriam beijá-la. Escreviam-lhe cartas de amor. A moça guardara algumas, mas Mina obrigou-a a rasgá-las com medo de que a sra. Fontwell as descobrisse. No entanto, nunca a ouvira falar de amor com tanta seriedade.

— Você nunca me contou isso — disse.

— A princípio, achei que poderia dar azar. Depois que mamãe morreu, quando Harry ia à nossa casa, minha madrasta não me deixava vê-lo. Começamos, então, a nos encontrar no bosque, e ele me disse que pretendia casar comigo.

Havia uma nota apaixonada na voz da moça, quando continuou:

— Soube, então, que o amava e que jamais amaria outro homem o mesmo modo.

— Mas você é tão jovem!

— Muitas moças se casam aos dezessete anos. Harry disse que temos que esperar até o meu aniversário. Depois, vai me pedir em casamento a papai.

— Você acha que seu pai consentirá?

Houve uma ligeira pausa, antes de Christine responder:

— O pai de Harry não passa de um conde, e Harry é apenas o segundo filho. Creio que, como sou muito rica, papai, e certamente minha madrasta, vão dizer que eu poderia fazer um casamento mais vantajoso. É por isso que vou fugir.

— Fugir?!

— Harry e eu vamos para Roma, onde mora o irmão mais moço de meu pai. Ele casou com uma italiana e a família não aprovou o casamento. É por isso que sei que, na ausência de papai, ele se constituirá meu tutor e dará permissão para que Harry e eu casemos. Fará isso, em parte para que a família fique despeitada e em parte porque é a favor do amor romântico.

— Parece mesmo muito romântico. Mas você tem certeza de que está agindo certo?

— Certeza absoluta — respondeu Christine, confiante. — Amo Harry e

ele me ama e estamos dispostos a esperar até eu fazer dezessete anos. Mas sei que, se o marquês me pedir em casamento, como pretende, meu pai e minha madrastra me obrigarão a casar com ele.

— Está certa de que ele quer casar com você?

— Lógico! Pelo que diz Hannah, ele sempre quis casar com uma moça inocente, pura, que não iria interferir em suas aventuras amorosas. E agora, Nadine fez todo o trabalho para ele e me apresentou como um coelho que um mágico tira da cartola!

Pareceu amedrontada de repente.

— Se eu for para Vent Royal, ficarei presa numa armadilha. Por isso, a primeira coisa que fiz hoje de manhã foi dar um recado para Harry. Ele veio se encontrar comigo no jardim, depois do almoço.

— Como pôde fazer isso?

— Muito facilmente. Já fizemos antes. Como você sabe, a “Bruxa” descansa depois do almoço e todos esperam que as alunas façam o mesmo. Então, saí às escondidas pela porta do lado e caminhei pela sombra das árvores. Quando cheguei às moitas, Harry estava à minha espera.

Seu rosto adquiriu uma expressão radiante.

— Ele me ama! Harry me ama tanto, Mina, que acha que não podemos correr o risco de perdermos um ao outro. Então, vamos para Roma, assim que eu chegar a Londres.

— E quando vai ser isso?

— Parto amanhã. — Christine apertou as mãos. — Harry é tão inteligente! Percebeu que, se a carruagem de papai chegar aqui na quinta-feira, conforme minha madrastra determinou em sua carta, será difícil eu fugir quando chegar a Londres, onde a carruagem do marquês estará à minha espera.

— Então, que foi que você planejou?

— Harry mandou um telegrama, assinado com o nome do secretário de papai, em Londres, dizendo que os planos foram mudados e que a carruagem chegará aqui amanhã. — Achando que Mina estava um tanto confusa, explicou: — Mas, naturalmente, a carruagem que virá não será a de papai, e sim, uma que Harry vai alugar! Então, não irei para nossa casa em Grosvenor Square, mas para Hawkstone House. O pai de Harry não está em Londres. De lá, seguiremos para Roma, logo de manhã cedo.

— Parece muito complicado. Tem certeza de que não será apanhada?

– Se for, vai haver muito problema, tanto para mim quanto para Harry. E, como é possível que a sra. Fontwell insista para que alguém me acompanhe até Londres, vou pedir para que você vá comigo.

– Claro que farei qualquer coisa... – começou Mina.

Foi interrompida por uma exclamação de Christine, que soou como um grito.

– Mina! Tenho uma idéia! Uma idéia brilhante! Espere um pouco, deixe-me pensar.

Pôs as mãos nas têmporas, como se fizesse um esforço para se concentrar. Depois, disse, lentamente:

– Você vai comigo para Londres. Direi à “Bruxa” que a contratei como minha acompanhante. – Mina arregalou os olhos e a amiga continuou:

– É uma coisa que farei com prazer, querida. Prometo-lhe que, aconteça o que acontecer, você não vai ficar aqui e trabalhar numa posição tão degradante. Mas deixe-me continuar... Fechou os olhos para pensar melhor e prosseguiu:

– Em vez de voltar para cá, depois que Harry e eu partirmos, você irá para Vent Royal e ficará lá, com o marquês, até eu casar.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Mina, atônita.

– Você vai ver! Isso torna as coisas mais seguras para mim. E você terá um lugar onde morar, até que eu mande chamá-la.

– Quer dizer que... devo fingir que sou... você?

– É muito fácil. O marquês nunca me viu.

– Nunca a viu?

– Não. Minha madrasta se encarregou disso! Sempre evitou que o marquês se aproximasse de outras mulheres. E, quando ele ia jantar em nossa casa, as mulheres que ela convidava eram feias ou velhas. – Christine continuou, com ironia: – A única razão de Nadine permitir que me conheça agora é “dos males, o menor”. Ou ele arranja alguém para tomar o lugar dela, uma mulher bonita e atraente; ou encontra uma esposa estúpida e inocente sobre a qual minha madrasta terá controle.

– Compreendo o que quer dizer. Mas, francamente, querida, não posso tomar o seu lugar. Ele perceberia que não sou... você.

– Por que haveria de perceber? Garanto-lhe que nunca me viu. Sempre me recomendavam que ficasse na sala de estudos. Mas eu costumava espiar pelos vários orifícios ocultos que há na casa, e achava vergonhoso o

comportamento deles. — Continuou, em tom encolerizado: — Como já lhe contei, minha madrasta sempre me arranjava, uma “guardiã” nas férias: uma governante velha e aposentada, inofensiva e muito maçante.

Christine suspirou.

— Fazia isso para que eu não interferisse em seus planos. Se eu não fosse, de vez em quando, para a casa de meus primos em Devonshire, ou para a de parentes de mamãe em Edimburgo, creio que teria enlouquecido!

— Você se divertia lá?

— Muito, graças a Deus. Minha madrasta não sabia disso, do contrário, certamente me impediria de ir. Ela me detesta, tanto quanto a detesto, principalmente porque papai gosta muito de mim.

Mina nada disse. Mais uma vez, achou que Christine exagerava no que dizia a respeito da madrasta. Ao mesmo tempo, estava escandalizada com o que ouvia.

Como uma mulher importante como *lady* Lydford se comportava daquela maneira? E certamente, o marquês parecia uma criatura desagradável, que ela não desejava conhecer.

Como se percebesse a hesitação da amiga, Christine pediu:

— Minha querida, ajude-me, por favor! Se não fizer isso, provavelmente me impedirão de casar com Harry. Sabe perfeitamente que muita coisa poderia acontecer na longa viagem até Roma.

— Como é que você pode viajar sozinha com ele?

— Será muito correto, se Hannah me acompanhar. Hannah é a personificação da virtude e da moralidade.

Mina não pôde deixar de rir. Isso era bem verdade. Hannah, era uma presbiteriana convicta, tomava conta de Christine com olhos de lince. Nada de errado aconteceria, enquanto a moça estivesse aos seus cuidados.

— Reconheço que ela será uma acompanhante muito eficiente.

— Eficiente demais, para dizer a verdade! — comentou Christine. — Mas ela gosta de Harry: isso, naturalmente, é um ponto a favor.

— Que idade tem Harry?

— Vinte e sete anos, dez mais do que eu. Portanto, é muito capaz de cuidar de mim, depois que casarmos. Oh, Mina, eu o amo tanto! Sinto-me tão feliz! Pensei que este ano nunca passasse, de tanto que quero ficar com ele! Mas agora, se meu tio concordar, casaremos imediatamente. Se não, teremos que nos esconder, até eu completar dezessete anos.

Pegou as mãos de Mina e continuou:

— Aí é que está o perigo, como você bem deve perceber. Por favor, ajude-me! Não posso perder Harry: toda a minha felicidade depende dele!

— Tenho medo de... fracassar.

— Isso não vai acontecer. E você pode representar seu papel muito melhor do que eu.

— Meu papel?

— O de uma jovem inocente, que ainda não tem dezessete anos.

— Mas sou um ano mais velha do que você! — lembrou Mina.

— Pois bem: não parece! — Christine deu uma risadinha e acrescentou: — De uma coisa tenho certeza: ninguém a tomaria como professora, a não ser a “Bruxa” que lhe pagaria pouco.

Mina suspirou.

— Também pensei nisso.

— Para dizer a verdade, você parece ter catorze anos. E isso, garanto, agradará ao marquês!

— Tenho certeza de que ele não vai acreditar que sou você. Talvez tenha visto uma fotografia sua, ou um quadro.

Christine sorriu.

— As únicas fotografias minhas foram tiradas dentro de casa e dou a impressão de estar saindo de um nevoeiro, por não terem sido bem focalizadas, E nunca pintaram meu retrato.

— Mas minhas roupas não são elegantes como as suas — disse Mina, em voz baixa.

— Lá isso é verdade! Seus vestidos são bonitos, mas uma pessoa experiente como o marquês logo perceberia que não são caros. — Fez uma pausa e depois disse, alegre: — Tenho uma idéia! Lembra-se daquelas roupas que ficaram muito justas para mim e que achei juvenis demais?

— Sim, lembro-me.

— Pois bem, nas férias do verão e no Natal, comprei um novo guarda-roupa. Hannah guardou numa mala todas as outras roupas, íamos levá-las para casa, na Páscoa, mas não havia lugar na carruagem, de modo que as deixei aqui. Pelo que me consta, ainda estão no sótão.

Nos olhos de Mina houve um brilho de interesse, pois Christine, sendo muito rica, usava roupas finas e caras, que causavam inveja a todas as outras alunas.

Quando sua mãe era viva levava-a às melhores lojas de Bond Street. Embora a madrastra se queixasse, dizendo que isso era uma extravagância, Christine continuava comprando nos melhores lugares.

Nem todas as alunas da escola da sra. Fontwell eram ricas, mas havia muita competição entre elas e algumas das mais velhas procuravam rivalizar com a moça.

Mas Christine tinha um corpo bonito e muito bom gosto, de modo que era sem dúvida a rainha da elegância, com seus vestidos de Bond Street.

— Vou dizer a Hannah que mande as criadas trazerem a mala para baixo. Se eu não fosse tão egoísta, já teria me lembrado de dar minhas roupas a você.

— Eu estava muito satisfeita com as minhas. Talvez as suas não me sirvam.

— Claro que vão servir. Cresci muito no ano passado, mas você parece ter continuado usando o mesmo número. — Abraçou Mina. — Precisa de alguém que cuide de você, meu bem. Alguém como Harry. Prometo que, depois que for ao nosso encontro, quando já estivermos casados, lhe arranharei um marido encantador.

— Só o que me importa é que você seja feliz. Para ser franca, Christine não quero casar. Acho que seria assustador, a não ser que estivesse apaixonada.

— Quando se apaixonar, vai ver que é maravilhoso! — Dirigiu-se para a porta, dizendo: — Arrume sua mala, enquanto vou dizer à “Bruxa” que você vai comigo. Pode ficar certa de que ela mudará de idéia e não despedirá a pobre da Smith. A diretora precisa de alguém para atormentar.

Christine fechou a porta e Mina estremeceu.

Sabia que, se tomasse o lugar da srta. Smith, iria realmente ser atormentada pela diretora. Seria humilhante saber que as outras colegas tinham pena dela por deixar de ser aluna para se transformar numa empregada. Uma empregada obrigada a obedecer as ordens da sra. Fontwell, fossem elas quais fossem.

Qualquer coisa seria melhor do que isso.

Depois, teve medo.

Como poderia fingir que era Christine? Como poderia morar na casa

do marquês de Ventnor, sem ser descoberta no momento da chegada?

E, se fosse descoberta, ficaria numa situação desagradável.

Poderia um homem ser tão frio, a ponto de escolher uma esposa só porque a considerava estúpida e inocente a ponto de não perceber que ele tinha casos amorosos com outras?

Poderia *lady Lydford* ser tão sem pudor e calculista como Christine descrevia?

Mina sabia que a amiga costumava exagerar tanto suas simpatias quanto suas antipatias.

Por outro lado, nunca tinha mentido a Mina e não havia motivo para inventar essas coisas.

Estava também horrorizada com a idéia de Christine fugir para casar sem o consentimento do pai. Mas a verdade era que lorde Lydford era muito diferente do pai de Mina.

Ao pensar que nunca mais veria o pai, sentiu as lágrimas voltarem. Embora fosse muito ligada à mãe, tinha amado o pai, primeiro como criança, e depois como moça que adorava o homem mais importante em sua vida.

Estranhamente, sem saber explicar o motivo, quando ele partiu Mina achou que o havia perdido. Chorava todas as noites, com o pressentimento de que nunca mais o veria.

— Papai! Papai! — soluçava. — Por favor, volte!

Rezava sempre para que nada de mau lhe acontecesse. Mas suas preces não foram atendidas, e agora era órfã de pai e mãe.

A única pessoa mais chegada da família era o tio Osbert, que não via há muitos anos e que sempre censurara o irmão por não ter se tornado soldado.

Mas o pai de Mina não queria matar ninguém. Ela sabia que sua bondade era a razão de ele ter tanto poder sobre os animais. Cães e cavalos o seguiam aonde quer que fosse. Chegou mesmo a domar uma lontra selvagem, e o animal aparecia sempre que era chamado.

Mas a especialidade do pai de Mina eram os pássaros. Ensinou à filha seus hábitos e como lidar com eles. Mina gostava de ouvir o pai falar de espécies quase extintas, que só poderiam ser encontradas em lugares remotos do mundo.

Desejou, como tinha desejado centenas de vezes, ter estado com ele, no exterior. Talvez pudesse salvá-lo, quando ficou doente.

Lágrimas correram-lhe pelo rosto, enquanto pensava no sofrimento do pai, sem que os nativos soubessem o que fazer para ajudá-lo.

— Papai! Papai! Se ao menos eu pudesse agora lhe pedir conselho!

Tentou imaginar o que ele teria dito, se lhe contasse os planos de Christine.

Depois, teve certeza de uma coisa: ele detestaria vê-la na mesma situação da srta. Smith.

A sra. Fontwell era cruel com a jovem governanta e o pai de Mina odiava a crueldade. Mais do que isso: sempre dizia que humilhar um ser humano mentalmente era o mesmo que fazer com que sofresse fisicamente.

— Nossa mente é muito sensível, Mina — disse ele, certa vez. — É a expressão de nossa alma e de nosso coração. Lembre-se sempre de que aquilo que pensamos hoje seremos amanhã.

Mina era muito criança, quando ele lhe disse isso, e não tinha entendido bem. Mas, à medida que foi crescendo, compreendeu que os pensamentos de uma pessoa podem influenciar atos. E os atos, bons ou maus, têm origem na mente.

Enquanto enxugava as lágrimas, refletiu que, se o pai fosse vivo, lhe diria para resolver o problema com a mente, e não, com o emocional.

Teve a impressão de que podia vê-lo andando pela costa da África, curioso e excitado, achando que tudo aquilo era uma aventura.

— É isso o que Christine planeja para mim — murmurou. — Uma aventura que não posso... recusar.

CAPÍTULO II

Cavalgando pelos campos, o marquês de Ventnor compreendeu que tinha cometido um erro.

Sempre evitou ter casos amorosos com as vizinhas, sabendo que, quando a aventura terminasse — e geralmente, no que lhe dizia respeito, durava pouco —, seria desagradável encontrar a dama em alguma solenidade do condado.

Mas *lady* Bartlett foi persistente, ao tentar conquistá-lo. Como o marido estava sempre em Londres, atendendo ao príncipe de Gales, ela e o marquês encontravam-se lá, continuamente.

Fascinante, com cabelos escuros e olhos verdes, amendoados, olhos que prometiam exóticas delícias mesmo quando ela falava de coisas banais, *lady* Bartlett tinha conseguido atrair o marquês, mas apenas depois de fazer com que ele percebesse que o considerava o homem mais atraente que conhecia.

Eloise Bartlett tinha um jeito de conversar com um homem como se ele fosse a pessoa que ela mais desejara conhecer, e como se a conversa dele fosse a mais interessante, e a mais inteligente possível. O marquês e lorde Bartlett faziam parte de muitos comitês em Hertfordshire e freqüentemente se viam envolvidos em problemas sobre a agricultura. Assim sendo, ele fez o possível para não ser apanhado na rede que *lady* Bartlett lhe atirou.

Sabia perfeitamente que era uma rede e conhecia tanto a reputação da referida senhora quanto ela conhecia a dele.

Não era pois de admirar que *lady* Bartlett tivesse despertado a desaprovação da rainha. Embora sua majestade passasse grande parte do tempo em Windsor, estava bem informada sobre tudo que acontecia no mundo social. Sentia um antagonismo visceral pelos amigos do filho que considerava como tendo má influência sobre ele. Sem a menor dúvida, *lady* Bartlett estava incluída nessa categoria. Durante algum tempo, o príncipe esteve interessado por ela, e as notícias logo chegaram a Windsor. Assim que o príncipe a deixou, ela olhou ao redor, à procura de outro amante.

Teria que ser distinto; do contrário, ela decairia socialmente, que já seus inimigos tinham ficado triunfantes ao saber que ela perdera as boas

graças do herdeiro do trono.

Conseguira prendê-lo durante algum tempo, mas o príncipe se cansou mais cedo do que ela previa, fazendo com que *lady* Bartlett achasse que precisava arranjar logo um substituto para ele.

Não havia dúvida de que o príncipe de Gales era o maior prêmio que a alta sociedade podia oferecer a uma mulher. Mas o marquês de Ventnor não ficava muito atrás. Havia, naturalmente, vários duques antes dele na escala social, mas o marquês não tinha rival em matéria de fortuna e de reputação. Acabara a ligação com uma viúva muito atraente. O caso poderia ter durado mais, se a dama não demonstrasse tão claramente sua intenção de fisgá-lo para marido.

O eventual casamento do marquês era alvo de várias apostas no White's e em outros clubes. De vez em quando, parecia que ele seria arrastado para o altar, quer o desejasse ou não, mas o instinto de autoconservação fazia com que escapasse no último instante.

A viúva, entretanto, tinha exagerado suas demonstrações em público. E não apenas isso: num momento de intimidade, disse ao marquês que queria ser dele “por toda a eternidade”.

Só esta última palavra bastava para fazê-lo estremecer. Todas as mulheres com quem se envolvia acabavam por entediá-lo cedo ou tarde.

Muitas vezes, perguntava a si mesmo qual seria o motivo.

Algumas das mulheres que o haviam atraído eram, não apenas apaixonadas, como também inteligentes. Tinham um tipo de espírito que fazia com que ele risse. E, certamente, não seriam incluídas no círculo íntimo do príncipe de Gales, se não fossem interessantes, tanto quanto bonitas.

O marquês freqüentemente se perguntava o que seria o amor verdadeiro. E também ficava imaginando por quê, de uma hora para outra, uma mulher deixava de fazer com que seu coração acelerasse. De repente, perdia a vontade de beijá-la e, às vezes, até mesmo de tocá-la.

Foi isso que aconteceu naquela tarde. Enquanto cavalgava pelos campos verdejantes que uniam sua propriedade à de *lorde* Bartlett, ia blasfemando baixinho.

— Fui um idiota!

Tinha encontrado Eloise no pavilhão no meio das moitas que cercavam o jardim da casa, lugar que os dois amantes usaram várias vezes.

O pavilhão era bem decorado, com tapetes macios e um diva

confortável, cheio de almofadas de seda. Tendo experiência sobre a maneira de agradar um homem. Eloise sempre conservava ali uma garrafa do melhor champanhe, num balde de prata, com gelo.

Quando o marquês chegou ao pavilhão, pouco antes das cinco horas, ela o recebeu de braços abertos, erguendo para ele os lábios vermelhos, de um modo convidativo.

O marquês achou que Eloise se mostrava excessivamente impetuosa e que teria obtido melhor resultado se deixasse que ele tomasse a iniciativa. Depois, o fogo dos olhos e dos lábios da mulher despertou nele um certo ardor. Somente uma hora depois, quando tomaram uma taça de champanhe e o marquês disse que precisava ir embora, foi que houve entre eles uma conversa comum.

— Precisa ir tão cedo? — perguntou Eloise, com um ar provocante.

— Tenho algumas coisas para fazer em casa — respondeu, evasivo.

— Que espécie de coisas? Pensei que estivesse sozinho em Vent Royal.

— E estou, com exceção de minha avó.

— Felizmente, ela é idosa. Do contrário, eu ficaria com ciúme.

O marquês não respondeu. Colocou a taça numa mesinha e pegou a cartola e o chicote.

Eloise estava deitada no divã, muito bonita, como ela bem o sabia, de rosto corado e cabelos em ligeiro desalinho. Estendeu os braços e pediu suavemente:

— Venha me dizer adeus.

O marquês sacudiu a cabeça.

— Já cá antes, Eloise. Agradeço-lhe por me ter feito muito feliz.

Quando colocou a mão na maçaneta, *lady* Bartlett soltou um gritinho.

— Quando é que vou vê-lo novamente? Pode vir amanhã, ou depois?

— Mandarei um bilhete, na maneira habitual. Talvez tenha que ir a Londres.

— A Londres? Mas você não acaba de chegar e disse que ia ficar aqui pelo menos uma semana.

Não havia dúvida quanto à nota de censura da voz dela.

O marquês sabia que Eloise detestava o campo. A única razão de ter acompanhado o marido, quando ele resolveu participar do *garden-party* do governador do condado, era saber que o marquês estaria presente.

— Avisarei, quando puder vir de novo, Eloise.

Afastou-se do pavilhão e ainda pôde ouvir os protestos da amante, enquanto se dirigia para o ponto onde estava seu cavalo, no meio das moitas.

Teve a estranha sensação de fim de caso de muitas outras vezes. Soube que não voltaria mais ali.

Não poderia explicar o motivo, mas de repente *lady* Bartlett não lhe interessava mais.

Compreendeu que, quando ela lhe estendeu os braços, pedindo que viesse dizer adeus, e ele respondeu que já havia caído nessa antes, uma história conhecida se repetia.

O desejo de uma mulher de continuar a fazer amor, depois que o auge da paixão havia passado e o homem querer partir, inevitavelmente significava que nada mais os unia.

“É como que ouvir a mesma melodia inúmeras vezes, até se ficar exasperado”, disse o marquês a si mesmo.

De novo reconheceu seu erro ao se envolver com a esposa de um vizinho.

A princípio, tinha sido excitante concordar com a sugestão de Eloise de se encontrarem no pavilhão.

O lugar era tão jeitoso, que ele compreendeu que não era o primeiro homem a usar aquele *rendez-vous*. Mas, achando-a fascinante, isso não o preocupou. Não se preocupou, tampouco, com os criados que arrumavam o diva com suas almofadas de seda e traziam champanhe, sabendo que a patroa estava à espera de alguém.

Não se importou, também, por achar que seus próprios criados deviam ficar curiosos por vê-lo sair a cavalo no fim da tarde e, às vezes, até depois do jantar.

Não adiantava o marquês esperar que não fizessem comentários, pois tinha certeza de que fariam, achando que era mais uma história sobre o patrão para acrescentar às outras.

O que o preocupava era o problema que o esperava em Vent Royal e que começou com uma carta de *lady* Lydford, chegada na véspera.

Sem que Nadine Lydford o percebesse, o marquês começara a se cansar dela um mês antes. Devido a esse tédio, ele se voltou para Eloise Bartlett, que tinha aparecido em sua vida pouco antes da Páscoa.

Seu caso com Nadine durou mais do que muitos outros. No Natal, eles tinham se hospedado na casa de um duque, para uma festa que o marquês

achou mais divertida do que qualquer outra nos últimos anos

Grande parte da atração foi a presença de *lady* Lydford, que ele conhecera dois meses antes e que achava não somente bonita, como divertida. Era espirituosa e ferina o que estimulava o marquês a responder.

Como o tempo estava relativamente bom, a caçada, com os cavalos fornecidos pelo duque, foi excelente.

Houve várias competições de tiro ao alvo e o marquês obteve o recorde de pontos. Nos bailes, *lady* Lydford pôde exibir seus brilhantes e cintilou como uma estrela.

Como o marido dela estava ausente, o marquês não precisou ser muito discreto no relacionamento com Nadine e, automaticamente, formavam um par à mesa de refeições e de jogo.

Quando voltaram para Londres, o desejo que sentiam um pelo outro aumentou. Os amigos estavam dispostos a convidá-los, e iam a quase todas as festas. Pouco depois Nadine foi incluída entre os convidados do Vent Royal.

Às vezes, havia festas grandes, quando o príncipe de Gales era o convidado de honra. Às vezes, reuniões menores, e o marquês e Nadine podiam ficar a sós.

Mas aos poucos, de maneira tão insidiosa que ele mal percebeu, o ardor que ela havia despertado começou a esfriar.

Ao contrário de *lady* Bartlett e de outras amantes do marquês, Nadine Lydford era inteligente demais para sugerir que se amassem “por toda a eternidade”, ou para deixar que ele percebesse que pretendia mantê-lo preso aos seus encantos.

O marquês lhe confiou a idéia que alimentava há muito tempo. Quando casasse, como seus parentes desejavam, seria com uma mulher que lhe fosse fiel, uma esposa-modelo.

Lady Lydford tinha certeza de que, como muitos outros homens, ele estava apaixonado pela idéia de casar com uma mulher parecida com a rainha, do ponto de vista sentimental. Ela havia amado o príncipe Albert apaixonadamente. Depois que ele morreu, usou um luto tão severo, que se retirou da vida pública, indo morrer sozinha no castelo de Windsor.

Pessoalmente, *lady* Lydford achava isso extremamente ridículo. Mas sabia que a rainha, quando mocinha, tinha despertado o instinto protetor de todos que a serviam, a começar pelo atraente e belo lorde Melbourne, que

praticamente a adorava.

Depois, quando ficou viúva, fez com que seus cortesãos e seus estadistas compreendessem que uma mulher não podia fazer maior homenagem a um homem do que sentir tanto a sua falta, que nenhum outro interesse mundano pudesse substituí-lo.

“O que o marquês deseja é uma jovem rainha Vitória, virtuosa e que olhe para ele com a adoração de um cãozinho”, disse Nadine a si mesma.

Quando o marido lhe escreveu, da Índia, contando que o vice-rei o chamara a Simla, provavelmente para lhe oferecer o cargo de governador, ela soube o que deveria fazer. Para conservar o amante, tinha que lhe arranjar uma “esposa-menina”, que o manteria ocupado até ela voltar para a Inglaterra.

A abertura do Canal de Suez tinha encurtado muito a viagem para a Índia. Na realidade, a viagem levava apenas dezessete dias. Depois de instalada como esposa do governador, Nadine pretendia fazer uma rápida visita à Inglaterra, com a intenção de convencer o marquês a reatar seu caso com ela.

Ele tinha viajado muito para o exterior; *lady* Lydford achava que, além de apreciar o exemplo da rainha Vitória, o marquês gostaria da idéia de conservar a esposa atrás de um *purdah*, o que era muito conveniente, do ponto de vista masculino.

A mulher poderia ficar fechada até o homem precisar dela, não interferindo, portanto, nos outros interesses do marido, fossem eles quais fossem.

Quanto mais pensava nisso, mais Nadine ficava decidida a prender o marquês.

Nada melhor, portanto, do que arranjar a mulher que lhe convinha; o ideal seria alguém da família dela.

Lady Lydford era extremamente vaidosa, o que, para lhe fazer justiça, não era de admirar. Sua beleza tinha sido aclamada desde os tempos em que, de moça desajeitada, se transformou numa beldade, sendo chamada por seus admiradores de “deusa da beleza”.

Alta e imponente, caminhava de cabeça erguida e, quando entrava numa sala, atraía todos os olhares.

Tinha resolvido conquistar *lorde* Lydford, desde que soube que ele era, não apenas viúvo, e portanto livre, como muito rico.

Nadine casara pouco antes de sair do colégio, com um homem muito mais velho do que ela. Depois de se habituar com o luxo e a lisonja, compreendeu que era extremamente infeliz.

Isso não durou muito, porque o marido morreu logo. Ela pôde, então, ter inúmeras aventuras amorosas, discretas, mas divertidas, enquanto procurava outro marido.

Lorde Lydford pareceu um ótimo partido, até Nadine perceber que, se tivesse esperado mais um pouco, poderia ter casado com o marquês.

Esse pensamento era tão amargo, que às vezes ela se esquecia das vantagens que o casamento lhe trouxera e de que ficara triunfante, quando lorde Lydford a pediu em casamento.

Agora, com sua mente astuta e calculista, estava empenhada em manter o marido feliz, principalmente por ele ter o importante cargo de governador, e também conservar a afeição do marquês.

“Posso fazer isso! Posso fazer isso!”, disse a si mesma inúmeras vezes, antes de partir para a Índia.

Em sua última noite com o marquês, uma noite de paixão, foi bastante inteligente para não perguntar se ele continuaria amando-a, nem se lhe seria fiel, em sua ausência.

Mostrou-se apenas muito infeliz com a idéia de separar-se dele. Como se fosse um presente de despedida, sugeriu que o marquês casasse com sua enteada.

— Christine tem todas as qualidades que você deseja, querido Tian. É jovem, inocente, idealista e... atraente.

A última palavra foi dita com certa aspereza, como se *lady* Lydford achasse difícil pronunciá-la. Depois acrescentou:

— Claro que isso não lhe interessa, Tian, mas Christine é muito rica. Além de ter herdado uma fortuna da avó, meu marido lhe fez uma doação e ela poderá dispor desse dinheiro quando atingir a maioridade, ou quando casar.

— Não há pressa para eu conhecer esse modelo de virtudes. Isso, como você bem sabe, não passa de uma ilusão.

— Não é verdade — disse Nadine, suavemente. — Sabe que todos os seus parentes estão rezando para que você case e tenha um herdeiro. Se isso não acontecer, caso você tenha um acidente de caça ou seja morto por um marido ciumento, o título irá para aquele seu primo maçante, que tem mais

de cinqüenta anos.

Teve a impressão de que o marquês pouco estava ligando. Insistiu:

— Querido, como pode suportar a idéia de vê-lo no seu lugar? Precisa casar e ter um filho. Para ser franca, uma dúzia de filhos, para manter a esposa ocupada.

O marquês riu, com ar arrependido.

— Não sei por que caí na asneira de lhe contar meus pensamentos! Você está me pressionando, e de um modo que não me agrada.

— Terá que casar um dia, cedo ou tarde. Aí, então a moça que procura talvez não esteja disponível. Garanto que Christine tem todos os requisitos.

Ao dizer isso, refletiu que a enteada não era exatamente uma jovem rainha Vitória, nem em caráter, mas pelo menos era bonita e, o que achava muito aborrecido, inteligente.

Enquanto o marquês pensava no assunto, ela o observou, e mais uma vez achou-o o homem mais atraente que conhecia. Não era apenas bonito; tinha um ar reservado, distante, de modo que nunca sabia o que estava pensando, ou sentindo.

Além de sua bela aparência, havia sua fortuna e sua posição social. Ela não iria perdê-lo, de modo algum.

O marquês deixou-a, pensando na idéia do casamento, mas logo percebeu que não tinha intenção de aceitar semelhante sugestão.

Tinha feito confidencias a Nadine, depois que ela lhe contou que a duquesa de Wrexingham estava decidida a fisgá-lo para a filha mais velha.

— Sei muito bem disso! — protestou, na época. — Gostaria que as mulheres me deixassem em paz. Se casar um dia, será quando eu mesmo o decidir.

— E quando vai ser isso? — perguntara Nadine.

— Quando encontrar uma esposa jovem, inocente, pura e complacente.

Na ocasião, quis apenas surpreendê-la, mas Nadine fora suficientemente esperta para incentivá-lo a levar a idéia a sério.

— Querido Tian, você é muito inteligente por pensar numa coisa tão original! — dissera, com entusiasmo. — Naturalmente, essa é a solução ideal para qualquer homem na sua posição, mas poucos pensam nela.

Lisonjeado, o marquês falou mais do que pretendia.

Diante de um fato consumado, disse a si mesmo que era cedo demais.

Em todo caso, a idéia era impraticável.

Consternado, recebeu uma carta de Nadine no dia seguinte, trazida por um mensageiro, dizendo que ia mandar Christine para a casa dele, onde a moça ficaria, na ausência dela, para que ele a conhecesse bem.

Acrescentou que seria também um ato de bondade, porque assim não teria que se preocupar com as férias da enteada, nem com os toques finais de sua educação, tão importantes no ano anterior ao *début* de qualquer moça. Escreveu, ainda:

“Ela vai aprender muito, em Vent Royal. Sei que sua querida avó, que gosta de ter gente moça à sua volta, apreciará a companhia de Christine.”

“Se ela não estiver à altura de sua expectativa, tomarei outras providências, assim que voltar. Mas creio que vai achar que é a esposa ideal que está procurando, e não precisará procurar mais.”

Nadine terminou a carta com alguns elogios ao marquês, que ele achou divertidos, assim como com um efusivo tributo às suas qualidades de amante perfeito, coisa que já tinha ouvido falar muitas vezes.

Somente depois que terminou de ler a carta, foi que compreendeu que Christine já devia ter tomado providências para deixar o colégio.

Nadine deixara claro que só o que ele tinha a fazer era mandar sua carruagem a Londres, no dia seguinte, para apanhar a moça em casa do pai, onde estaria à sua espera.

— Diabo! É uma imposição! — O marquês exclamou para si mesmo.

Compreendendo que seria complicado mudar esses planos, disse a si mesmo que o fato de Christine vir para Vent Royal não o obrigava a nada.

Muita gente acharia estranho ele hospedar uma jovem, mas ela estaria bem acompanhada por sua avó. Afinal, tratando-se de uma moça de dezesseis anos, esse gesto só poderia ser considerado uma gentileza feita a *lady* Lydford, que naturalmente teria dificuldade de levar a enteada para a Índia.

Com o passar das horas, ele acabou acreditando que talvez fosse até interessante.

Como Nadine tinha percebido, o marquês achava tocante a dedicação da rainha ao marido morto. Quando esteve no Oriente, ele também achou que o costume dos marajás, de manterem suas mulheres através de um *pardah*, era um arranjo ideal. O que não estava disposto a reconhecer, nem mesmo para si próprio — teria se considerado hipócrita, se o reconhecesse —,

era que, no fundo do coração, sentia-se escandalizado com a imoralidade das damas da sociedade com as quais se divertia.

Era bastante inteligente para saber que a atitude do príncipe de Gales, que inaugurara uma nova moda nos costumes, era uma reação direta contra a virtude afetada da corte da rainha. E essa virtude, por sua vez, uma reação contra os excessos do príncipe regente, que mais tarde, se tornou George IV.

Naquela época, a licenciosidade dos almofadinhas e dos elegantes tinha sido escandalosa. Mas a atitude solene do príncipe Albert havia sido extremamente maçante. Muitas vezes, o marquês ria dos primeiros vitorianos que chegavam a cobrir as pernas dos pianos e das mesas, para que não despertassem desejos imorais.

Agora, em Marlborough House, onde o príncipe de Gales tinha a última palavra, aceitava-se que uma mulher bonita, depois que casasse e desse filhos ao marido — principalmente um herdeiro —, poderia ter aventuras amorosas discretas. O importante era que não houvesse escândalo.

O que acontecia com elas não era segredo para as amigas. Provavelmente, conversavam sobre seus amantes, contando cada um deles como um troféu.

O marquês tinha visto maridos complacentes no clube, das quatro a tarde até a hora de irem para casa se vestir para jantar, e disse si mesmo que jamais faria tal coisa, degradante em sua opinião.

Uma coisa era ser o amante ardente, o homem que conquista o coração de uma mulher e a torna sua, embora ela legalmente pertence a outro homem; outra bem diferente, era ser traído e humilhado, sabendo que a esposa prefere outro homem, talvez melhor do que ele.

Jamais suportaria isso!

Embora ele consentisse em ser admirado, perseguido e conquistado por mulheres bonitas que o desejavam, sabia que o que sentia por elas era apenas físico e que uma parte de sua mente e talvez de sua alma ficava chocada com aquela libertinagem.

Imerso em seus pensamentos, o marquês só percebeu Royal Vent quando surgia ante seus olhos.

Era uma bela casa, muito diferente da de lorde Bartlett e mesmo de qualquer outra mansão do condado.

Vent Royal tinha sido construída no tempo de Carlos II, depois de a Restauração devolver aos realistas suas propriedades. O rei recém-coroadado

começou uma de suas primeiras viagens pelo país hospedando-se em Vent House, e trocou o nome da mansão para Vent Royal.

A casa foi aumentada por sucessivas gerações da família Vent, ficando muito maior, e, no século anterior, muito mais impressionante.

Apesar disso, ainda guardava um pouco da magia de quando foi construída.

O marquês às vezes tinha a impressão de que o riso e a alegria do rei, que havia esperado tanto para subir ao trono, ecoavam na parte mais antiga da casa, onde Carlos II tinha dormido, e provavelmente, se divertido com uma de suas belas amantes.

Desde menino, o marquês instintivamente tomou o rei por modelo, talvez porque houvesse retratos dele pendurados em vários quartos e sua presença ainda parecesse impregnar a atmosfera.

Leu todos os livros que pôde encontrar a respeito de Carlos II, admirando seu espírito, sua sabedoria, e, sua determinação em manter a forma física. Seguiu seu exemplo, andando a cavalo, nadando, velejando, caçando e jogando tênis.

Certa vez, conversando com lorde Clarendon, Carlos II disse que o jogo de tênis diário era seu “exercício habitual”; agora, o marquês achava que fazer amor talvez estivesse incluído nessa categoria.

Naturalmente, foi inevitável a outra faceta do caráter do rei, que incluía o desejo por mulheres bonitas, fizesse com que o marquês desejasse seguir seu exemplo nisso também.

Às vezes, refletia, com sarcasmo, que havia tantas Barbara Castlemaines, Nell Gwynns e Louise de Keroualles em sua vida, como tinha havido na do rei.

Carlos casou com uma moça pura, virginal, e foi uma pena ela não poder lhe dar o herdeiro tão necessário.

Também nesse particular o marquês tinha intenção de seguir o exemplo do rei.

O sol se punha no horizonte e as cores do céu se refletiam tanto nas centenas de janelas de Vent Royal, que elas brilhavam, quentes, douradas e acolhedoras. De repente, Tian sentiu que não apenas era sua obrigação, como também um dever sagrado, ter um herdeiro para continuar o nome da família, assim como as inúmeras reformas e as idéias modernas que tinha adotado desde que herdara o título.

Poucas pessoas sabiam o quanto o marquês era progressista como senhor rural e que, apesar de sua fama de frivolidade, se preocupava profundamente com as condições de vida dos que o serviam, e com o bem-estar dos que moravam em suas propriedades.

Só seu secretário particular sabia como era generoso com centenas de pessoas que o procuravam para pedir auxílio.

Ao olhar para sua casa, o marquês reconheceu, pela primeira vez, que já era tempo de casar. Ia fazer trinta e dois anos. Se esperasse muito mais, não podia ensinar os filhos a atirar, a andar a cavalo, nem poderia levar uma filha ao primeiro baile.

Deu um sorriso torto, ao pensar em si próprio como pai de família. Depois achou que o casamento talvez desse outro interesse à sua vida, impedindo-o de ficar entediado tão depressa com as mulheres que a princípio lhes pareciam desejáveis.

Tinha terminado seu caso com Eloise Bartlett e, para ser sincero, não desejava mais ver Nadine Lydford.

Ficou contente quando ela foi para a Índia, mas a mulher certamente deixou um lembrete na pessoa da enteada. “É hoje! Ela chega hoje!”, lembrou.

Era extremamente irritante que as coisas tivessem sido arranjadas com tanta pressa, mas sabia que Nadine agira assim, simplesmente para que ele não pudesse se recusar a hospedar Christine.

Em sua carta, ela nem mesmo se dera ao trabalho de mencionar o nome do colégio, mas fez questão de avisar que a carruagem do marquês devia ir buscar a moça em Londres, porque, caso contrário, ela teria que ficar lá.

“Maldição! que mulher mandona!”

Depois, riu.

Sempre apreciou a esperteza de Nadine, que permitia que ela conseguisse o que queria, embora encobrisse sua determinação com palavras agradavelmente doces.

Era uma espécie de crueldade que o marquês achava que também possuía. Portanto, não podia deixar de admirar tais métodos.

“Se a garota não se comportar, coloco-a num navio e mando-a para Madras.”

Se Christine tinha mesmo dezesseis anos, não poderia casar antes de se passar mais um ano. Isso daria tempo ao marquês para verificar se a idéia de

educar sua futura esposa era uma possibilidade, ou apenas uma ilusão, como ele dissera a Nadine.

Apesar de tudo, a idéia era ridícula. Pensara nisso apenas como proteção contra as mulheres calculistas que queriam uma aliança no dedo.

Mais ainda, ele não tinha experiência com mulheres jovens.

Muitos de seus parentes tinham filhos, mas, o marquês não se lembrava de suas idades. Estava quase certo de que não havia entre eles nenhuma moça bonita e atraente.

Mas achava que as jovens de dezesseis anos eram desajeitadas como potrinhos, sem graça, inseguras e, certamente, não sabiam conversar.

“Como eu poderia suportar isso?”, perguntou a si mesmo, lembrando-se das conversas divertidas nos jantares de Marlborough House e de Sandringham.

Sentiu nostalgia, só de pensar nas conversas brilhantes das senhoras de vestidos bonitos e tiaras nos cabelos bem penteados, com brincos que reluziam a cada movimento da cabeça.

Pensou na beleza da princesa Alexandra, em suas feições clássicas, nos olhos bonitos que fitavam o príncipe de Gales com adoração, embora os dele se dirigissem para outros lados.

A princesa era o que considerava uma esposa perfeita. Quando chegou da Dinamarca, era jovem e sem sofisticação.

Quando cavalgava pela alameda de cascalho, o marquês pensou, com um sorriso:

“Pelo menos, essa garota vai ser uma novidade e, talvez de certo modo, uma aventura”.

Ao entrar no saguão, Tian entregou o chapéu e o chicote a um dos lacaios. Quase ao mesmo tempo seu secretário, o sr. Caruthers, apareceu.

Havia em seu rosto uma expressão que disse ao marquês que a hóspede havia chegado.

— A srta. Lydford está aqui, milorde. Faz mais de uma hora.

O marquês sentiu uma ligeira nota de censura na voz do secretário.

— Tenho certeza de que você providenciou para que ela tivesse todo o necessário, Caruthers. Onde está, agora?

— Trocou de roupa, milorde, e o espera na biblioteca. O marquês pareceu ligeiramente surpreso e o secretário continuou:

— Pensei, naturalmente, em levá-la para a sala de visitas. Mas, como

não tinha certeza se o senhor ia ou não demorar, achei que a mocinha gostaria de ficar vendo livros, ou os jornais que estão na biblioteca.

— Fez muito bem, Caruthers. A srta. Lydford já ficou conhecendo minha avó?

— Como o senhor deve estar lembrado, hoje de manhã nos disse que iria, pessoalmente, levar a srta. Lydford para conhecê-la.

— Sim, sim. Tinha me esquecido. Dirigiu-se para a biblioteca, sem mais nada para dizer. Com o tato habitual, o secretário estava deixando que ele recebesse a hóspede, sozinho.

De repente, lhe ocorreu que ela devia ter achado assustador chegar a uma casa estranha. Se ele tivesse pensado melhor, teria mandado alguém buscá-la em Londres.

Na carta, Nadine dizia que a moça ia trazer sua criada particular. Bom, já era uma companhia e não havia razão para ele sentir remorso.

Um laçao abriu a porta da biblioteca.

Era um aposento grande, com estantes cheias de livros do chão ao teto. A coleção era famosa e continha primeiras edições preciosas. O marquês estava habituado a ver pessoas se admirarem diante da magnificência do lugar, ficando também impressionadas com o teto pintado.

A princípio, pensou que a sala estivesse vazia. Depois, viu alguém; não, examinando os livros, como ele esperava, nem lendo os jornais colocados sobre uma banquetta diante da lareira, e sim, à janela, olhando para fora.

Ficou surpreso, pois Christine era miúda e frágil, muito mais do que imaginava.

A moça pareceu ouvi-lo, porque se virou para olhá-lo. O marquês achou que devia haver algum engano. O rosto não era o de uma mocinha, mas o de uma quase-menina, apesar de muito bonito! rosto oval, com cabelos louros encaracolados e olhos azuis.

Quando se aproximou, percebeu, surpreso, que a expressão dela era, sem dúvida, de medo.

CAPÍTULO III

À medida que a carruagem se aproximava de Vent Royal, Mina foi ficando cada vez mais nervosa.

Repetia a si mesma que não devia ter concordado com um plano tão assustador, mas sabia que a segunda alternativa — ficar no colégio e submeter-se a toda espécie de humilhação por parte da sra. Fontwell — seria muito mais terrível.

A princípio, pareceu excitante fugir com Christine, que estava feliz com a idéia de ir ao encontro de Harry.

Era também um consolo saber, que, dentro das outras malas que vinham na carruagem, havia os lindos vestidos que a amiga lhe dera, assim como chapéus que combinavam com eles.

Nunca imaginou que chegasse a possuir nem mesmo um só vestido tão bonito e caro. Eram de tecidos caros, mas de uma simplicidade enganadora. Mina desejou que seu pai pudesse vê-la usando-os. A moda tinha substituído as anquinhas, por um laço grande nas costas, na parte de baixo da saia, de onde saíam babados de renda ou de cetim.

A cinturinha fina, o corpete justo, as mangas curtas eram muito atraentes. Os vestidos tinham ficado curtos e apertados para Christine, mas eram do comprimento e largura exatos para Mina.

Agradeceu tanto pelo presente, que a amiga ficou constrangida.

— Estou com vergonha, Mina, querida, de não ter pensado antes em lhe dar esses vestidos. Quando você for para a Itália, prometo que lhe darei um enxoval completo de coisas lindas.

— Por favor, não fale em... enxoval. Essa palavra me assusta.

— Também fico assustada ao pensar que, a não ser que você me ajude, serei obrigada a casar com o marquês.

Embora nada dissesse, Mina achou que Christine tinha razão em pensar que com a reputação que possuía, o marquês faria qualquer mulher infeliz. Sempre havia imaginado como seriam os devassos sobre os quais lia em livros de História. Agora, não só ia conhecer um, como morar em sua casa.

“Preciso considerar isso uma experiência. E não devo demonstrar que

estou escandalizada com o comportamento dele.”

Ao mesmo tempo, achava que, se o marquês fazia mesmo a metade das coisas que Christine lhe atribuía, ficaria chocada e seria difícil evitar que ele o percebesse.

Durante a viagem para Londres, Christine falou em Harry o tempo todo. Mina compreendeu que, devido à promessa ao namorado, ela havia reprimido seus sentimentos durante tanto tempo, que agora eles explodiam como a rolha de uma garrafa de champanhe.

— Eu o amo! Eu o amo! Vamos ser imensamente felizes. Graças a Deus sou rica, e não vamos precisar morar numa cabana, contando os níqueis!

Ocorreu a Mina que talvez Harry quisesse casar com Christine apenas por ela ser rica, mas depois que o conheceu soube que isso não era verdade e que ele amava Christine por ela mesma.

O pai de Mina lhe ensinara a ter uma percepção desenvolvida a respeito das pessoas, assim como dos animais e dos pássaros. Instintivamente, ela percebeu que Harry era honesto e sincero, assim como seu amor por Christine.

O rapaz as esperava em Hawkstone House. Quando o criado abriu a porta, a moça saltou rapidamente da carruagem e subiu correndo os degraus da frente, ao encontro do namorado. Mina ouviu-o dizer:

— Você veio! Eu não podia acreditar que não acontecesse alguma coisa no último momento que a impedisse de vir.

— Sim, estou aqui! — respondeu Christine, vibrante de alegria. Depois, lembrou-se de Mina. Apresentou-a a Harry e entraram em casa. Foram para a sala de visita.

O chá as esperava. Christine serviu-o e Harry disse:

— Vamos partir amanhã bem cedo. Quero pegar o expresso de Roma, em Paris, amanhã à noite. — Sua voz suavizou-se. — É uma viagem longa, minha querida, e não quero que fique cansada.

— Não vou ficar cansada, estando na sua companhia. Olharam um para o outro e se esqueceram de tudo mais. Quando voltou à realidade, Christine explicou ao namorado que Mina tinha prometido ir para Vent Royal. Ele ficou atônito.

— Acha isso sensato?

— Você precisa compreender que assim será muito mais seguro para nós, querido. Há sempre a possibilidade de meu tio não estar em Roma

quando chegarmos. Ou talvez ele se oponha a que eu case antes de fazer dezessete anos. Então, se minha madrastra soubesse que eu não estava em Vent Royal, conforme o combinado, todo mundo iria me procurar.

— Compreendo o seu ponto de vista — disse Harry, pensativo.

Mina achou que era um belo rapaz, mas não tanto como a amiga dizia.

Tinha cabelos louros, penteados para trás, e era o perfeito exemplo do inglês sadio e bem-educado.

— É muita bondade sua em fazer isso por nós — disse ele.

— Confesso que estou nervosa, mas quero ajudar Christine. Sempre foi muito boa para mim.

— E espero que seja boa para mim também — observou Harry, sorrindo.

— E eu poderia ser outra coisa? Mina é a minha melhor amiga, Harry. Desde a morte do pai, ficou sem dinheiro. Sei que você vai compreender, querido, que depois do nosso casamento quero que ela vá ficar conosco na Itália, ou seja lá onde for.

Mina observou o rosto de Harry: se ele não gostasse da idéia, se houvesse a menor hesitação de sua parte ela não iria lhe impor sua presença.

Mas o rapaz sorriu e disse, imediatamente:

— Claro! É uma ótima idéia. Acho que a srta. Shaldon não vai querer estar aqui, quando estourar a notícia do nosso casamento.

— Oh, eu não poderia suportar isso! — protestou Mina.

— Assim que não houver perigo, mando-lhe um telegrama — prometeu Christine. — Então você terá que arranjar uma desculpa para sair de Vent Royal. — Deu um gritinho: — Mas, é claro! Preciso deixar dinheiro para você poder viajar!

— Não, por favor... Ainda tenho um pouco.

— Que vai ter que durar muito! — disse Christine, lembrando-se da carta do tio de Mina. — Vou dar-lhe um cheque, mas talvez seja melhor você não descontá-lo até ser preciso, porque poderia perder o dinheiro, ou ser roubada.

— Prometo ter muito cuidado. E, se eu for ao encontro de vocês, farei tudo para não incomodar e procurarei um emprego qualquer.

Achou que o casalzinho não ia querer a companhia dela na lua-de-mel. Mas esses problemas poderiam ser resolvidos na ocasião oportuna.

Como se adivinhasse o que a amiga estava pensando, Christine disse a

Harry:

– O importante, como você bem sabe, é estarmos casados antes que meu pai e minha madrasta possam fazer qualquer coisa.

– Isso é o que mais desejo na vida – respondeu ele, com voz grave. – lá andei indagando e sei que a embaixada britânica em Roma está apta a ajudar os ingleses que se acham na Itália.

Christine sorriu feliz.

– Agora, só o que nos resta é convencer o tio Lionel. Já que ele caiu em desgraça com a família, creio que não fará oposição ao nosso casamento.

– Vamos torcer para isso, querida.

Terminado o chá, subiram para ver os quartos que haviam sido preparados para elas. Hannah já tinha tirado da mala dois ou três vestidos para Mina.

Naturalmente, a moça teve que sair do colégio usando um de seus próprios vestidos que, como bem sabia, parecia exatamente o que era: barato e feito pela costureira da aldeia.

Hannah apresentou agora um vestido de viagem muito atraente, com capa combinando, que Christine tinha deixado de usar. mas que, para Mina, pareciam novos.

Havia um chapéu, para ser usado um pouco atrás. Que o rosto infantil de Mina, dava a impressão de uma auréola.

– O que vou usar para o jantar hoje, Hannah? – perguntou Christine.

O modo da patroa falar fez com que Hannah perguntasse:

– Não vão jantar aqui?

– Não. O sr. Hawk disse que como seus pais estão no campo, o *chef* saiu de férias. De modo que jantaremos fora.

– Se quer saber minha opinião, acho isso um risco desnecessário – disse Hannah secamente. – Suponhamos que alguém os veja?

– Ninguém nos verá – declarou Christine, com firmeza. – E não tenho a intenção de perder uma noite em Londres, comendo pão e queijo! Além do mais, vai ser um prazer para a srta. Shaldon.

Apesar dos protestos da criada, Christine insistiu em usar um de seus vestidos de noite mais bonitos. Mina escolheu, na “mala mágica”, um que lhe ia muito bem.

Harry levou-as a um restaurante sossegado. Foram para um compartimento com cortina, que os ocultava parcialmente dos outros

fregueses.

— Como é que você conhecia esse lugar? — perguntou Christine, quando se sentaram. Harry sorriu.

— Está aí uma pergunta que você não devia fazer.

— Quer dizer que trouxe suas amiguinhas aqui?

— É outra pergunta para a qual não há resposta.

Mina ficou apreensiva, temendo que a amiga levasse a mal a resposta de Harry. Mas Christine disse, apenas:

— Não estou preocupada com seu passado, querido, contanto que você saiba que eu sou o seu futuro.

— Pode ter absoluta certeza disso. E, se quiser, dou-lhe a minha palavra de honra de que a única mulher bonita que vou trazer aqui, no futuro, será você!

— É o que eu queria que dissesse.

Os dois agora só tinham olhos um para o outro e Mina foi esquecida.

O jantar foi delicioso, mas, assim que terminou, Harry as levou de novo para sua casa.

— Numa outra oportunidade iremos ao teatro — disse ele, a Mina. — Pois, como não quero que Christine fique cansada, acho que ela deve ir para a cama e sonhar comigo.

— Creio que vai ser difícil dormir, sabendo que amanhã vamos iniciar nossa grande aventura.

— É exatamente o que será: uma aventura, meu amor, que vai durar a vida inteira.

Sorriram um para o outro e Mina pensou em como pareciam felizes. Eles se amavam e, fossem quais fossem as dificuldades que encontrassem, estariam juntos, e nada mais importaria.

“Mas eu estou sozinha. Tenho que contar comigo e mais ninguém.” Pensou a mesma coisa no dia seguinte, de manhã, quando Christine se despediu e foi para a Estação Vitória, em companhia de Harry e de Hannah.

— Só o que tem a fazer, querida, é tomar a carruagem que Harry alugou para você e ir para Lydford House. As únicas pessoas que estão lá são os caseiros, que são muito velhos.

— Mas sabem que não sou você? — respondeu Mina, com ar infeliz.

— Não há motivos para eles se preocuparem com você. Todos os outros criados foram para o campo, como sempre fazem quando papai e

Nadine estão ausentes. — Notando que Mina continuava preocupada, acrescentou: — Lá, você precisa esperar pela carruagem do marquês. Fique no saguão e diga aos criados dele, não aos nossos que são muito velhos, que levem sua bagagem para a carruagem. Isso parecia assustador a Mina, mas, no final, tudo correu bem. Não havia dúvida de que *lady* Lydford tinha mandado um bilhete aos caseiros, para que esperassem por sua enteada. Como não gostava de Christine, não providenciou para que alguém a ajudasse a trocar de carruagem.

Embora nada dissesse à amiga, Mina teve medo de que o secretário de lorde Lydford aparecesse na última hora, ou mesmo algum parente do dono da casa.

Mas tudo correu sem nenhuma pergunta. Mina achou que talvez *lady* Lydford não quisesse que os parentes do marido soubessem dos planos para Christine.

Fosse como fosse, os caseiros eram velhos demais para demonstrar curiosidade: um dos empregados do marquês, muito elegante, cuidou da mala e da chapeleira.

Depois que passou a excitação da fuga, Mina achou bom que a carruagem fosse tão confortável. Os quatro cavalos eram puros-sangues, os arreios de prata tinham o brasão do marquês e a libre dos lacaios era imponente.

Esperava que Vent Royal fosse uma mansão magnífica, mas nunca pensou que fosse tão bela.

Quando a carruagem entrou na alameda e ela viu a casa pela primeira vez, achou que tinha uma beleza e um encanto que pareciam fazer parte de um sonho.

À medida que se aproximava de Vent Royal, chegou à conclusão de que, embora essa experiência fosse assustadora, havia a compensação de conhecer a magnífica mansão, mesmo que não houvesse nenhuma outra vantagem.

Estava certa de que a história da propriedade era fascinante. Lembrou-se de que sua mãe dizia que as casas ancestrais tinham curadores que conheciam não somente os objetos de arte que continham, como a história de cada um deles.

“Preciso ficar sabendo tudo a respeito de Vent Royal.”

Depois que entrou, foi levada para o quarto mais bonito que tinha

visto na vida, e sentiu que as portas se abriam para que ela entrasse num mundo novo e completamente diferente.

— Não trouxe sua criada de quarto, senhorita? — perguntou, com ar de surpresa, a governanta vestida de seda preta.

Mina já esperava por essa pergunta.

— Infelizmente, não. Minha criada. Hannah, teve que me deixar, por motivos de família.

Achou que isso não estava muito longe da verdade. Tinha resolvido mentir o mínimo possível.

— Nunca diga uma mentira, se puder evitá-la — seu pai lhe disse, um dia. — Cedo ou tarde, será apanhada.

Mina sabia que estava certo. Embora tivesse que representar um papel, achava que, se dissesse a verdade a respeito de tudo, exceto sobre sua identidade, não fracassaria em sua missão de ajudar Christine.

— Vou mandar uma das criadas para ajudá-la, senhorita — disse a governanta. — Quando acha que sua criada particular poderá vir; para cá?

— Francamente, não sei. Mas ficarei grata, se puder dispensar uma das empregadas para me servir.

— Não é problema, senhorita.

Obviamente, esperavam que ela trocasse o vestido de viagem por um mais leve. Escolheu um traje bonito de seda branca com rendas na saia e uma faixa da cor de seus olhos.

Como a governanta e uma criada a ajudavam, Mina não pôde se olhar demoradamente no espelho, como gostaria de fazer.

Embora soubesse que o vestido desenhado para Christine fazia com que parecesse muito jovem, ele lhe ficava bem. E nunca pensou que tivesse um corpo tão bonito.

A cintura era muito fina. Quando abotoou o vestido nas costas a governanta disse:

— A senhorita deve ter emagrecido. Vou mandar a costureira que mora aqui apertá-lo.

— Obrigada.

— Mas é provável que engorde. Todos dizem que o ar de Hertfordshire desperta o apetite, e não há dúvida de que isso é verdade em relação a Vent Royal.

— Garanto que essa é apenas uma das maravilhas do lugar! — disse

Mina, e percebeu que a mulher ficou satisfeita com o comentário.

Depois de pronta, desceu, e o mordomo levou-a para a biblioteca, explicando que havia jornais e revistas que ela poderia ler, enquanto esperava pelo marquês. Mas, assim que se viu só, Mina correu para a janela e ficou olhando o jardim que descia até o lago. Do outro lado da água dourada pelo sol, viu os carvalhos enormes do parque, assim como vários veadinhos à sombra das árvores. Ficou imaginando como seu pai teria ficado contente, se pudesse ver tantos, reunidos.

Ele gostava de veados. Muitas vezes lhe descreveu os animais adultos, de chifres altos, que vira na Escócia.

— Você matou algum, papai? Ele sacudiu a cabeça.

— É uma coisa que eu nunca faria. Os veados são animais tímidos, e prefiro observá-los. Na próxima vez que for para o Norte, pretendo fotografá-los.

Ultimamente, o pai de Mina se dedicava à fotografia. Embora as primeiras fotos de animais e de pássaros não tivessem saído boas, ele insistiu, a tal ponto que, quando partiu para o Egito, seus trabalhos pareciam sensacionais, na opinião de Mina. — Depois que você voltar, precisa fazer uma exposição, papai — disse ela. — Até lá, espero ter fotografias de animais bastante raros e interessantes.

Nunca veria as fotos tiradas por ele, pensou com tristeza. Talvez seu tio, não se interessando por essas coisas, nem se desse ao trabalho de trazê-las para a Inglaterra.

“Um dia, talvez eu possa comprar uma máquina fotográfica.”

Mas era muito difícil que pudesse gastar dinheiro, a não ser em coisas absolutamente necessárias.

Da janela, observou não apenas os veados, como também pássaros voando pelo jardim e borboletas nas flores. Era tudo tão bonito, que ela parecia estar sonhando acordada. Quando ouviu a porta se abrir, virou-se maquinalmente.

Depois, o medo fez com que seu coração acelerasse. O homem que entrava devia ser o marquês.

Houve um momento de silêncio. Mina não conseguiu falar e respirava com dificuldade.

O marquês disse:

— Peço desculpas por não ter estado aqui para recebê-la, mas seja

bem-vinda a Vent Royal.

Estendeu a mão ao dizer isso. Um pouco atrasada, Mina fez uma reverência.

Seus dedos tocaram os dele, e ela sentiu como se houvesse uma estranha vibração entre os dois.

O marquês era muito diferente do que esperava. Como Christine disse coisas terríveis a respeito dele, Mina o havia imaginado como um devasso, de aparência sombria, sinistra e debochada.

Em vez disso, era um homem muito bonito, de pele clara, embora queimada de sol, cabelos escuros, não pretos, e olhos de um cinzento de aço. O queixo quadrado e a boca firme indicavam uma personalidade forte, determinada.

Notando isso, Mina ficou ainda mais nervosa.

— Fez boa viagem? — perguntou o marquês.

— Sim... obrigada.

Teve vergonha de sua voz soar tão fraca e tão baixa.

— Eu mandaria alguém ao seu encontro, em Londres, se tivesse tido um pouco mais de tempo para planejar. Mas só recebi a carta de sua madrastra ontem.

Parecia haver uma censura em sua voz.

— Sinto... muito — murmurou Mina.

— Qual o seu nome?

Como a pergunta foi inesperada, surpreendendo-a, respondeu, sem refletir:

— Mina.

Nem bem falou, lembrou-se horrorizada, de que estava no lugar de Christine.

— No colégio me chamam de Mina... porque sou miúda — explicou, apressadamente. — Mas meu nome, pelo qual me chamam em casa, é... Christine.

— Sim, agora me lembro. Foi assim que sua madrastra a chamou, na carta. Mas acho que “Mina” lhe assenta bem, e talvez você deva usar esse nome aqui em Vent Royal.

Isso certamente facilitaria as coisas para ela. Sem esperar sua resposta, ele continuou:

— Pois bem, Mina, agora vou apresentá-la à minha avó. Como sou

solteiro, ela mora aqui e está ansiosa por conhecê-la.

Dirigiu-se para a porta e Mina o seguiu.

Ao lado do marquês, parecia muito pequena, chegando apenas ao ombro dele. O contraste era tão grande, que achou que ele não ia pensar que tinha mais de dezessete anos, a idade da moça que esperava.

Quando subiam a escadaria e chegaram ao patamar largo, cheio de quadros nas paredes, Mina percebeu que havia tanta coisa para admirar que, por um momento, se esqueceu do medo.

O marquês caminhava depressa e, obviamente, nada tinha de especial para dizer.

Atravessaram vários corredores e chegaram ao que ela achou que devia ser a parte sul da casa.

Quando bateu numa porta larga, o marquês explicou:

– Minha avó tem sua suíte aqui, onde, se quiser, pode hospedar seus amigos particulares. É um arranjo muito cômodo, porque, de certo modo, podemos ter uma vida doméstica separada.

Tian esperava, com isso, tornar claro para a garota, desde o princípio, que, quando ele recebesse seus amigos, ela deveria ficar na parte da casa reservada à avó.

Não havia dúvida de que ela não compareceria às festas que ele desse, impróprias para uma criatura tão jovem.

Uma criada idosa abriu a porta e fez uma reverência.

– Sua avó o espera, milorde. Ouviu dizer que a moça chegou e deseja conhecê-la.

– Achei que ela devia estar curiosa, Agnes. Entraram num aposento grande, com três janelas dando para o jardim. A sala era muito bem decorada.

Sentada perto de uma das janelas, numa poltrona confortável, estava uma senhora idosa, bonita, de cabelos brancos, com um xale chinês sobre os joelhos. Ela ergueu os olhos para o marquês, e Mina percebeu que estava satisfeita por vê-lo.

– Está atrasado, menino levado! Espero que tenha uma boa desculpa por ter feito uma hóspede esperar. Mesmo assim, você sabe que foi indelicado!

– Como a deixei esperando também, vovó, peço que me perdoe. Atravessou a sala, pegou a mão da avó e beijou-a.

A moça seguiu-o e ficou à espera. A marquesa estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Estou encantada por vê-la aqui, Christine. Admiro muito seu pai e estou contente por ele ocupar um cargo tão importante na Índia.

— É muita bondade sua receber-me aqui, senhora — disse Mina, fazendo uma reverência.

— Deve agradecer a meu neto, não a mim. — Acrescentou com ar malicioso: — Nunca o vi convidar uma pessoa tão jovem para se hospedar em Vent Royal. Tenho certeza de que será uma experiência nova para ele.

O marquês não se perturbou com essas palavras.

— A srta. Lydford disse que a chamam de Mina, porque é tão miudinha. O nome parece apropriado.

— Creio que é uma abreviatura de Wilhelmina — observou a marquesa.

— Sempre achei Wilhelmina um nome muito pedante. E também muito comprido — respondeu a moça, sorridente.

A presença da marquesa não a intimidava, como a do marquês. Ele agora a encarava com expressão crítica, e ficou vermelha.

— Acho que Mina é um nome encantador e vamos chamá-la assim — disse a marquesa. — Ficarei muito interessada em saber se está gostando daqui e se vai concordar com os planos... educativos que meu neto tem para você.

Houve uma pausa evidente antes da palavra “educativos”. De novo, os olhos da velha tiveram uma expressão de malícia.

— Não assuste Mina, senão ela pode fugir, como as suas pombas, vovó. Wicks me contou que estavam faltando duas, hoje de manhã.

— Mais duas? — perguntou a marquesa, exasperada. — Que aborrecido. Devem estar fazendo seus ninhos na mata. Garanto que vão voltar, quando tiverem fome.

— Espero que sim. Mina ouvia atentamente.

— A senhora tem pombas brancas? Que lindo! Foi uma coisa que sempre desejei possuir.

— Olhe pela janela, que poderá vê-las.

Mina não esperou por outro convite e correu para a janela do meio.

Dava para uma parte do jardim diferente da que tinha visto da biblioteca. Aqui havia um gramado grande, cercado por uma sebe feita com

arte; no meio, vários pombais, e um grande número de pombas brancas.

Era um espetáculo tão bonito, que Mina ficou olhando, fascinada.

— São lindas! É uma pena perder até mesmo uma só delas! A senhora as tem há muito tempo?

— Há quase dez anos. Como você bem pode imaginar, nascem muitas todos os anos, para compensar a perda das que fogem ou morrem.

— Talvez amanhã eu possa vê-las de perto.

— Claro, minha cara — respondeu a marquesa, sorrindo. — E você também parece uma pombinha branca, com esse vestido bonito.

— Gostaria que fosse verdade. Papai sempre dizia que pareço uma garriça curiosa.

De repente, percebeu que estava falando de si mesma, e não, como se fosse Christine.

Teve a desagradável sensação de que talvez o marquês soubesse se lorde Lydford se interessava, ou não por pássaros.

— E o que há de especial na garriça, para que você pareça com ela? — perguntou a marquesa.

Mina sorriu.

— É um passarinho comum, a não ser pelo fato de, surpreendentemente, ter um canto forte e cantar o ano todo.

— E você canta? — perguntou o marquês. Mina teve um sobressalto.

— Se eu disser “sim”, pode parecer convencimento. Mas a garriça tem bem poucas outras qualidades, exceto que, para um pássaro tão pequeno, parece extraordinário que possa botar de seis a oito ovos.

O marquês riu.

— Não há dúvida de que você está bem informada.

— Acho o que Mina diz muito interessante. Vejo que gosta de aves, querida, e, como gosto de minhas pombas, teremos pelo menos uma coisa em comum.

— Espero que sim, senhora.

A marquesa olhou para o neto.

— Sugiro, Tian, que Mina fique aqui comigo, até a hora de eu ir para a cama. Depois, como não há ninguém em casa, acho que ela deve jantar com você.

Fez uma pausa. Como ele não respondesse, continuou:

— Vocês dois precisam de se conhecer melhor. Mas creio que Mina

compreenderá que quando houver uma festa, ela deve jantar aqui em cima, até fazer seu *début* na sociedade.

— Sim, compreendo. E prefiro que seja assim.

Achou que seria um erro ser vista por um dos convidados do marquês, caso um deles conhecesse lorde Lydford e a esposa. Além do mais, depois de tudo que Christine lhe contara, não tinha vontade de conhecer as damas da sociedade, que se comportavam de maneira tão censurável. Se eram todas levianas como a madrastra da amiga, quanto menos se envolvesse com elas, melhor!

Como tinha medo do marquês e achava que seria um sacrifício jantar a sós com ele, disse, vivamente:

— Talvez o senhor marquês prefira que eu jante aqui em cima. Ficaria muito satisfeita se mandassem uma bandeja para o meu quarto.

— Seria muito pouco hospitaleiro da minha parte — ele respondeu, antes que sua avó dissesse qualquer coisa. — Estou antecipando o prazer de saber mais alguma coisa a seu respeito, Mina, além do seu conhecimento sobre pássaros.

Beijou de novo a mão da marquesa e acrescentou:

— Boa noite, vovó. Não fique acordada até muito tarde, tagarelando com Mina. Sabe que os médicos dizem que precisa repousar.

— Os médicos parecem umas comadres velhas! Como já disse a eles várias vezes, vou ter muito tempo para descansar, quando estiver na sepultura.

— O que está muito longe para ser levado em consideração. O marquês saiu, e Mina teve uma sensação de alívio.

Durante todo o tempo que ele esteve ali, sua presença a perturbou: achava-o intimidante e, de certo modo, perturbador.

Não sabia se era essa a palavra certa, mas a sensação existia. Disse a si mesma que era por saber que ele a encarava como sua futura esposa.

Gostaria de poder dizer-lhe que ela nunca seria isso e que estava escandalizada e horrorizada por ver que um homem podia encarar o casamento de um modo tão frio.

O casamento só devia acontecer quando duas pessoas se amavam totalmente, como Christine e Harry.

Gostaria de poder lhe dizer também como achava sua idéia de educá-la tola e desagradável.

Desaprovava inteiramente o que ele pretendia fazer, mas era de absoluta importância que não soubesse que sua hóspede era uma impostora. Se descobrisse, talvez tentasse impedir o casamento de Christine.

Lembrando-se do queixo quadrado do marquês, da expressão determinada de seus lábios, teve certeza de que ele faria qualquer coisa para conseguir o que queria.

Pensando nisso, esqueceu-se de que a marquesa estava ali, sentada, observando-a com olhos sagazes.

– O que a preocupa, menina? Mina levou um susto.

– Desculpe-me, senhora. Fui indelicada, mas não tive intenção.

– Acho que estava sonhando acordada. E fiquei imaginando se sonhava com meu neto. Tenho certeza de que o acha bonito.

– Estava pensando, senhora, que é um homem decidido a obter o que quer e talvez isso aconteça porque foi mimado a vida inteira.

Falou sem pensar que poderia parecer indelicada. Quando notou a expressão de surpresa da velha, acrescentou, rapidamente:

– Desculpe-me, por favor. Eu não devia ter dito isso.

– Claro que devia. Disse o que achou que era verdade. Gosto quando falamos a verdade; principalmente, quando se trata de meu neto.

Ergueu as sobrancelhas e acrescentou:

– Muitas moças elogiam a beleza e o encanto dele. Mina deu um sorriso tímido.

– Não pretendo ser impertinente, senhora, ao repetir uma frase de minha babá: “A beleza é superficial, e é com o seu caráter que você deve se preocupar; não com o seu rosto”.

A velha riu.

– Está aí uma coisa que deve dizer ao meu neto, embora eu não possa compreender que o esteja criticando, conhecendo-o há tão pouco tempo!

– Não... claro que não! A marquesa tornou a rir.

– Acho que está, sim, e vai ser muito bom para ele! Será, sem dúvida, uma experiência nova para Tian.

Mina achou que tinha errado ao falar o que pensava.

– Por favor, senhora, não tive intenção de dizer nada de desabonador a respeito de seu neto. Infelizmente, às vezes, digo coisas sem pensar.

– Eu também era assim, em moça, e por isso tinha fama de ser i uma espirituosa perigosa.

Percebeu que Mina ouvia de olhos arregalados e continuou:

— Isso dava resultado, porque, como as pessoas nunca sabiam o que ia dizer em seguida, sempre me escutavam. E ser ouvida é tão lisonjeiro, garanto-lhe, como ser olhada.

— Tenho certeza de que também, olhavam para a senhora. É muito bonita.

— Já que ficou estabelecido que você diz a verdade, vou aceitar isso como um elogio.

— Não pensei para dizer isso. Simplesmente, me escapou. A marquesa tornou a rir.

— Estou percebendo, Mina, que a pequena garriça que você é cantará maravilhosamente em Vent Royal. E vou apreciar cada nota de seu canto!

CAPÍTULO IV

Enquanto esperava por Mina, de costas para a lareira, o marquês sorvia seu champanhe.

Refletiu que a avó devia estar achando muito divertido ele ter que cuidar de uma garota.

Quando a informou da chegada de Mina, a velha dissera:

– Isso é novidade, Tian. Se bem me lembro, suas amiguinhas deixaram cavalos, cães, quadros, malas e outras coisas para você tomar conta e, certa vez, até mesmo um papagaio! Mas não me lembro de jamais ter visto uma delas deixar um filho aos seus cuidados!

– Nadine Lydford teve que partir de repente para a Índia.

– Não se pode dizer “de repente”, quando há meses todos sabiam que iam oferecer ao marido dela o cargo de governador. Mas talvez tivesse boas razões para não ir antes ao encontro dele e para deixar a garota com você.

Não havia dúvida quanto à nota de censura na voz dela. Mas o neto apreciava a inteligência da velha e até mesmo suas brincadeiras, de modo que respondera:

– Nadine achou que eu poderia dar à moça aquele polimento extra que fará com que venha a brilhar na sociedade do mesmo modo que a madrastra já brilha.

– Tenho certeza, de que, se a moça fizer isso, Nadine tratará logo de apagar esse brilho.

O marquês não pôde deixar de rir. Sabia que a avó não apreciava Nadine e que, embora tivesse bastante tato para não manifestar sua opinião, desaprovava o caso entre os dois.

Teve medo de que, devido à opinião que tinha da madrastra, a marquesa antipatizasse com a enteada.

Mas parecia que, desde o momento que conheceu Mina, a simplicidade encantadora da moça conquistou a velha senhora. O marquês achou que o futuro se apresentava cor-de-rosa.

O mordomo abriu a porta e anunciou:

– A srta. Lydford, milorde.

Enquanto Mina atravessava a sala, Tian observou-a. Não era

desajeitada como esperava que fosse. Na realidade, a moça se movia com uma graça que talvez lhe tivesse sido ensinada, mas sem nenhum acanhamento, o que era um dom natural.

Mina fez uma reverência, e o marquês apreciou não apenas o movimento, como o vestido que usava. Como conhecedor de modas femininas, soube que era uma roupa cara, mas, ao mesmo tempo, de grande simplicidade e de extremo bom gosto.

Ficou imaginando se teria sido escolhido por Mina ou por Nadine, mas depois achou que a madrastra não teria se esforçado tanto para que a garota ficasse tão atraente.

— Boa noite, Mina! Creio que não seria correto oferecer-lhe uma taça de champanhe, mas, como vai ser nosso primeiro jantar juntos, acho que podemos esquecer as regras em ocasião tão auspiciosa.

— Obrigada, milorde. Mas, por favor, só um pouquinho.

O marquês foi buscar uma taça numa mesinha e entregou-a a ela.

— Se eu tivesse que fazer um brinde, seria à sua casa, que é tão bonita que parece um sonho.

— Agrada-me que pense assim. Tenho muito orgulho de Vent Royal e de ser seu proprietário, enquanto eu viver.

— Em outras palavras, um “guardião do futuro”, como seus ancestrais foram, antes do senhor.

O marquês ficou surpreso com a perspicácia de Mina, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o jantar foi anunciado e eles se dirigiram para a sala que havia sido redecorada no século anterior.

Era impressionante, com colunas numa das extremidades, uma enorme lareira de mármore entalhado e vários quadros valiosos.

Depois que se sentaram, o marquês percebeu que Mina os examinava. Disse, com um leve sorriso:

— Vejo que se interessa por pintura.

Interesso-me por tudo que é bonito, e vejo que tem uma bela coleção de Leys.

— Ele pintou as beldades que adornavam a corte de Carlos II. A que está à sua frente, e que é um belo exemplar do trabalho dele é Bárbara Castlemanie, a duquesa de Cleveland.

Mina examinou o retrato atentamente, e o marquês disse:

— Ela era, sem dúvida, muito bonita. Não acha que sua madrastra é

também uma bela mulher?

Fez a pergunta por mera curiosidade, mas não esperava que Mina ficasse subitamente tensa.

Ela estava na realidade tão interessada pela beleza da casa que se esquecera do quanto desaprovava a vida do marquês e seu plano chocante para casar com Christine e poder continuar sua ligação com *lady* Lydford.

Agora, ao se lembrar de que Bárbara Castlemaine, que tinha sido amante de Carlos II e que *lady* Lødford era amante do marquês, achou que ele estava insultando Christine, e isso a deixou zangada.

Após uma pausa, respondeu:

— Acho, milorde, que não seria correto eu fazer comentários pessoais sobre minha família com... um estranho.

Por um momento, o marquês pensou que não tinha ouvido direito.

Não ficaria mais atônito, se todos os objetos da mesa o tivessem atingido.

Já era bastante estranho que aquela menina lhe dissesse o que era correto ou não; mas o pior era que ela tinha razão!

Claro que não devia ter feito a pergunta, mas nunca lhe ocorreu que a filha de lorde Lydford conhecesse seus sentimentos por Nadine, ou os dela por ele.

Embora Mina ainda estivesse no colégio, devia ter ouvido os mexericos que circulavam na alta sociedade; ou então, os criados tinham feito comentários na frente dela.

O marquês estava acostumado a viver na corte, tendo, às vezes, que enfrentar situações perigosas, de modo que respondeu, quase imediatamente:

— Claro que tem razão. Embora eu conheça seu pai e sua madrasta há muito tempo, nós dois mal acabamos de nos encontrar.

Mina não olhava para ele; mesmo assim, o marquês sorriu com um ar sedutor e continuou:

— Como está hospedada aqui, isso será facilmente remediado. Espero que, nas conversas que vamos ter de agora em diante, possamos falar com franqueza sobre qualquer assunto que nos interesse.

Teve a impressão de estar sendo um tanto pedante, mas era um esforço para aplacar Mina e fazer com que não o olhasse de maneira hostil como parecia encará-lo.

Como podia imaginar que ela sabia de seu caso com Nadine?

Depois, achou que tinha sido muito tolo de acreditar que ela não desconfiaria de que havia mais alguém na vida de Nadine, além de seu pai.

Sabia também como as mulheres eram indiscretas, quando estavam apaixonadas. Falavam com as criadas particulares, com o cabeleireiro, com as amigas íntimas e, talvez, no caso de Nadine, até com enteada.

Ninguém melhor do que ele sabia como Nadine era apaixonada e possessiva e por que motivo queria que o marquês casasse com Christine.

O fato de ter tão habilmente conseguido que hospedasse a moça, sem lhe dar oportunidade de recusar, era, para uma pessoa perspicaz, muito significativo.

“Preciso ter cuidado para tratar disso”, pensou ele.

— Você vai encontrar aqui em casa muitos quadros e móveis da época de Carlos II. Foi um monarca que sempre admirei, e gostaria de saber sua opinião sobre um belo retrato dele que está na escada.

— Já o notei — respondeu Mina. — E gostaria de lembrar-lhe, milorde, de que foi a primeira pessoa a introduzir patos em Londres, em St, James Park.

— Como sabe disso?

— Ele deu também ao parque um casal de pelicanos.

— De Astracã, um presente do embaixador russo — murmurou o marquês.

Notou que, agora que falava de aves, a expressão hostil desaparecera do rosto de Mina. De novo, seu tom de voz era atraente e musical.

— Claro que é um outro tipo de ave — comentou o marquês. — Mas, por que se interessa tanto por patos?

Ela ia responder que, tendo morado no campo, em Lincolnshire, os patos que seu pai estudava faziam parte da vida cotidiana deles. Lembrou-se a tempo de que julgavam que era Christine. Por outro lado, não havia motivo para que o marquês, que nunca tinha visto Christine, estranhasse que ela gostasse de patos.

— Gosto de todas as aves, mas acho que não há nada mais bonito do que um bando de patos voando de madrugada, ou ao entardecer.

— Concordo com você. Só não posso acreditar que se levante de madrugada, apenas para vê-los.

— Levanto-me, sim, na época certa do ano! Sabe o que vi, certa vez?

Percebendo que ele estava interessado, Mina não pôde deixar de

contar-lhe o que acontecera nas últimas férias que tinha passado em casa, antes de seu pai partir para o estrangeiro.

— Perto do lugar onde eu morava... estava hospedada, havia uma lagoa, com um lúcio grande. Ele estava esperando para agarrar uma ninhada de patinhos, mas vi a mãe carregá-los nas costas, até ficarem em segurança num lugar mais raso.

Mina falava com um entusiasmo que indicava que dizia a verdade, mas o marquês olhou-a, incrédulo.

— Você mesma viu? Eu já tinha ouvido falar nisso, mas sempre pensei que fosse invenção.

— Não é, não. Vi com meus próprios olhos.

— Então, teve muita sorte. É uma coisa que eu também gostaria de ver.

Mina não respondeu, porque se servia de um prato que parecia delicioso e diferente. O marquês perguntou:

— De que outras aves gosta?

— Seu eu disser que quero estudar todas elas, vai achar que estou pretendendo fazer uma coisa que levaria anos...

— É verdade. Como desejo falar com você sobre seus estudos, gostaria que me dissesse de que gosta, quais suas matérias prediletas, além do estudo dos pássaros.

— Se quer saber o que eu gostaria de estudar, digo que é literatura, o que garanto que posso encontrar em sua biblioteca, e a história de outros países, principalmente da Grécia.

O marquês ergueu as sobrancelhas.

— Considera isso essencial para sua educação? Mina inclinou a cabeça.

— Eu poderia fazer uma lista de outras matérias, se tivesse professores para me orientarem.

Falou com certa tristeza, sabendo que não ficaria ali tempo suficiente para aprender muita coisa.

Se tivesse apenas dezesseis anos, teria sido excitante contar com mais um ano para aprender as matérias que eram dadas às alunas ricas da escola da sra. Fontwell.

Sendo extremamente inteligente e tendo passado muito tempo com o pai, Mina tinha facilmente conseguido ser a primeira da classe. Mas ficou decepcionada, pois a diretora estava mais interessada em ensinar coisas que

considerava de importância social do que as que desenvolviam cultura.

O francês estava na primeira categoria, mas não o grego. O latim era desprezado como inútil. Algumas informações sobre os governantes da Europa e sobre a localização geográfica dos países que governavam eram os únicos conhecimentos que a sra. Fontwell considerava necessários para uma futura debutante, em matéria de História Universal.

Mina desejava ter aprendido muito mais. Agora, se pudesse ficar em Vent Royal durante tempo suficiente, encontraria respostas para centenas de perguntas sobre as quais nada lhe tinham dito no colégio.

— Talvez seja melhor você me dar uma lista do que deseja fazer, para que eu tome as providências necessárias — disse o marquês. — Provavelmente, vai querer também aulas de dança?

— Está aí uma coisa que nos ensinaram bem no colégio. Mas gostaria de aprender esgrima, equitação, arco e flecha e tênis.

De novo, Tian ficou surpreso. Jamais considerou esgrima um esporte feminino, e Mina era muito pequena e frágil para fazer um exercício essencialmente masculino.

A seguir, achou que, com sua graça de movimentos, talvez tivesse a destreza dele, que o tornava um dos maiores esgrimistas de Londres.

— Se não encontrarmos um professor de esgrima aqui no campo, creio que eu mesmo terei que lhe dar aulas.

Os olhos de Mina se iluminaram.

— Faria isso? Muitas vezes fiquei observando outras pessoas praticarem esse esporte e conheço os principais movimentos e posições. Mas nunca pude praticá-los.

Mina tinha desejado ardentemente ter aulas de esgrima, mas era um dos “extras” que faziam crescer as contas da escola.

Assistia às aulas de Christine e conhecia todos os movimentos. Achou que seria excitante ter o marquês como professor.

— A esgrima não é difícil — disse ele. — Nem o tênis. Tenho aqui uma quadra que é exatamente igual a que foi construída para Henrique VIII. Creio que você sabe que esse jogo foi inventado para ele.

— Sim, sei. Muitas vezes fiquei observando os jogadores, mas nunca tive oportunidade de jogar.

Não era certamente um esporte para mulheres, e a sra. Fontwell o desaprovava. Mas os pais de algumas das alunas mais velhas gostavam do

“tênis real”, como era chamado, e permitiam que as filhas jogassem nas férias.

Quando as colegas foram levadas para a quadra mais próxima, que ficava em Windsor, Mina as acompanhou, como um privilégio, devido à insistência de Christine.

— Acho que talvez seja pequena demais para esse esporte — disse o marquês.

— Mas gostaria de experimentar. Sou muito mais forte do que pareço. Ele sorriu.

— Você é uma caixa de surpresas. E creio ser desnecessário perguntar se quer montar os meus cavalos. Suponho que vai escolher os mais fogosos.

— Está sendo adivinho.

— Vejo que vai ter muito com que ocupar e não vai ficar aborrecida, como poderia ficar, morando no campo.

— Eu nunca me aborreceria no campo.

Houve um momento de silêncio, e o marquês disse:

— Creio que sei o motivo. Nunca se sentiria aborrecida nem solitária, porque teria a companhia dos pássaros e de outros animais.

Viu a reação de Mina e continuou:

— É um insulto você parecer tão surpresa. Não sou assim insensível como julga.

Era estranho, pensou o marquês, achar que tinha que se justificar aos olhos dessa menina, que era muito diferente do que ele esperava e que tinha uma conversa, no mínimo, incomum.

Todas as mulheres com quem jantava a sós sempre procuravam atraí-lo fisicamente, falar de si mesmas e do relacionamento que tinham com ele.

Com Mina só discutia assuntos impessoais, mas os achava extremamente interessantes.

Depois que os criados se retiraram, ele disse:

— Garanto que está em dúvida se a primeira coisa a fazer amanhã será ir às cocheiras ou ver os pombais de minha avó.

— Estou louca para ver as pombas!

— Por quê? — perguntou o marquês, sabendo que a resposta seria inesperada.

— Eram as aves de Afrodite. E os gregos apreciavam sua meiguice e sua beleza.

— Afrodite era, naturalmente, a deusa do amor.

Ao dizer isso, o marquês ficou observando Mina, para ver se ela se contraía, com quando, inadvertidamente, ele falou em sua madrastra. Mas a moça parecia seguir o curso de seus pensamentos.

— A pomba pertencia a Afrodite; a águia, a Zeus; o pavão, a Hera, abrindo sua cauda de estrelas para a rainha do céu. — Sorriu e acrescentou: — E o pato, a Poseidon, o deus do mar.

— Você me faz lembrar de coisas de que me tinha esquecido há muito tempo. Mas creio que estou certo ao dizer que, para Apolo, era o cisne.

— Isso mesmo! — concordou Mina, como se ele estivesse sendo muito inteligente. — Apoio tinha também o gavião e o corvo, para levarem suas mensagens.

— Agora compreendo por que acha que cada um de nós se parece com uma ave. E, se você é uma garriça, um pássaro muito modesto, o que sou eu?

Sem refletir, Mina respondeu imediatamente:

— Mas, naturalmente, quem mais poderia representá-lo, milorde, a não ser a águia, a rainha das aves e também uma ave de rapina?

Imediatamente, ficou imaginando se não teria sido indelicada. Olhou para o marquês, para verificar se ele tinha ficado ofendido.

— Compreendo perfeitamente o seu raciocínio, Mina. Mas acho que, comparando-se a uma ave de rapina, você se esqueceu de uma coisa.

— Que coisa?

— Lembro-me vagamente de ter lido que os camponeses da Europa setentrional juram que a águia carrega nas costas a garriça, o menor pássaro da espécie à qual você julga pertencer, para salvá-la, voando sobre centenas de quilômetros de terras pantanosas e sobre o mar, em direção ao norte.

Mina deu um gritinho e bateu palmas.

— Lembro-me de ter ouvido isso, também. Não há razão para não ser verdade, e é uma idéia linda.

Parecia encantada, e o marquês percebeu que ela estava considerando aquilo de maneira impessoal.

Nem por um momento, Mina pensou, como qualquer outra mulher pensaria, que, simbolicamente, ele poderia carregá-la!

Quando foi para as cachoeiras, na manhã seguinte, o marquês não se

surpreendeu por Mina já estar lá.

Na véspera, ele disse que, se ela quisesse andar a cavalo, bastaria pedir ao cavaleiro chefe que lhe arranjasse o animal mais apropriado.

— Acha que ele deixaria que eu escolhesse o que quisesse? — Mina perguntou.

— Creio que ficaria apreensivo.

— Espero que ele logo aprenda a ter confiança em mim. — Mina fez uma reverência e acrescentou: — Obrigada milorde. Foi uma noite muito interessante.

Ela subiu a escada, e novamente surpreendeu o marquês não olhando para trás.

Qualquer outra mulher teria apoiado a mão no corrimão, ao chegar em cima, e olhado coquetemente para ele, dando um último aceno. Mas Mina se dirigiu diretamente para o quarto como se já tivesse se esquecido da existência dele.

Quando foi para a biblioteca, Tian pensou que havia sido uma noite cheia de fatos inesperados.

Em primeiro lugar, a aparência infantil de Mina era enganadora. Ela não apenas era muito mais inteligente do que ele esperava, como possuía muito mais conhecimento.

Durante o jantar, tinham falado muito sobre Carlos II, e o marquês ficou admirado ao perceber que ela sabia de fatos da vida do rei que só podia ter aprendido lendo muito sobre o assunto.

A política externa do rei, seus interesses científicos e caçadas eram coisas que Mina podia discutir, além das opiniões de Carlos II, sobre o absolutismo, a astrologia e o povo holandês.

— Como sabe tantas coisas a respeito dele? — perguntou, depois de comentarem a claustrofobia que afligia o rei.

— Sempre considerei Carlos II o mais fascinante dos monarcas da Inglaterra — respondeu Mina, com simplicidade. — Enquanto as outras alunas se interessavam principalmente por Nell Gwynn e por Louise de Keroualle, sempre achei que ele era muito mais do que um simples devasso.

Ao dizer isso, lembrou-se de que também tinha pensado que o marquês era um devasso. Ficou vermelha, e ele adivinhou a causa desse constrangimento.

Teve vontade de desafiá-la e perguntar quem lhe havia falado a

respeito dele, mas decidiu que era muito cedo. Mina já o censurara por ser muito individualista; não ia se expor à novas críticas.

Depois que foi para a cama, percebeu, com surpresa, que não conseguia dormir, pensando nos assuntos que haviam discutido.

Mas agora, ao vê-la nas cocheiras, parecendo tão ridiculamente jovem, achou que devia ter imaginado aquelas conversas. Não podiam ter acontecido com uma mulher; somente com um homem.

— Bom dia, milorde — disse o velho cavaleiro, quando o marquês se aproximou.

Mina estava acariciando um dos cavalos e virou a cabeça.

— Bom dia Abbey. Bom dia, Mina. Já escolheu o cavalo que quer montar?

A moça olhou para o cavaleiro, que disse:

— A questão é a seguinte, milorde: a mocinha quer montar o Pirilampo, mas não acho que seja apropriado para ela, nem seguro.

— Não há dúvida de que me deu trabalho, quando o montei, a última vez — respondeu o marquês. — Então, Mina, acho que tem que escolher um outro.

— Creio que me disse, milorde, que eu poderia escolher o que quisesse. Se eu tivesse dinheiro, estaria disposta a apostar que Pirilampo se comportará comigo!

Nem bem disso isso, compreendeu que de novo tinha cometido uma gafe. Esperou que o marquês não percebesse, ou simplesmente pensasse que ela se referia a não ter dinheiro ali, consigo.

Apesar disso, ficou nervosa por ser tão tola a ponto de se esquecer que estava passando por Christine. Afastou-se do cavalo que Abbey queria que ela montasse e foi para a baia de Pirilampo, que estava relinchando e protestando por não receber atenção suficiente.

O marquês achou que o que estava acontecendo era de se esperar, levando-se em consideração o quanto os animais significavam para Mina.

Ela entrou sem medo na baia de Pirilampo, apesar dos resmungos de Abbey. Conversou com o cavalo acariciando-o e, ao que pareceu, convenceu-o a ficar bem-humorado e a deixar que lhe colocassem os arreios.

O marquês ajudou-a a montar, mas ficou apreensivo, achando que talvez ela estivesse sendo excessivamente confiante com o animal que ele próprio tinha encontrado dificuldade em controlar.

Mina sorriu, como se achasse que ele se comportava como uma babá medrosa, e fez Pirilampo andar, a ponto de o marquês ter que montar apressadamente, para poder alcançá-la.

Mais tarde, mal pôde acreditar que o passeio tivesse corrido sem incidentes. Não podia adivinhar que o pai de Mina, não tendo dinheiro para adquirir boas montarias, muitas vezes comprava cavalos que precisavam ser domados e que ela ajudava nessa tarefa.

Aprendeu com ele um truque especial, que fazia com que os animais logo confiassem. A batalha estava ganha desde o princípio.

Não havia dúvida de que Mina montava bem. O marquês ficou admirando suas costas retas, o jeito de segurar a rédea, a maneira como falava constantemente com Pirilampo. Isso o surpreendia mais ainda, porque nunca tinha ouvido falar que lorde Lydford fosse um grande cavaleiro. Sabia também que Nadine montava o mínimo possível.

Quando voltavam para casa, depois de galoparem bastante, o marquês concluía que estava ali, uma coisa sobre a qual tinha mais a aprender do que a ensinar! Vendo como Mina estava corada, devido ao exercício comentou:

— Acho que você é uma bruxa, que fez feitiçaria com Pirilampo. Tem sido um animal difícil, desde que o comprei.

— É um cavalo soberbo! Comporta-se mal porque percebe que as pessoas têm medo dele.

— Talvez seja verdade, mas já tentou derrubar a baia com coices e machucou um cavaliço, que ficou de cama durante quinze dias.

— Vou ensiná-lo a se comportar.

— Como?

— Não sei explicar por meio de palavras. Mas... Ia dizer: "Papai era capaz de controlar qualquer animal que quisesse", quando se lembrou do papel que estava representando.

— Mas... o quê? — perguntou o marquês.

— Como o senhor disse ontem a noite, estou aqui para aprender.

— Agora, está sendo irritantemente evasiva. Tenha cuidado, ou seu professor vai ter que castigá-la.

— E como faria isso?

— Sempre achei que o castigo devia ser de acordo com o crime. E desconfio de que o que mais lhe doeria, Mina, seria eu proibir que andasse a cavalo; ou a trancasse no quarto, onde não poderia ver os pássaros.

– Se fizesse isso, eu voaria para bem longe.

– E uma águia a traria de volta.

A moça riu.

– Mas, primeiro, teria que me encontrar. Esqueceu que a garriça é uma criatura pequena, insignificante? O senhor poderia voar como um rei, nas alturas, sem me ver escondida em meu ninho, ou talvez numa moita.

– Você me subestima, mas espero que nunca seja submetido a semelhante teste.

Falavam em tom de brincadeira, mas Mina pensou, de repente, que muitas brincadeiras acabavam se tornando sérias.

Se ela fugisse de Vent Royal, de uma coisa tinha certeza: o marquês não iria à sua procura, nem se interessaria em saber seu destino.

No momento atual, só o que importava era que ela podia montar os cavalos dele e explorar o lugar mais maravilhoso que jamais tinha visto, um verdadeiro paraíso, o jardim do Éden.

Tomaram o desjejum, assim que chegaram em casa. Depois, Mina subiu para trocar de roupa e o marquês foi para a biblioteca.

Seu secretário o esperava com uma pilha de cartas para assinar e uma lista de pessoas da propriedade que queriam uma entrevista.

Dali a algumas horas, o sr. Caruthers disse que não havia mais nada para o patrão resolver, no momento.

Só então, o marquês se lembrou de Mina. No saguão, perguntou ao mordomo onde estava ela.

– A srta. Lydford esteve durante algum tempo com a sra. marquesa, milorde. Depois desceu e foi para o jardim.

– Era onde eu imaginava que estivesse – disse o marquês, dirigindo-se para uma porta que dava para o jardim na parte sul da casa.

Esperava encontrar Mina com as pombas da avó, mas a moça não estava lá. Ele caminhou por entre as sebes em direção ao jardim murado, que era uma característica da propriedade.

Havia lá uma horta, um aquário e, perto da mata, uma lagoa com uma cascata, em parte natural e em parte artificial.

O marquês passou pelos lilases floridos e perfumados e entrou no jardim murado.

Parou, quando viu Mina na beira da lagoa.

Ela estava sentada numa pedra coberta de musgo e em suas mãos

estendidas viam-se vários passarinhos.

O marquês reconheceu um tentilhão e uma andorinha. Depois, notou um tordo, no joelho dela.

Embora nada ouvisse, sentiu que Mina falava com os passarinhos. Eles não estavam com medo e inclinavam a cabeça, como se ouvissem o que ela dizia.

Com um vestido verde-claro que parecia misturar-se com a grama, estava muito bonita, formando um quadro que o marquês achou mais belo do que qualquer pintura.

Depois, um dos cães que tinham vindo atrás dele chegou correndo.

O barulho assustou os passarinhos, que voaram para longe. Mina virou-se para ver quem estava ali.

— Como é que pôde fazer isso? — perguntou o marquês. — Como conseguiu que aqueles pássaros se aproximassem, quando você nem mesmo lhes estava dando comida?

— É uma coisa que sempre consegui fazer, mesmo em criança.

— E por que eu não posso fazer isso?

— Acho que poderia, mas é preciso chamá-los.

— Chamá-los? Quer dizer, assobiando? Mina negou com a cabeça.

— Então, como?

Achou que ela não ia dizer por ter dificuldade em explicar, mas, dali a um momento, Mina falou:

— Mando meus pensamentos... até eles.

— Quer dizer que isso os atrai?

— Creio que talvez seja como uma nota de música que tanto eles quanto eu ouvimos, de modo que sabem que sou amiga e, então, se aproximam. — Mina fez com as mãos um gesto desanimado. — Estou me explicando mal, mas é um pensamento que se aplica a tudo que fazemos com pessoas, animais, pássaros... — Deu uma risadinha. — Não estou muito certa quanto aos peixes. A água torna difícil que meus pensamentos os alcancem.

— Acho fascinante você ter esse dom, se é que é um dom.

— Acho que a palavra certa é “magia” — disse ela.

— Está certo, magia. Sabe que, numa época menos civilizada, você poderia ser queimada como feiticeira?

— Certa vez, tentei atrair um gato — confessou Mina. — Com os cães é diferente.

O marquês tinha percebido que, enquanto falavam, seu cão se encostara em Mina, querendo ser afagado. Ela acariciou-lhe a cabeça e o animal pareceu encantado.

O marquês sentou-se numa pedra, perto de Mina.

— Ontem, pensei que ia receber aqui uma moça muito jovem e muito ignorante. Agora vejo que eu é que sou ignorante.

— Está querendo elogios. Sabe perfeitamente que é muito entendido em assuntos sobre os quais nada conheço, nunca tendo quem me ensinasse.

O marquês pensou, de repente, que ensiná-la seria, não apenas fácil, como muito agradável.

Disse a si mesmo que era cedo demais para tomar uma decisão desse tipo e que estava apenas começando a explorar o que, para ele, era um mundo novo.

Olhou para a copa das árvores, como se achasse que os pássaros estavam ali, esperando que ele fosse embora, para voar até Mina.

Parecendo adivinhar seus pensamentos, ela sorriu.

— Você os assustou e eles vão demorar a voltar, mesmo que eu fique só.

— Mas você pode chamar todos os pássaros do mesmo modo?

— Só os que eu quero. Os que não quero sabem que são indesejáveis e não atendem ao meu chamado secreto. — Ficou pensativa por um momento.

— Embora eu procure compreendê-los, acho que os estorninhos e os pardais não são os meus favoritos.

— Por que não?

— Porque são ladrões, briguentos, barulhentos e vulgares. O marquês riu.

— Realmente, estão na sua lista negra. E quais são os outros?

— O cuco, naturalmente. Sua vida é uma longa história de roubos, assassinatos e patifarias.

— Concordo com você, mas nunca vi ninguém se expressar com tanta veemência.

— O cuco mata todos os filhotes do ninho que invade. Depois, seus pais adotivos se tornam seus escravos e, até que o malvado possa voar, eles têm que alimentar o intruso que matou seus filhotes.

O marquês riu de novo.

— Você está fazendo com que os pássaros pareçam mais reais do que

os seres humanos.

– É o que são para mim. Mas creio que, como vivo muito só, eles tomaram o lugar das pessoas.

Notou surpresa no olhar do marquês, e de novo compreendeu que estava falando de si mesma, como Mina, e não como Christine.

Constrangida, levantou-se e disse:

– Talvez seja melhor eu voltar para casa. Creio que está na hora do almoço.

– Tem razão. E precisa me dizer o que deseja fazer depois. A não ser que queira descansar.

– Como é que poderia fazer essa tolice, quando há tanta coisa interessante para explorar.

– Então, vou levá-la para um passeio de carruagem. Há muita coisa para ser vista, além do jardim.

Esperou que Mina dissesse que seria um prazer. Mas como a jovem ficasse em silêncio, ele percebeu que ela olhava para os pombais.

Contra as paredes da casa, as pombas brancas pareciam fazer parte de um conto de fadas. Quando Mina se aproximou, muitas voaram como se viessem saudá-la.

Instintivamente, o marquês parou. Mina adiantou-se e estendeu os braços, inclinando a cabeça de lado, como se as chamasse.

Vieram pousar, uma em cada mão da moça, duas em seus ombros, ao passo que as outras pareciam contentar-se em ficar aos pés dela. Era um espetáculo lindo, espontâneo e inesperado, que o marquês jamais esperaria que acontecesse em seu próprio jardim.

Ao mesmo tempo, de maneira estranha, parecia natural, dava a impressão de já ter acontecido antes, muitas vezes, e fizesse parte das flores, do jardim, do céu, da própria mansão.

Era como se ele voltasse ao passado e estivesse vendo um quadro que tinha existido em algum lugar, durante séculos. Talvez, no princípio da criação, quando a deusa Afrodite, a quem as pombas haviam sido dedicadas, desceu do Olimpo para fazer com que elas lhe pertencessem.

CAPÍTULO V

Mina entrou apressada na saleta da Marquesa. Só quando chegou no meio da sala, percebeu que a velha não estava sozinha. Quando o marquês se levantou, a moça disse, vivamente:

— Desculpe. Não quero incomodá-lo, mas achei que sua avó precisava ver esta pomba.

Aproximou-se, e a marquesa exclamou: — Oh, você encontrou a que estava perdida!

— Foi um dos jardineiros que a achou, mas está com a perna Quebrada.

— Que pena! Há alguma coisa que se possa fazer?

— Coloquei uma tala na perninha — explicou Mina. — Achei que a senhora gostaria de ver a pomba. Tenho certeza de que vai ficar boa, se a guardarmos fechada durante alguns dias.

A ave não estava com medo nas mãos da moça. A marquesa notou que a pequena tala, mantinha a perna na posição correta.

— Está muito bem colocada. Como você é jeitosa, Mina!

— Tenho muita prática de tratar de pernas e asas quebradas. Ao dizer isso, pensava nos patos, maçaricos e nas andorinhas que seu pai tratava, em casa.

Muitas das aves que voavam durante quilômetros, vindo de toras longínquas, chegavam exaustas e se feriam, ao pousar.

Depois, percebendo que tinha “escorregado” ao dizer isso, acrescentou, rapidamente:

— Vou levar a pomba embora. Agora que foi alimentada e tratada está se sentindo melhor. Mas não deve tentar andar nem voar, enquanto não estiver curada.

— Não, claro que não! — concordou a marquesa, sorrindo. Mas não tentou tocar na ave, sabendo que, embora tivesse confiado em Mina, ficaria nervosa com outras pessoas. A moça olhou para o marquês.

— Desculpe-me tê-lo interrompido.

— Mais tarde, vou falar com você. Mina saiu e a velha disse:

— Essa menina tem um jeito fantástico para lidar com as aves.

— É verdade.

— E com todo mundo, para dizer a verdade — continuou a marquesa.

— Agnes está sempre dizendo que os criados a adoram. E me contaram que o velho Abbey não fala de outra coisa, a não ser a habilidade com que ela lida com Pirilampo.

— Não há dúvida de que tem um dom de lidar com pássaros e cavalos.

No jardim, Mina colocou a pomba numa gaiola que os jardineiros tinham feito a seu pedido e pensou que o pai teria ficado muito satisfeito com a habilidade com que tratou da perna da ave.

Havia em Vent Royal tantas coisas que teriam causado prazer a seu pai!

Todos os dias, desejava que ele tivesse vivo para mostrar-lhe os pássaros e outros animais com os quais passava o tempo, quando não estava em companhia do marquês.

Achava que nunca tinha sido tão feliz como nessa última semana, vendo, com dor no coração, que seria duro ter que sair de Royal.

Esforçava-se para não pensar nisso, mas sabia que, assim que lhe escrevesse que estava casada, ela teria que partir e, se possível, sem que o marquês se apercebesse. “Vai ficar zangado... muito zangado, por eu tê-lo enganado.” Depois procurava não pensar na fuga, para não estragar o prazer dos dias que nunca pareciam bastante longos, pois havia tanto para fazer, ver e aprender.

Uma das coisas mais excitantes era o fato de estar tentando domesticar um veadinho, de uma espécie muito arisca.

O seu pai lhe falara dessa espécie, dizendo que era a mais inteligente, tendo o dobro da inteligência, o dobro da esperteza e o dobro das faculdades perceptivas dos veados vermelhos. — Os veados vermelhos são polígamos — dissera ele a Mina. — Mas os dessa outra espécie só têm uma fêmea e ficam fiéis a ela. — E acha que isso os torna mais inteligentes do que os outros? — As estatísticas mostram que os animais monógamos têm o dobro da inteligência dos promíscuos. É por isso que essa determinada espécie sobrevive.

Disse ainda que nenhum outro animal podia ficar tão bem camuflado.

– Ele pode estar diante de você, numa moita, em plena luz do dia sem ser visto. E à noite, você não o ouve. Na ocasião, Mina ficou muito interessada, mas agora imaginava se isso se aplicava também aos seres humanos. Embora tivesse ficado chocada com as histórias de uma certa promiscuidade, da vida amorosa do marquês, não podia dizer que ele não era inteligente.

Na realidade, achava-o brilhante, com uma resposta para cada pergunta que lhe fazia. Às vezes, falava com Mina como o pai dela costumava fazer.

Quando se referia à Grécia, parecia compreender como os clássicos gregos tinham revolucionado o pensamento da humanidade, durante todos os séculos passados, dizendo que sua influência ainda perdurava.

Sempre que conversava com o marquês, Mina tinha a impressão de que seus pensamentos o alcançavam. Ele a estimulava, e ela sentia que também o estimulava.

O animalzinho deu um salto ágil e saiu correndo. O que fez Mina lembrar que aquela determinada espécie de veado – o marquês dizia que havia poucos no parque – era muito arisca, embora um dos mais novos começasse a confiar nela, aproximando-se cada vez mais.

Quando saiu da saleta da avó, o marquês foi para a biblioteca. Tinha combinado com Mina, que, depois de saírem a cavalo, estudariam a história da Pérsia. Ela já havia encontrado alguns livros na biblioteca, e os empilhara sobre a escrivaninha.

Tian falara em procurar professores para Mina, mas até agora não tinha encontrado nenhum que achasse capaz de ensinar as matérias que a moça queria estudar.

Em vez disso, dava-lhe aulas de esgrima, que Mina adorava, e discutia com ela a história antiga que influíra no progresso da civilização.

Fazia dez anos que o marquês tinha saído de Oxford e agora temia se mostrar ignorante.

Felizmente, como lia muito, não fazia papel feio, quando interrogado por uma jovem com sede de saber.

Ficava intrigado com a curiosidade de Mina, imaginando o que ela perguntaria em seguida.

Era uma experiência nova para ele ser considerado como uma enciclopédia humana, pois Mina achava que teria resposta para todas as suas perguntas.

Uma nova experiência era também que, quando estavam trabalhando juntos, e em outras ocasiões, Mina nunca o tratava como se fosse um homem atraente.

O marquês sabia que havia nele qualquer coisa que às vezes assustava. Além do mais, quando fazia qualquer referência à sua madrasta, ela se contraía e em seus olhos surgia uma expressão de repulsa, que o perturbava.

A não ser por isso, Mina o tratava com naturalidade, como se ele fosse seu pai. Sentia-se bem à vontade com a marquesa, demonstrando por ela uma amizade que causava inveja ao marquês.

Com sua longa experiência com as mulheres, ele nunca esperou encontrar uma que lhe parecesse um enigma, embora na aparência não passasse de uma criatura jovem e atraente.

Todos os dias, quando estavam juntos, Tian descobria novos aspectos da personalidade de Mina.

Enquanto isso, sua avó estava surpresa por ele não ter voltado para a vida alegre de Londres, contentando-se em ficar em Royal Vent, em companhia da hóspede.

Quando entrou na biblioteca, ele notou que o sol que penetrava pela janela dava um tom dourado aos cabelos de Mina. Nos olhos dela surgiu um brilho que já lhe era familiar.

— Descobri outros livros! — Exclamou a moça. — E há um com desenhos de uns mosaicos que eu daria tudo para poder ver!

— Você precisa pensar em fazer uma viagem ao Oriente.

— Seria ótimo!

Depois achou que nunca poderia se dar ao luxo e que o Oriente tinha sido a causa da morte de seu pai. Uma sombra passou por seu rosto. O marquês notou-a e esperou que ela lhe contasse a razão. Soube, instintivamente, que fazia parte do segredo que Mina não queria partilhar com ele.

Observou-a, quando ela pegou um livro sobre a escrivania.

— Venha ver o que encontrei! — disse a moça, e Tian compreendeu que o momento de uma possível confidência havia passado.

Ele levantou-se, quando a porta se abriu e o mordomo anunciou, com

voz excitada:

— *Lady Bartlett*, milorde!

O medo do mordomo de que Eloise entrasse na biblioteca fez com o que marquês percebesse que ela forçara a entrada na casa, embora os empregados lhe tivessem dito, por ordem do patrão, que ele havia saído.

Estava muito bonita, com um vestido de seda cor de morango, enfeitado de renda, que revelava seu corpo bem-feito. O chapéu era enfeitado com flores e penas de avestruz. A cada movimento, os brilhantes que ela usava nas orelhas, nos pulsos e no corpete cintilavam.

Aproximou-se do marquês, de cabeça erguida. Seus olhos pareciam mais escuros, devido à cólera que a dominava.

— Vim procurá-lo, Tian, porque estou cansada de lhe mandar bilhetes que não são respondidos. E quero saber por que não me dá a mínima atenção.

Não esperou pela resposta, virando-se para Mina, que a fitava de olhos arregalados, com um livro na mão.

— Então, é verdade que Nadine Lydford jogou a enteada em cima de você! Ouvi um boato a respeito, mas não pude acreditar. Por que motivo você inaugurou um jardim de infância em Vent Royal?

Seu tom de voz tinha uma insinuação desagradável. Aparentemente indiferente a esse discurso e à entrada intempestiva dela na sala, o marquês respondeu, calmamente:

— Bom dia, Eloise. Sua presença me surpreende, mas é muita amabilidade vir me visitar.

— Não estou sendo amável! Quero saber por que você não se comunicou comigo e pretendo ter uma explicação.

Ainda em tom calmo, o marquês disse:

— Antes de tratarmos de assuntos pessoais, permita que apresente Mina, que, como você parece saber, é filha de lorde Lydford.

— E enteada de Nadine!

— Exatamente. Não é segredo.

— Você guardou segredo para mim que ela estava aqui. Pensei, embora que você não tenha dito isso claramente, que havia terminado seu caso com Nadine, antes de ela partir para a Índia.

Pela primeira vez desde a chegada da mulher, o marquês fechou a cara, encolerizado. Virou-se para Mina.

— Creio que vamos ter que adiar nossos estudos para mais tarde.

Essas palavras quebraram o encanto que tinha feito com que Mina permanecesse imóvel, quase sem poder respirar.

Sem olhar para nenhum dos dois, a moça colocou os livros na escrivaninha e dirigiu-se rapidamente para a porta.

Quando punha a mão na maçaneta, ouviu Eloise dizer, em tom de desprezo:

– Não compreendo, Tian, como pode perder tempo com uma garota, quando poderia estar...

Mina não esperou pelo fim da frase. Saiu da biblioteca, fechou a porta e correu até a porta que dava para o jardim. Apressadamente atravessou a ponte sobre o lago e desapareceu por entre as árvores do parque.

Na biblioteca, houve silêncio, enquanto *lady* Bartlett esperava pela resposta do amante.

O marquês disse, com uma voz cortante como uma chicotada:

– Estou profundamente admirado por ver que você, minha vizinha e uma mulher casada, vem aqui fazer uma cena, que no mínimo, é extremamente indiscreta.

Lady Bartlett susteve a respiração.

– Você está mesmo falando comigo desse jeito?

– Estou considerando tanto a sua reputação quanto a minha. Espero que compreenda que penso em seus interesses, ao dizer que, no campo, os mexericos voam. Parece que se esqueceu disso.

Como se de repente compreendesse que tinha cometido um erro, atacando o marquês, Eloise mudou de tática. Aproximou-se dele.

– Desculpe-me, Tian. Eu não devia ter falado assim com você. Mas estava muito infeliz por não ter notícias suas.

Falava agora em tom suave. Estava muito bonita, quando fitou o marquês com olhos súplices, arrependidos, de modo que pareceu estranho que ele pudesse encará-la sem o menor interesse.

– Esperei, e esperei, rezando para ter notícias suas – continuou Eloise. – Cheguei mesmo a ir para nosso cantinho secreto, à tarde, com esperança de vê-lo aparecer. – Soluçou ao dizer as últimas palavras, mas o marquês não se moveu.

– Havia muito boas razões para eu não fazer isso – disse ele,

friamente. — E creio que somos ambos sofisticados e experientes para imaginar que censuras e recriminações possam obter algum resultado!

Houve um longo silêncio. Eloise perguntou:

— Está dizendo que não me acha mais... atraente? Pronunciou a última palavra com incredulidade, e esperou que o marquês protestasse.

Em vez disso, ele disse:

— É muito bonita, Eloise, como bem sabe, e sempre ficarei grato pela felicidade que me proporcionou.

— Quer dizer que... está tudo acabado? — perguntou, atônita.

— Não posso acreditar!

Estendeu os braços mas o marquês, disfarçadamente, tinha-se colocado atrás da escrivaninha.

— Posso oferecer-lhe um refresco, antes de você ir embora? *Lady Bartlett* olhou-o como se fosse um estranho. Depois, disse, em voz entrecortada:

— Está me mandando embora! Ainda acho inacreditável. O que aconteceu? Quem provocou isso? Como pode me tratar desse jeito, depois de... tudo que significamos um para o outro?

— Seria um erro estragarmos recordações que ambos podemos prezar.

Lady Bartlett pareceu fazer um esforço para não dizer as palavras de cólera que estavam em sua mente.

Pensou em gritar, brigar, mas compreendeu que isso apenas faria com que o marquês a desprezasse pelo que consideraria uma atitude vulgar de descontrole.

Tirou um lenço da faixa do vestido e passou-o nos olhos.

— Você me machucou, Tian. Amei-o como jamais amei outro homem na vida... e não posso acreditar que... não gosta mais de mim.

Sentou-se no sofá, como se as pernas não a sustentassem.

Teria sido mais comovente, se não tivesse tido tanto cuidado para parecer infeliz e desesperançada.

O marquês continuou atrás da escrivaninha. Viu-a passar o lenço nos olhos, mas não houve nenhuma mancha na fina camada de pó de arroz aplicada com habilidade na pele clara. Depois de um momento de silêncio, ele disse:

— Permita que lhe ofereça uma taça de champanhe, antes de você ir embora. Vai animá-la, Eloise, depois dessa cena desagradável. E seria um

erro deixar que os criados vejam que chorou.

Eloise tirou o lenço dos olhos.

— Está se comportando muito mal, Tian, como bem sabe! Mas vou descobrir por que motivo mudou de atitude comigo. Quando souber, prometo arranhar a cara dela.

O marquês deu uma risadinha.

— Bravo, Eloise! Gosto de você quando é natural. É muito mais convincente como Brunhilda, entrando em combate, do que como Febo, lamentando aqueles que perdeu!

Ao dizer isso, pensou que Eloise não tinha a menor idéia sobre quem ele se referia, ao passo que Mina teria entendido como a comparação era oportuna.

Lady Bartlett guardou o lenço na faixa do vestido e levantou.

— Como está zombando de mim e não sou desejada aqui, vou embora. Mas um dia, Tian, ficarei quites com você. Até lá, rezarei todas as noites para que sofra como me fez sofrer, a mim e as muitas outras mulheres.

Ergueu a cabeça com uma dignidade que o marquês considerou boa representação e dirigiu-se para a porta.

Caminhou lentamente, para que ele pudesse chegar lá antes dela. O marquês abriu a porta e Eloise saiu com um farfalhar do vestido de seda.

Ele a acompanhou até a porta de entrada, sem dizer uma palavra. Mas, quando ela chegou à carruagem, ele disse, em tom bastante alto para ser ouvido pelo mordomo, pelos lacaios e pelo cocheiro de *lorde Bartlett*:

— Faça o favor de apresentar meus respeitos a seu marido e agradeça a informação que me deu. Peço-lhe que lhe diga que era exatamente o que eu esperava e que lhe sou muito grato.

Lady Bartlett não fez o menor esforço para apoiar a desculpa que o marquês deu de sua presença ali. Permitiu que ele a ajudasse a subir na carruagem. E sua mão se apoiou na dele mais tempo do que o necessário, mas não houve a mínima resposta por parte de Tian.

O laçao fechou a porta e a carruagem partiu.

O marquês acenou em despedida, mas Eloise apenas olhou para a frente, com expressão dura.

Tian entrou em casa, furioso. Detestava cenas. Pensou que Eloise tivesse mais orgulho para não se rebaixar daquele modo.

Não era novidade que ela sentisse cólera, ressentimento e mágoa, ao

mesmo tempo. Já havia passado por experiências semelhantes com outras mulheres, mas as cenas geralmente aconteciam em Londres, onde não havia tanto perigo de mexericos, como no campo.

Desejava apenas que o que havia dito a Eloise sobre ter vindo trazer um recado do marido fosse repetido aos outros criados, quando ela chegasse em casa, como também seria comentado em Vent Royal.

Mas ainda restava Mina.

Achou que tinha sido um azar Eloise se comportar de maneira tão vergonhosa, justamente quando a moça estava começando a esquecer a ligação entre ele e a madrasta.

Teve vontade de amaldiçoar a amante pela cena que fez, mas reconheceu com honestidade, que parte da culpa era sua. Em primeiro lugar, nunca devia ter tido um caso com a esposa de um vizinho. A única desculpa era Eloise ser muito bonita e ter feito tudo para conquistá-lo.

“Aquela mulher me tentou”, disse a si mesmo, com um sorriso enviesado.

Sabia que a parte mais difícil para reparar o passado era a que o esperava. Precisava encontrar Mina, e achava que ela não estaria em casa, e sim, no jardim.

Foi até onde ficavam as pombas, em geral no telhado dos pombais, mas não viu sinal da moça. Não se surpreendeu. Chocada com o comportamento de Eloise, Mina devia ter ido mais longe.

A moça estava sentada no chão, a saia larga arredondando-se à sua frente. A menos de dois metros de distâncias, se encontrava um veadozinho.

O animal chegava mais ou menos até a cintura do marquês e tinha chifres com apenas seis pontas, mas possuía uma graça e uma beleza que fizeram com que ele se lembrasse da própria Mina.

A moça olhava para o animal, e o marquês sentiu que ela lhe mandava seus pensamentos, usando o que chamava de “magia” para atraí-lo para mais perto.

Usava um encantamento que talvez tivesse sido conhecido pelo primeiro homem da terra e esquecido depois, quando a humanidade deixou de lado os conhecimentos espirituais que faziam parte de sua herança, voltando-se para assuntos mais físicos e mundanos.

Tian ficou observando a cena, mas o veadozinho percebeu sua presença. Virou a cabeça e farejou o ar. Dali a um momento, com a velocidade do

pensamento, desapareceu no meio das árvores e tudo pareceu fruto da imaginação do homem que o observara.

O marquês adiantou-se. Embora Mina não virasse a cabeça, soube que a moça tinha consciência de sua chegada.

Sentou-se ao lado dela e esticou as pernas na relva, apoiando-se nos cotovelos.

Mina estava de cabeça baixa, com as mãos cruzadas no colo, e não se moveu. O marquês nada disse. Ficou olhando para ela. Após um longo silêncio, em que se ouvia apenas o farfalhar das folhas nas árvores, assim como os grilos, ele falou:

— Peço perdão, Mina.

A moça não respondeu, mas Tian percebeu que prestava atenção. Dali a um momento, ele continuou:

— Sei que está chocada, mas, como lê muito, deve saber que essas coisas têm acontecido desde o início dos século.

Houve novo silêncio, e Mina disse, em voz quase inaudível:

— Ela é... casada!

O marquês soube que a moça estava pensando, não apenas em *lady* Bartlett, como na madrastra.

— A rainha Guinevere também era, assim como Cleópatra e Helena de Tróia — disse ele, serenamente. — Não há necessidade de eu citar outros nomes você pode fazer isso sozinha.

Mina ergueu as pálpebras, por um segundo, e o marquês percebeu que este aspecto do problema não lhe havia ocorrido.

— Mas é... errado.

— Claro que é, do ponto de vista moral. Mas a vida é curta, e os seres humanos procuram a felicidade onde podem encontrá-la, assim como os animais.

Achou que ela não estava mais tão tensa e continuou:

— Não posso acreditar que você daria as costas a um faisão ferido que tivesse meia dúzia de fêmeas, ou a outras aves muito promíscuas, só porque, do seu ponto de vista, Mina, a promiscuidade é imoral.

— As gralhas... não são... assim.

O marquês achou que tinha rompido a barreira que os separava e deu uma risadinha.

— Isso é verdade. Quando eu era menino, um guarda-florestal me

contou que, quando um “libertino” invade o ninho de outro pássaro, toda a colônia cai em cima dele, como um batalhão.

— Eles têm... uma espécie... de corte marcial.

— Exatamente! E ouvi dizer também que primeiro um dos machos e depois um outro começam a grasnar contra o invasor. Finalmente, quando o tribunal chega a um veredicto, o acusado é atacado, bicado, até ser expulso, ou, às vezes, acabar morto.

Percebeu que Mina ouvia atentamente e disse, com suavidade:

— É isso que você quer que aconteça comigo?

Esperou, desejando que ela respondesse, mas incerto quanto ao veredicto de Mina.

Então, não muito longe de onde estavam, soou um estampido de um tiro.

Mina e o marquês levantaram-se imediatamente. Sem uma palavra, começaram a correr na direção do som, e logo depois viram uma porção de veados correndo desordenadamente, em pânico.

Por entre as árvores, avistaram um homem com uma espingarda antiquada. A seus pés, estava caído um animal .

O intruso percebeu a chegada dos dois e fugiu a toda pressa, pulando sobre galhos caídos, com uma velocidade que indicava tratar-se de um moço.

Quando Mina e o marquês chegaram ao ponto onde estava o animal caído, o caçador já havia desaparecido.

Viram que a vítima era um veadinho. Tinha levado um tiro no coração e ainda agonizava.

— Um caçador clandestino! — disse o marquês, furioso. Mina ajoelhou-se e pôs a mão no pescoço do animal. Vendo que não havia mais esperança, tornou a se levantar.

— Como é que alguém pode fazer uma coisa tão... cruel? Depois, como se precisasse de consolo, não apenas por si mesma, como pelo animal ferido, escondeu o rosto no ombro do marquês.

Ele percebeu que a menina tremia e abraçou-a.

Ao fazer isso, compreendeu que estava apaixonado, terrivelmente apaixonado como nunca na vida.

Queria proteger Mina, cuidar dela, defendê-la do contato de tudo que fosse cruel e feio, desagradável ou errado.

Não soube explicar a si mesmo como lhe veio a convicção de que isso

tinha acontecido. Sabia apenas que era verdade, uma verdade inegável.

Ao mesmo tempo, havia algo de maravilhoso nessa descoberta.

Queria dizer: “Eu a amo, Mina, e nunca deixarei que a machuquem novamente, homem, mulher ou animal”. Mas sabia que, se dissesse isso, ela ficaria ainda mais perturbada.

Podia apenas apertá-la nos braços, esperando assim confortá-la pois sabia que Mina se esforçava para não chorar.

— O animal não sofreu — ele disse, serenamente. — Levou um tiro no coração e a morte foi quase instantânea.

— Era tão... bonito.

— Os caçadores clandestinos só se preocupam com o que possam ganhar; não, com o que matam. Mas vou providenciar para que os guardas procurem esse homem e outros iguais a ele. — Encolerizado continuou: — Há muito tempo que isso não acontece no parque. Creio que o caçador, se for um homem da localidade, esperava que eu estivesse ausente da propriedade, nessa época do ano.

Falava para dar tempo a Mina de se recompor, mas a moça ainda se agarrava a ele.

Era tão miudinha! Mas Tian sabia que, embora fosse apenas uma criança, ao mesmo tempo era a mulher de seus sonhos, aquela que havia esperado encontrar, um dia.

“Eu a encontrei”, queria dizer. “E, nos meus sonhos, você era exatamente como é.”

Mas Mina não apenas era muito jovem, como ele a havia escandalizado, não uma, e sim duas vezes.

Ela estava chocada, talvez enojada, com seu comportamento, e o da madrasta e ficara escandalizada ao perceber que Eloise era uma outra Bárbara Castlemaine na vida do marquês.

Lembrou-se do horror de Catarina de Bragança, ao chegar à Inglaterra e conhecer a amante do rei. Quando a notória Bárbara lhe foi apresentada, Catarina ficou com os olhos cheios de lágrimas encolerizadas, seu nariz começou a sangrar e ela teve um ataque histérico.

O rei encolheu os ombros e mandou lorde Carrington conversar com ela. Catarina logo descobriu que ataque histéricos não eram a melhor maneira de lidar com o marido.

Ainda com Mina nos braços, o marquês refletiu que, numa ocasião

parecida, o comportamento da moça tinha sido muito diferente. Embora fosse muito jovem, tinha um autocontrole e uma dignidade que despertavam sua admiração.

Sabia que, fizesse ele o que fizesse, Mina não perderia a compostura. Mesmo a morte de um de seus queridos animais não a deixava histérica, nem a fazia chorar.

Mostrava uma fortaleza de ânimo que ele já sabia que ela possuía, e um caráter forte, coisa incomum numa criatura tão jovem e tão pouco sofisticada.

Sem que se desse conta disso, beijou os cabelos da moça e sentiu-se o homem mais feliz do mundo por ter encontrado seu ideal, quando tinha pensado que era impossível que ele existisse.

Comparou-se a Jasão descobrindo o Tosão de Ouro, ou talvez *sir* Galahad vendo o Santo Graal.

Queria dizer, não apenas a Mina, mas ao mundo inteiro, que ela lhe pertencia.

No entanto, habituado a se controlar e sabendo que a moça era tímida como o veadinho que tinha fugido, disse, serenamente:

— Vamos voltar e procurar os guardas-florestais? Mina ergueu a cabeça.

— Vamos.

Virou-se para olhar o veado morto, no chão, que parecia dormir. O marquês pegou a mão dela.

— Venha. Ele já está em algum campo onde a grama é sempre verde e onde não existem mortais com desejo de destruição.

Mina apertou sua mão. — Dizem que os animais não vão para o céu.

— Mas nós sabemos que vão. Caso contrário, para você não seria céu, não é mesmo?

Ela sorriu, e foi como se o sol rompesse as nuvens.

— Não, claro que não! E essa foi a resposta que sempre desejei ouvir.

CAPÍTULO VI

Estavam sentados à mesa de jantar, e o marquês achou que Mina estava pálida demais, mas muito bonita.

Enquanto se vestia para o jantar, ele refletiu que devia ter sido um choque para ela ouvir o tiro e estar presente quando o veadozinho morreu. No entanto, seu comportamento foi um contraste com a cena dramática de *lady Bartlett* e de outras mulheres antes dela.

Agora, resolvido a não deixar que Mina pensasse em coisas tristes, falou de assuntos que interessavam a ela, inclusive sobre os países que ele tinha visitado e sobre os espetáculos a que assistiu em várias partes do mundo. Falou da Esfinge, dos Jardins Suspensos da Babilônia, do Taj Mahal, que considerava um dos edifícios mais belos dos que conhecia.

Enquanto os descrevia, apreciou a maneira com que Mina o ouvia, fitando-o, tão interessada, que parecia evitar até a respiração, para não perder uma única palavra.

Refletiu que amava não apenas a beleza do rosto de Mina, como a de sua personalidade, da qual sentia mais intensamente as vibrações a cada momento que passava com ela.

Calculou quanto tempo teria que esperar para lhe declarar seu amor, sabendo que seria difícil ficar a sós com ela, como tinha acontecido nas últimas semanas, sem lhe revelar a intensidade de seus sentimentos.

“Ela é perfeita”, pensava o marquês, quando Mina lhe dava um sorrisinho, sempre que achava o que ele dizia especialmente interessante.

Como a morte estava presente no pensamento dos dois, por mais que quisessem esquecê-la, a conversa se voltou para a vida no além, que todas religiões prometiam.

Falaram nos Campos Elíseos dos gregos, no Valhalla dos vikings, no Nirvana dos budistas, no Jardim do Islã dos maometanos, do Tien dos chineses e no mar cor de safira e nas harpas douradas do céu cristão.

Mina tinha alguma coisa a lhe dizer sobre tudo isso. Finalmente, como se não pudesse se impedir de expressar o que estava em seu pensamento, o marquês falou:

— E, naturalmente, para os homens e as mulheres comuns, o céu é

realmente estar com a pessoa amada.

Sem refletir, Mina olhou para o retrato de Bárbara Castlemaine, pendurado na parede.

Nada disse, mas a expressão de seus olhos era reveladora.

— Você é bastante inteligente para compreender que estou falando de um tipo de amor completamente diferente — disse o marquês, asperamente.

— Ela virou-se e encarou-o.

— Você leu bastante e refletiu mais ainda, para saber, tanto quanto eu, que, para cada homem há uma — escolha entre um amor apenas físico e um espiritual, sagrado, ideal, e que, embora ele não fale nisso, está guardado num relicário em seu coração.

Sua voz era sincera, viu os olhos de Mina se arregalarem. Dali a um momento, ela perguntou:

— Isso é mesmo... verdade?

— Garanto que é a absoluta verdade e que, embora um homem não encontre a mulher ideal, está sempre à procura.

Percebeu que ela não estava totalmente convencida e que pensava na madrasta e em *lady Bartlett*.

— O homem é apenas humano, Mina. E, em sua jornada pela vida, as mulheres são como lindas flores que enfeitam o caminho. Como são bonitas e perfumadas, é mais do que natural que os homens desejem colhê-las e possuí-las. Mas, naturalmente, quando murchas, como as flores, eles se livram delas.

Mina soltou um suspirozinho, e ele percebeu que ela compreendia o que ele estava dizendo. O marquês continuou:

— Mas todos os homens anseiam por um verdadeiro amor, como o de Shah Jehan, que, quando a mulher que ele adorava morreu, imortalizou-a no Taj Mahal. Depois construiu perto um túmulo para si próprio, para que ficassem unidos até mesmo na morte.

Notou a expressão de Mina se suavizar. Havia também nela um ar radiante, como se, pelo modo de ele falar, pudesse ver a beleza e o significado do Taj Mahal.

Tendo grande experiência com mulheres, Tian não insistiu no assunto, falando de outras coisas, até saírem da sala de jantar e se dirigirem para a sala de visitas.

Enquanto conversavam, as estrelas tinham surgido no céu e o

crepúsculo tingia o horizonte de vermelho. Atrás deles, os grandes carvalhos enchiam o parque de sombras misteriosas.

Mina foi para a porta-janela aberta e passou para o terraço, olhando para o gramado e para o lago, na direção do lugar onde estivera tentando domesticar o veado e onde, naquela manhã, tinha visto um outro animalzinho morrer.

O marquês seguiu a direção dos olhos e dos pensamentos dela e disse:

— Como você teve muitas emoções, hoje, Mina, sugiro que vá se deitar cedo. Estou planejando uma coisa muito interessante para nós, amanhã, e não quero que esteja cansada.

Virou-se para ele animada, com um brilho nos olhos.

— Uma coisa interessante. O quê?

— É um segredo. Se lhe contar, você é capaz de ficar acordada e não quero isso.

— Uma surpresa e um segredo! Parece muito excitante!

— Espero que ache que sim, mas primeiro temos que obrigar Pirilampo a fazer exercício.

— Sabe como gosto de montá-lo.

— E ele gosta de você, assim como as pombas, os pássaros e também os veados. Você trouxe muito amor a Vent Royal.

— É o maior elogio que recebi até hoje. Obrigada por ser tão bom e... compreensivo.

Havia na voz dela um pequeno soluço. O marquês soube que estava pensando no momento que o veado morreu, e ela se virou para ele, instintivamente, em busca de conforto.

— É o que espero sempre poder ser — respondeu, sereno. — E agora, boa noite, Mina.

Inclinou a cabeça, pretendendo beijar-lhe a face, como teria beijado uma criança, nessas circunstâncias. Então, sem que soubesse o que aconteceu, Mina se moveu ao mesmo tempo, e, em vez do rosto, os lábios do marquês encontraram os dela, que eram macios, doces e inocentes como esperava que fossem.

Como Tian tinha um domínio total sobre si, e também porque amava a moça como jamais tinha amado alguém, fez um esforço para não abraçá-la.

Durante alguns segundos, que parecia ter sido um século, ficaram de lábios colados, e o marquês achou que nada poderia ter sido mais perfeito.

Depois, com um esforço sobre-humano, ele ergueu a cabeça.

— Boa noite, Mina. — Achou que sua voz teve um som estranho e inseguro.

Por um momento Mina não fez nenhum movimento, ficou apenas olhando para ele. Depois, rápida como o veado, fugiu para a sala de visitas, e o marquês ficou só, sentindo o sangue latejar nas têmporas e uma enorme felicidade invadir todo seu corpo. A seguir, recriou-se, pois Mina era apenas uma criança, assim devia pensar nela, pelo menos durante um ano.

Quando subiu para o quarto, Mina mal tinha consciência de seus movimentos. Só pensava na sensação maravilhosa do beijo do marquês.

Quando os lábios de ambos se tocaram, teve a impressão de que uma corrente passava entre eles e experimentou uma sensação que jamais sonhou que pudesse existir.

Tinha sido perfeito, e só podia ter vindo do céu; era aquele amor sagrado do qual o marquês falara durante o jantar.

Em todas as suas leituras e em sua imaginação, Mina jamais acreditou que o amor fizesse com que uma pessoa não se sentisse humana, e sim, divina. Mas, no espaço de um segundo, ela se transformara em Afrodite.

Agora, achava que compreendia, não apenas o que o marquês tentou explicar, como também por que ela era capaz de atrair os pássaros e outros animais, como seu pai fazia.

Era a vibração do amor que criava a “magia” que os atraía.

Mina sentiu que tinha sido isso, multiplicado milhares de vezes, que lhe acontecera, quando os lábios do marquês prenderam os seus.

Ele a atraía com seu coração, assim como ela atraía as pombas, o veado e Pirilampo.

Era o amor! O amor!

Chegou ao quarto, achando que estava caminhando no céu. Encontrou Rose, a criada que a servia desde que chegara a Vent Royal, à sua espera.

— Chegou cedo, senhorita.

— É mesmo? — perguntou distraída.

Não estava com vontade de conversar e achou difícil prestar atenção no que a empregada dizia.

— Há um telegrama para a senhorita — continuou Rose. — Chegou há pouco tempo, porque o cavalo do menino do correio se machucou e ele teve

que vir a pé desde a aldeia.

Atravessou o quarto e explicou:

— Ele não esperou pela resposta porque não queria atravessar o parque à noite. Tem medo de ver fantasmas e gnomos sob as árvores, mas eu lhe disse que o que ele vê são apenas os veados.

— Um telegrama! — murmurou Mina.

— Sim, está aqui — disse Rose, pegando-o na penteadeira e entregando-o a Mina. — Espero que não sejam más notícias.

Mina não respondeu. Abriu o telegrama com mãos trêmulas, sabendo perfeitamente o que iria ler. Não foi preciso ver que tinha vindo da Itália.

Por um momento, as palavras dançaram diante de seus olhos.

Depois, leu:

“Muito, muito felizes. Importante que você faça imediatamente o que combinamos. Tudo arranjado.

Carinhosamente, C.H.”

Mina leu várias vezes, para ter certeza de compreender exatamente o que Christine queria lhe dizer.

Em primeiro lugar, o mais importante era que estavam casados. As iniciais de Christine confirmavam isso. Em segundo, a amiga a avisava para partir imediatamente, porque, com certeza, ia escrever ao pai contando que tinha casado com Harry. E Harry faria a mesma coisa com seus pais.

“Preciso ir embora”, pensou, assustada.

Sabia que não suportaria as perguntas e as censuras que certamente lhe seriam feitas, tanto pelo marquês, quanto pela avó, quando soubessem sua mentira.

“Preciso ir embora imediatamente.”

— Espero que não sejam más notícias, senhorita.

— Infelizmente, creio que são — respondeu Mina, não reconhecendo a própria voz. — E, Rose, preciso de sua ajuda.

— Naturalmente, senhorita. O que posso fazer?

— Preciso sair daqui amanhã cedo, mas não quero incomodar a senhora marquesa, que não está passando bem.

— Não. Claro que não, senhorita.

— Por isso, quero que você vá buscar minha mala e me ajude a arrumá-la.

— Hoje à noite, senhorita?

— Sim, agora! Mas não quero que ninguém mais saiba o que vamos fazer. — Achou que a empregada estava curiosa e explicou: — Se Agnes souber o que está acontecendo, certamente irá contar à marquesa e ela ficará acordada, preocupada comigo.

— A senhorita tem muita consideração. Compreendo.

— Então, traga a mala para cá, sem que ninguém o perceba. Ajude-me a arrumá-la, e poderei partir amanhã bem cedo. Vou deixar um bilhete para a senhora marquesa, e você poderá entregá-lo mais tarde.

— Acho que é o melhor a fazer. E quanto ao senhor marquês?

— Não quero que ele saiba — respondeu, com firmeza. — Tenho que partir por razões de família, e é um assunto do qual preciso tratar pessoalmente.

— Talvez seja melhor que o criado de quarto do senhor marquês conte a ele, quando for acordá-lo.

— Não, não! Não quero que isso aconteça. Prometa, Rose, prometa que não dirá nada a ninguém, até eu ter partido.

A empregada fitou-a; mas, como era uma camponesa de bom gênio, para não dizer meio boba, concordou com o estranho pedido.

— Está bem, se é assim que quer, senhorita. Vou pedir a Emily que me ajude a trazer a mala. É arrumadeira e dorme comigo no quarto.

— Obrigada, Rose. E, por favor, peça a Emily que não diga nada a ninguém.

— Não se preocupe, Emily sabe ser muda, quando necessário. Rose saiu e Mina foi abrir as cortinas de uma das janelas. Lá fora, o céu estava cheio de estrelas. Viu o reflexo no lago e achou que tudo fazia parte do amor que sentia pelo marquês.

De repente, lhe ocorreu que, deixando Vent Royal, estava deixando o céu.

Não era só por causa da casa, dos pássaros, do veadozinho, da marquesa que tinha sido tão boa para ela, e sim, principalmente, por causa do marquês, a quem, estranhamente, achava que pertencia.

Ele a beijara e, embora nunca mais fosse vê-lo, Mina sabia que ele estaria sempre em seu coração e em seus pensamentos. — Eu o amo —

murmurou para as estrelas.

Só depois que a mala e a chapeleira estavam arrumadas com as roupas que Christine lhe deu, foi que Mina percebeu como estava cansada.

A excitação que tinha sentido depois do beijo foi desaparecendo, pouco a pouco, deixando-a vazia e apenas com uma sensação de cansaço e de perda total.

Quando foi para a cama, deixou as cortinas abertas, de propósito, para continuar vendo as estrelas.

Sentiu que também elas ficariam para trás, quando partisse de Vent Royal.

— É como ser expulsa do Jardim do Éden — murmurou. — Mas, quando Eva partiu, Adão acompanhou, e, mesmo no deserto, foram felizes.

Então, compreendeu aquilo que tinha sido tola de não compreender antes: as duas últimas semanas pareceram cheias de felicidade, e cada dia mais excitante do que o outro, simplesmente por causa da companhia do marquês.

Embora o desprezasse e desaprovasse seu comportamento, sabia, o tempo todo, que seu amor por ele crescia dia a dia, como uma semente plantada em solo fértil.

Não compreendeu logo que aquilo era amor. Mas agora entendia que se apaixonara quando descobriu que o marquês era muito diferente do que esperava. No momento em que segurou a mão dela pela primeira vez, uma corrente os uniu.

Mina sentia-se escandalizada com o comportamento dele com a madrastra de Christine. Ficou ainda mais escandalizada com o fato revelado pela cena de *lady* Bartlett, mas agora nada disso tinha importância, porque o amava.

Compreendia o que antes nunca pode entender, que uma mulher pode ficar solidária com um homem e continuar amando-o, seja qual for o crime que ele possa vir a cometer.

Antes, quando lia sobre mulheres que esperavam os maridos durante anos, até eles saírem da prisão, ou sobre outras que preferiam morrer a continuar vivendo sem o amado, ela não podia entender, achando que nunca faria isso.

Mas, de repente, percebeu que, por maior que fosse o número de mulheres na vida do marquês, por mais censuráveis que fossem suas

ligações, ainda o amaria.

— Eu o amaria, mesmo que ele cometesse todos os crimes do mundo — disse, baixinho.

Sentiu que todo seu ser procurava alcançá-lo como se lhe mandasse os mágicos pensamentos de amor que mandava para os pássaros.

Quando a luz das estrelas começou a se apagar no céu, Mina se levantou e começou a se vestir.

Tinha perguntado a Rose a que horas os empregados costumavam acordar.

— Todos têm que estar embaixo às cinco horas, senhorita.

— Então, assim que você descer, peça a um dos lacaios que vá até as cocheiras e prepare uma carruagem para me levar à estação.

— Sabe o horário do trem?

— Deve haver um bem cedo — respondeu Mina —, se não houver, ficarei esperando.

— Mas não vai viajar sozinha, não é, senhorita?

— Não há perigo. Vou só até Londres. Rose pareceu aceitar a explicação, embora não fosse muito boa, mas mandaria preparar a carruagem, que era o que importava.

Levaria apenas quarenta e cinco minutos para chegar à estação mais próxima. Como o marquês não ia para as cocheiras antes das sete e meia, Mina achou que não o acordariam antes das sete.

Se, então, ele ficasse sabendo de sua partida, seria tarde demais para detê-la, o que não era provável que desejasse fazer.

Agora, depois de pronta, ela ainda tinha tempo para sentar-se à escrivaninha e escrever duas cartas.

A primeira foi para a marquesa. Mina redigiu-a com cuidado, com sua letra clara e bonita.

“Tenho que partir, senhora, e mais tarde vai saber que não sou quem aparentei ser e que, na realidade, a enganei.

“Não tenho desculpa para o que fiz, a não ser o fato de estar ajudando uma pessoa que amo.

“Não posso esperar que me perdoe, mas sempre pensarei na sua bondade, senhora, com a maior gratidão, e sempre rezarei para que seja feliz.

Mina”

Colocou a carta num envelope e endereçou-o à marquesa.

Depois, olhando para uma folha de papel em branco, ficou imaginando o que deveria escrever ao marquês.

Só o que desejava escrever era: *“Eu o amo”*.

Achou que ficaria chocado com isso. Para ele Mina não passava de uma criança; uma criança a quem tinha dado aulas devido à afeição que sentia pela madrasta dela.

Não queria pensar muito nos sentimentos do marquês por Nadine.

Ainda podia ouvir Christine dizer que a madrasta o amava “apaixonadamente” e sua reação agora era de ciúme.

Refletiu que o único motivo da bondade do marquês para com ela era seu amor por outra mulher, que o deixara pela simples razão de precisar ir ao encontro do marido.

Lady Bartlett era diferente.

O marquês tinha cansado dela. Embora fosse muito bonita, Mina achou que nenhum homem poderia amar durante muito tempo uma mulher que se comportasse de maneira tão descontrolada.

“É de *lady* Lydford que ele gosta”, pensou, e ficou satisfeita por partir. Como poderia suportar amá-lo como o amava agora, sabendo que os pensamentos dele estavam dirigidos para outra e que certamente desejava ir ao encontro dela?

O tempo estava passando, e a qualquer momento Rose poderia aparecer para pegar a mala. Então, escreveu o que lhe ocorreu no momento:

“Perdoe-me e obrigada. Jamais esquecerei.”

Não assinou o bilhete. Colocou-o num envelope e deixou os dois sobre a penteadeira.

Só quando atravessava o corredor escuro, atrás dos dois lacaios que carregavam sua bagagem, foi que mandou seus pensamentos para o marquês, que ainda dormia.

“Adeus, adeus! Eu me lembrarei de você, não apenas durante toda a minha vida, mas por toda a eternidade.”

Essas mesmas palavras lhe vieram à mente quando estava sentada na estaçãozinha, à espera do trem que a levaria a Londres.

A essa hora da manhã havia ali apenas um carregador idoso. O lacaios colocou a mala no vagão de bagagem e a chapeleira ao lado de Mina, no carro onde ela era a única passageira.

Sabendo que era o que esperavam dela, a moça viajava de primeira classe, embora tal extravagância a preocupasse.

Tinha dado uma boa gratificação a Rose. O lacaios agradeceu o que Mina lhe deu, dizendo:

– É uma pena que tenha que ir embora, senhorita. Esperamos que volte logo.

– Todos vocês foram muito bons para mim.

O apito estridente do guarda fez com que o lacaios fechasse apressadamente a porta do vagão. Quando o trem partiu, ele acenou para Mina e ela respondeu.

A moça achou que era aquele seu último elo com Vent Royal e que o estava perdendo para sempre.

À medida que o trem ganhava velocidade, refletiu que precisava pensar no que iria fazer. Já tinha resolvido não ir para Roma; pelo menos por enquanto. Tinha certeza de que Christine a convidara por bondade, mas agora que ela e Harry estavam casados, não iam querer a companhia de uma terceira pessoa.

Lembrou-se de sua mãe dizer que, quando casaram, ela e o marido tinham ficado muito felizes em vez de fazerem uma lua-de-mel dispendiosa, por poderem se instalar logo na pequena mansão que seria seu lar pelo resto da vida.

– Ficamos sós, completamente sós, até podermos arranjar empregados adequados. Havia apenas duas criadas idosas que vinham da aldeia para limpar a casa.

Um sorriso apareceu em seus lábios ao acrescentar:

– Isso é que foi maravilhoso: ficar sozinha com seu pai. Meu pai e minha mãe eram tão severos que, durante o noivado, mal tínhamos oportunidade de conversar a sós.

– Você não achou estranho ficarem sozinhos?

– Absolutamente não. Era maravilhoso e muito excitante.

A doçura da voz e a expressão dos olhos diziam mais do que as palavras. Mina achou que os dias que passou em Vent Royal, com o marquês, tinham sido igualmente maravilhosos.

“Foi o amor que fez com que cada dia parecesse mais belo do que o outro. E foi o amor que fez com que eu quisesse que ele me considerasse inteligente.”

Relembrou as conversas que tiveram, e quanto aprendera e como tinha sido excitante conversar com um homem sobre assuntos que interessavam a ambos.

— Pelo menos, interessavam a mim — murmurou, imaginando se o marquês teria fingido que o mesmo se dava com ele.

“Talvez eu lhe parecesse ignorante e maçante.”

Mas estava certa de que, se tivesse ficado entediado, o marquês teria voltado para Londres.

Sabia que a avó havia se admirado de vê-lo demorar tanto em Vent Royal, chegando a brincar com ele a respeito, quando os três estavam sentados na saleta da marquesa.

— Não sei o que estarão fazendo em Londres sem você, Tian.

— Acho que estão dando um jeito, vovó.

— Os fofoqueiros de St. James não vão ter sobre o que falar. Certamente, sentirão sua falta nos bailes, e talvez sua amiguinha arranje alguém para tomar seu lugar.

— Sempre ouvi dizer que a ausência aumenta o amor — respondeu o marquês.

— Pois acho que o mais certo é: “longe dos olhos, longe do coração” — brincou a avó.

Quando ficava sozinha com Mina, a velha lhe contava com que eficiência o neto dirigia a propriedade.

— Embora ele fique longe daqui durante muito tempo, tem pulso firme. E, de um modo peculiar, sabe exatamente o que está acontecendo. Pobre do empregado que não seguir suas instruções!

— Não duvido — disse Mina. — Nunca imaginei que uma propriedade grande como essa pudesse ser tão perfeita, em todos os sentidos.

— Era o que meu marido sempre procurava: a perfeição. Se fosse vivo, tenho certeza de que estaria orgulhoso do neto.

— Assim como a senhora.

— É verdade. Ao mesmo tempo, gostaria que ele casasse e se acomodasse. Gostaria também de conhecer meu bisneto, antes de morrer.

— Garanto que vai conhecê-lo. Não há motivo para a senhora pensar

em morte, durante muito tempo ainda.

Quando se via sozinha, Mina ficava imaginando como iria ser a esposa do marquês.

Já que ele amava *lady* Lydford e que o plano para casar com a enteada dela tinha fracassado, embora ele ainda não soubesse disso, era pouco provável que começasse a procurar outra noiva imediatamente.

“Deve haver centenas de moças adequadas”, e, esse pensamento a deprimiu.

Se o marquês ia ficar aborrecido com a dissimulação de Mina — e estava certa que sim —, *lady* Lydford, então, ficaria furiosa.

Mas a madrastra nada podia fazer contra Christine, que tinha a proteção de Harry e fortuna própria. Talvez quisesse castigar Mina, de um jeito ou de outro. Essa hipótese a amedrontou.

— Ela nada pode fazer contra mim — murmurou, para se tranquilizar.

Ao mesmo tempo, era assustador saber que estava sozinha no mundo e que, se acontecesse alguma coisa desagradável, não tinha a quem recorrer.

“A melhor coisa que posso fazer é desaparecer.”

Isso significava não ir para Roma, ao encontro de Christine, e sim, para o lar que tinha sido de seus pais.

A idéia surgiu como um raio de sol.

Claro que era o que devia fazer!

Em vez de procurar emprego ou de voltar para o colégio da sra. Fontwell — preferia morrer a fazer isso!, — voltaria a casa que encerrava todas as lembranças de seus pais e de sua infância.

Se a casa tivesse sido fechada, alguém na aldeia devia ter a chave. Como lá a conheciam desde menina, não se importariam que ficasse na mansão, até resolver seu futuro.

“Preciso pensar! Tenho que pensar!”

Tinha dinheiro suficiente para viver com cautela, além do cheque que Christine lhe dera.

As cem libras eram para a passagem para a Itália, mas Mina sabia que, numa emergência, podia usar uma parte desse dinheiro, até encontrar um emprego.

Quando pensava nisso, achava que ia ser muito difícil encontrar uma pessoa bondosa como a marquesa, e que não haveria ninguém igual ao marquês.

O pensamento que nunca mais o veria fez com que sentisse um peso no coração, impedindo-a de respirar direito. Os sentimentos que a oprimiam eram desespero, consternação e infelicidade por perdê-lo.

Depois, quando o trem se aproximava de Londres, disse a si mesma que não era mais uma criança e que tinha que se comportar como uma adulta.

Essa resolução lhe deu coragem para pegar sua bagagem, ir para outra estação e tomar um trem para Lincolnshire.

Parte dessa confiança em si mesma poderia desaparecer, se percebesse que a razão de tudo correr tão bem: era por ser muito jovem e bonita para viajar sozinha. Os carregadores a fitavam com ar paternal, o cocheiro da carruagem de aluguel fez questão de levá-la até a entrada certa da estação e o guarda do trem que saía de Londres lhe perguntou se estava bem, antes de dar o sinal de partida.

Apesar de toda essa assistência, foi uma viagem longa e difícil, pois Mina teve que fazer outra baldeação, antes de chegar à estação mais próxima de seu antigo lar.

Em todo caso, havia um carregador na cidadezinha, onde chegou no fim da tarde. Mina perguntou por ele na estação e soube que viria buscar uns pacotes durante a hora seguinte.

Achando que a sorte lhe sorria, ela esperou. Quando o homem chegou, ficou muito satisfeito por poder levá-la até a casa dela a mais ou menos sete quilômetros dali.

Estando bem informado sobre as aldeias que servia, pôde dizer a Mina a quem seu tio havia dado a guarda da casa e quem tinha a chave.

— É a sra. Briggs, srta. Mina. Lembra-se dela?

— Sim, claro que me lembro da sra. Briggs! Ela gostava muito de meus pais, e garanto que vai deixar que eu fique lá em casa, até encontrar emprego.

— Ouvimos dizer que a senhorita não ficou com muito dinheiro. É pena, porque seu pai era um cavalheiro.

Mina ficou satisfeita com a sinceridade dessas palavras. Conversou com o homem sobre o pai e a mãe, enquanto o cavalo seguia pelas estradas poeirentas.

Quando chegaram à mansão, o homem disse:

— Vou deixá-la na porta da frente e depois avisar a sra. Biggs de sua chegada. A senhorita não precisa ir comigo.

– Muito obrigada por sua gentileza.

Mina parecia tão delicada e tão patética diante da porta trancada e das janelas fechadas, que o carregador não quis aceitar nenhum pagamento.

– Guarde seu dinheiro, senhorita. Não vai durar para sempre. Afastou-se e Mina sentou-se em cima da mala, com ar tristonho, até não ouvir mais o ruído das rodas da carruagem.

Depois, quando a alegria e o conforto de se sentir em casa a envolveram, começou de novo a pensar no marquês.

Em vez da pequena mansão, com seus espigões, com a porta da frente precisando de pintura, com os ventos soprando sobre as charnecas, ela via apenas a magnificência e a beleza de Vent Royal.

O sol do ocaso brilhava nas janelas, a bandeira da família do marquês tremulava à brisa da tarde e um bando de pombos brancos voava para os pombais por cima dos jardins floridos.

Os pássaros de Afrodite!

De novo, sentiu nos lábios o beijo do marquês e seu coração voou até ele, como se tivesse asas.

CAPÍTULO VII

O marquês entrou no clube White's, de muito mau humor.

Tinha tido uma manhã frustrante e difícil, procurando ouvir dos caseiros de Lydford House alguma coisa que fizesse sentido.

Teve a impressão de que eram débeis mentais e não conseguiu nenhuma resposta coerente às suas perguntas. Não sabiam quando tinham visto a srta. Christine pela última vez, não sabiam o nome da escola que freqüentava; não sabiam o nome dos criados que tinham ido para o campo.

Após um interrogatório de quase uma hora, o marquês conseguiu arrancar da mulher, que parecia um pouco mais viva do que o marido, que o secretário de lorde Lydford estava de férias; que uma jovem que eles nunca tinham visto antes viera ali, certa manhã, mais ou menos três semanas antes, e partira quase imediatamente, numa outra carruagem.

Embora o marquês tivesse certeza de que se tratava de Mina, a caseira não soube descrevê-la bem.

Assim como sua avó, o marquês tinha ficado atônito e depois perplexo com o conteúdo da carta e do bilhete deixados por Mina. Tendo-se levantado, como de costume, às sete horas, foi direto para as cocheiras, esperando já encontrar Mina lá.

Enquanto atravessava o pátio de calçamento de pedras, julgou ouvir a voz doce da moça falando com Pirilampo e ficou ansioso para vê-la, como um rapazinho apaixonado pela primeira vez.

Sabia que, quando sentisse sua aproximação ela se viraria para ele, com um brilho nos olhos e um sorriso nos lábios.

Ao pensar no beijo da véspera, o marquês sentiu o coração bater mais depressa e uma excitação diferente. Não era apenas uma menção física, e sim, alguma coisa mais sutil, uma emoção que seu desejo de se controlar transformava em cavalheirismo.

Na realidade, em sua determinação de proteger Mina até dele mesmo, o marquês se punha ao serviço dela, como um cavaleiro que entra na liça com o distintivo da amada no capacete.

“Eu a amo! E nossa vida juntos vai ser um exemplo de dedicação e de felicidade, que certamente surpreenderá aos que atualmente me criticam.”

Ao chegar às cocheiras, ficou decepcionado porque Mina não estava lá.

— Onde está a srta. Lydford? — perguntou a Abbey, que selava o garanhão que ele queria montar naquela manhã.

— Está atrasada, milorde. É estranho não ter chegado ainda.

— Sim, de fato — concordou o marquês.

Dali a cinco minutos, mandou um cavaleiro até a casa, para indagar por que motivo a srta. Lydford ainda não tinha aparecido.

Pela primeira vez, ficou imaginando se ela estaria constrangida com o que acontecera na noite anterior.

Ao mesmo tempo, estava certo de que também tinha ficado extasiada com o calor e a sinceridade daquele beijo.

O marquês era bastante experiente para saber que Mina tinha correspondido e que foi ele, não ela, que terminou o beijo.

Não podia agora acreditar que a moça estivesse arrependida, ou amedrontada, a ponto de não querer vê-lo. Por outro lado, não podia ter certeza de nada, a não ser de que Mina não estava ali e que os cavalos esperavam.

Abbey e um cavaleiro trouxeram os animais para o pátio. O marquês ficou ao lado deles, sem nada dizer, apenas batendo de leve com o chicote nas botas reluzentes.

O rapaz que tinha ido até a casa voltou correndo, mas não havia sinal de Mina. De sobrancelhas franzidas, o marquês esperou por uma explicação.

O cavaleiro estava ofegante, quando chegou perto -do patrão.

— Disseram, milorde, que a srta. Lydford não está em casa.

— Não está em casa? Que quer dizer com isso?

— Ela partiu hoje de manhã, milorde.

O marquês fitou o rapaz, incrédulo. Depois, compreendendo que o coitado não podia responder às perguntas que queria fazer, dirigiu-se para a mansão, deixando Abbey com ar preocupado.

Chegando em casa, mandou que os lacaios fossem procurar o mordomo que, em geral, ainda não estava no saguão à essa hora matinal. Chamaram a governanta, que tomava o desjejum, e ela ficou atarantada com as perguntas do marquês.

— A que horas a srta. Lydford partiu? E por que não fui informado?

— Eu mesma acabo de saber disso agora, milorde. Parece que a srta. Lydford pediu que a levassem para a estação, já às cinco da manhã.

– Recebeu ontem um telegrama com más notícias, pelo que disse Rose.

– Telegrama? Que telegrama?

Levaram algum tempo para saber que o telegrama tinha sido entregue bem tarde, porque o cavalo do mensageiro estava mancando e o rapaz viera à pé. Rose o entregara a Mina, depois do jantar, o que significava que a moça só o recebera depois de dar boa-noite ao marquês.

Rose foi chamada. Nervosa, explicou que Mina lhe pediu que fosse buscar sua mala e não contasse nada a ninguém, para não preocupar a marquesa.

– A srta. Mina deixou um bilhete para a senhora marquesa dizendo que explicava tudo.

– Um bilhete? – gritou o marquês.

– E um outro para o senhor – disse Rose, em voz quase inaudível.

– Então, por que não me entregaram esse bilhete?

Rose esclareceu que entregara a carta da marquesa a Agnes, e que ela se encarregara de levá-la à patroa, assim que esta acordasse.

O bilhete para o marquês tinha sido entregue a um dos lacaios que o levou para a copa, onde estava à espera de que o mordomo o levasse para o patrão, assim que ele voltasse de seu passeio matinal, a cavalo.

Quando o marquês desembarçou a meada das comunicações entre seus empregados, o mordomo trouxe o envelope

Tian foi para a biblioteca, para lê-lo sozinho.

O que leu não lhe deu nenhum esclarecimento, deixando-o apenas curioso. Mas sabia que teria que esperar até as nove horas, quando a criada acordaria a marquesa.

Ficou durante muito tempo olhando para as palavras de Mina: “Nunca esquecerei”, que pareciam saltar do papel, deixando-o perturbado e amedrontado.

O fato de ela dizer que nunca esqueceria parecia indicar que não pretendia voltar a Vent Royal e estava, na realidade, dizendo adeus.

Finalmente, não suportando ficar parado, mandou que lhe trouxessem Pirilampo e saiu a cavalo.

Como se percebesse que o dono estava preocupado, e talvez se sentindo decepcionado por não ser montado por Mina, Pirilampo se comportou de maneira atroz.

Isso, pelo menos, impediu o marquês de ficar pensando no caso de Mina, porque precisava fazer todos os esforços para controlar o animal, que refugava e empinava a cada sombra que aparecia em seu caminho.

Finalmente, Pirilampo percebeu quem era o patrão, e galoparam durante algum tempo, até o marquês achar que já estava na hora de ir falar com a avó.

Como a marquesa era muito exigente a respeito de sua aparência, ele teve que esperar até as nove e meia para ser recebido.

A velha já tinha aberto a carta de Mina. Quando o neto entrou, a marquesa perguntou:

— Que aconteceu? Para onde Mina foi? E que significa isso de ela dizer que nos enganou?

— Eu estava esperando para ler a carta que ela lhe escreveu, vovó. Meu bilhete consta apenas de algumas palavras.

A marquesa entregou-lhe a carta e o neto leu-a duas vezes. Enquanto lia, a velha o observava, para ver se conseguia descobrir, por sua expressão, o que tinha acontecido.

— “Não sou quem aparentei ser”, — leu o marquês, como que falando consigo mesmo —, “na realidade, a enganei”. O que Mina quis dizer com isto, vovó?

— Agnes me contou que ela recebeu um telegrama ontem à noite.

— Sim, eu soube, mas Mina levou-o, de modo que não poderemos ter idéia do que se trata.

— Então, se ela não é Christine Lydford, como essa carta parece indicar, quem é?

— Não tenho a mínima idéia, vovó. Nadine disse que ia mandar a enteada para cá, de modo que, quando Mina chegou, não me passou pela cabeça que ela não fosse filha de lorde Lydford.

— Não compreendo. Ela era tão doce, que eu seria capaz de jurar que tudo que dizia era a pura verdade!

O marquês nada disse. Dali a um momento, a avó continuou:

— Eu gostava dela. Era uma das criaturas mais adoráveis que encontrei na vida. Às vezes, pensava que era a neta que sempre desejei ter.

Tian foi para a janela e ficou olhando para as pombas, no gramado, lá embaixo.

Teve a impressão de ver Mina de braços estendidos, como naquela

manhã em que a encontrou perto do tanque cheio de lírios.

Ela havia feito isso — muitas outras vezes depois. Mas o marquês refletiu que, da primeira vez, quando notou o poder de Mina sobre os pássaros, ela pareceu ser a própria Afrodite.

Naquele momento, compreendeu que a moça significava o amor que ele procurava.

Sabia que, no meio das pombas estava a que tinha machucado a perna e que Mina curou.

Poderia alguém que merecia daquele modo a confiança dos pássaros e animais ser outra coisa, a não ser o que parecia?

Mas Mina escrevera: “... na realidade, a enganei”.

— Parece óbvio que a pessoa que Mina estava tentando ajudar é Christine — observou a marquesa.

O neto olhou de novo para a carta que ainda tinha na mão e leu: “Não tenho desculpa para o que fiz, a não ser o fato de estar ajudando uma pessoa que amo”.

— Sim, deve ser esta a explicação — disse ele com alívio.

Teve uma pontada de ciúme e o súbito medo de que “uma pessoa que amo” pudesse significar um homem. Saiu da janela e voltou para perto da avó.

— Você está pensando vovó, que Mina tomou o lugar de Christine para ajudá-la. Mas, por quê? E como? E, se isso for verdade, onde está Christine?

— Só posso imaginar que ela não concordou com o plano da madrasta de mandá-la para cá.

Era uma coisa que não tinha ocorrido ao marquês. Olhou para a velha, com ar de surpresa, e ela continuou:

— Nessa idade, as moças têm opiniões próprias muito firmes. Garanto que Christine não foi consultada e que a madrasta apenas a informou de que viria para cá para completar sua educação. Desse modo, teria que sair do colégio, onde talvez se sentisse feliz.

Ao ouvir a avó, o marquês achou que talvez Nadine tivesse sido indiscreta, ou fria, contando à enteada os planos que havia feito Para ela.

Nesse caso, era provável que Christine fizesse objeção a casar com um homem que nunca tinha visto e que havia sido escolhido pela madrasta, e não, por ela.

Ao pensar nisso, achou que tinha sido um tolo, aceitando os arranjos que Nadine providenciou apressadamente, por achar que era tarde demais para fazer alguma coisa a respeito.

Assim sendo, tinha mandado sua carruagem para Londres, conforme Nadine lhe pedira, para apanhar uma jovem que já teria deixado o colégio antes de ele receber aquelas instruções.

Agora compreendia que a idéia que surgiu da imaginação fértil de Nadine seria um insulto para qualquer jovem sensível e, sem dúvida, romântica.

Assim como Nadine não gostava de Christine, ele desconfiou de que a moça sem dúvida não gostava da mulher que tomara o lugar da mãe.

“Como é que pude ser tão cego?”

Agora compreendia por que Mina, ao vê-lo pela primeira vez, o olhou com receio e depois com um desprezo que o surpreendeu. Lembrou-se de que ficou tensa, quando ele falou naquilo de maneira tão estúpida, tendo Mina comparado a posição de Bárbara Castlemaine, como amante de Carlos II, com a de Nadine Lydford com ele.

“Eu devia ter percebido que nenhuma moça decente iria querer casar com o amante da madrasta.”

Depois com alegria, lembrou que isso não se aplicava a Mina. Já que não era enteada de Nadine, pelo menos essa barreira não existia mais entre eles.

Vendo que o neto estava silencioso e pensativo, a marquesa disse:

- Acho que o que você tem a fazer é ir procurar Mina.
- Naturalmente, vovó. É o que pretendo fazer.
- Tenho a impressão de que há algo de muito estranho no fato de Mina partir sem se despedir. Sei que gostava de mim. E ninguém, por melhor artista que seja, pode fingir a felicidade que ela irradiava por gostar desta casa, dos pássaros, dos veadinhos e, naturalmente, dos cavalos.

— Concordo — disse o marquês, em voz baixa. — Mina sentia-se muito, muito feliz com tudo isso.

A marquesa ia dizer qualquer coisa, mas depois achou melhor guardar o pensamento para si mesma. Em vez disso, estendeu a mão para o neto.

— Encontre-a, Tian. Encontre-a para mim, nem que seja só por isso. Não suporto a idéia de perdê-la.

O marquês beijou-lhe a mão.

— Vou encontrá-la e trazê-la de volta para você — disse, sabendo que era uma promessa que cumpriria.

Quando viajava para Londres, refletindo que o primeiro lugar onde devia ir era Lydford House, leu e releu a carta que Mina tinha escrito para a marquesa, esperando que lhe desse uma pista do lugar para onde ela tinha ido.

Achou que a primeira parte da busca seria relativamente fácil.

Mas, quando saiu da casa de lorde Lydford, não tinha feito o menor progresso e começou a ter medo.

O passo seguinte era óbvio: descobrir em que colégio Christine estivera. Isso significava uma viagem à casa de campo de lorde Lydford, em Buckinghamshire.

Podia bem imaginar a excitação que sua chegada causaria aos empregados e os comentários que despertaria, não apenas entre eles como na vizinhança.

Não era tolo a ponto de imaginar que os criados de Nadine, principalmente os que trabalhavam em sua casa antes de ela partir para a Índia, não desconfiassem do comportamento da patroa com ele, na ausência do marido.

Se agora ele comesse a fazer perguntas sobre o desaparecimento de Christine, todos estranhariam muito.

Haveria, naturalmente, especulações, que seriam também comentadas em casa dos vizinhos. Provavelmente, esses mexericos acabariam chegando a Londres.

Pela primeira vez em sua vida de libertinagem, o marquês sentiu constrangimento e vergonha de seu comportamento.

Amando Mina, não ficaria indiferente ao que pudessem dizer dela.

Não suportava a idéia de vê-la machucada pelo que ouvisse a respeito dele, ou pior ainda, envergonhada.

Amando-a como a amava, desejava que tudo à volta dela fosse bonito e perfeito. Não queria que fosse atingida pela fealdade de uma paixão que nada tinha de espiritual, nem de sagrado. E, principalmente, desejava que o admirasse como homem.

Se não conseguisse descobrir para onde Mina tinha ido, que poderia

fazer?

Ainda se perguntava isso, quando entrou no clube White's.

Era hora do almoço. Como o bar, que não era muito grande, estivesse cheio, o marquês se dirigiu para a sala de jantar.

Atravessou a sala, cujas janelas davam para St. James Park, cumprimentou vários amigos que acenaram, e foi para uma mesa para dois, na outra extremidade.

Um garçom logo apareceu e ele fez o pedido, sem interesse, olhando por alto a carta de vinhos e escolhendo o primeiro clarete que viu.

Estava imerso em seus pensamentos, quando percebeu alguém parado ao lado de sua mesa. Era lorde Hawkstone, que por ser mais velho, não fazia parte de sua roda de amigos, embora o marquês o conhecesse bem.

Ambos eram sócios do Jóquei Clube e do White's. Os cavalos do marquês sempre ganhavam dos de Hawkstone nas corridas, mas o lorde tinha bastante espírito esportivo para cumprimentar o adversário.

O marquês notou que Hawkstone parecia um tanto constrangido.

— Creio que lhe devo pedir desculpas, Ventnor — disse o lorde. — Mas, por outro lado, você deve reconhecer que não é sempre que tenho a oportunidade de pegá-lo desprevenido.

Tian ergueu as sobrancelhas, imaginando a que fato o outro se referia, já que seus cavalos não tinham participado de nenhuma corrida, nos últimos quinze dias.

— Recebi uma carta de meu filho, hoje de manhã — disse Hawkstone. — Explica francamente a situação, mas achei difícil acreditar que você estivesse envolvido nela.

O marquês não entendeu nada.

— Acabo de chegar do campo e estou em ligeira desvantagem em relação a você. Não tenho idéia do que está falando.

Lorde Hawkstone pareceu ainda mais constrangido.

— Não sabe? Pelo que Harry me escreveu, pensei que você já soubesse que a moça que estava em sua casa não era Christine Lydford.

O marquês sobressaltou-se e sua atitude mudou.

— Agora sei do que está falando. É um assunto de suma importância para mim. Seria um favor, milorde, se dissesse exatamente o que sabe sobre o caso.

Falou em tom tão autoritário, que o lorde ficou atônito. Depois, como

se achasse que teria sido melhor não ter tocado num assunto perigoso, olhou em volta, parecendo bater em retirada.

O marquês percebeu o que estava acontecendo e disse, vivamente:

— Peço-lhe que me conte o que aconteceu, porque estou completamente sem informação a respeito disso, o mesmo acontecendo com minha avó.

Com certa relutância, o lorde sentou-se na cadeira diante do marquês...

— Julguei que você soubesse tanto quanto eu — disse, com ar infeliz.

— Suponhamos que cada um de nós conte o que sabe — sugeriu Tian — o que seu filho escreveu?

— Não sei se conhece Harry, meu segundo filho. Mas chegou uma carta dele, hoje de manhã, de Roma, dizendo que casou com Christine Lydford, que, como você sabe, é enteada de *lady* Lydford.

Relanceou o olhar para o marquês, indicando que sabia perfeitamente o que Nadine tinha representado na vida dele, antes de ir para a Índia.

Continuou, rapidamente:

— A moça só vai fazer dezessete anos daqui a um mês, de modo que é um casamento incomum. Mas, na ausência do pai de Christine, seu tio deu o consentimento. E Harry escreveu que se amam há muito tempo.

— Que mais disse ele?

Enquanto o lorde falava, o marquês fez sinal ao garçom para lhe servir o clarete. Como se precisasse disso, Hawkstone tomou logo um gole e, sem olhar para Tian, continuou:

— Harry escreveu que foi idéia de *lady* Lydford mandar Christine para a sua casa, Ventnor, onde deveria ficar um ano, para completar sua educação. Depois, vocês deveriam casar. Isso justifica a pressa de meu filho.

Lorde Hawkstone tomou outro gole. Como o marquês continuasse em silêncio, ele disse, ainda:

— Não vou querer enganá-lo, Ventnor, dizendo que não estou satisfeito com esse casamento. Christine Lydford é uma moça muito rica, e não posso dar a Harry, meu segundo filho, nada além de uma pequena mesada. Mas, se os dois estão felizes, como meu filho diz, então é um arranjo ideal, do meu ponto de vista.

Finalmente, o marquês conseguiu falar.

— Quando escrever ao seu filho, dê-lhe meus cumprimentos e diga

que, no que me diz respeito, acho que fez exatamente o que devia fazer!

Como a aprovação do marquês tirou um peso das costas de Hawkstone, ele se reclinou na cadeira e disse:

— É muita generosidade sua, Ventnor, e sinto um grande alívio por ver que aceita o fato com espírito esportivo.

— Há uma coisa que desejo saber. Na carta, seu filho diz quem tomou o lugar de Christine?

Hawkstone sorriu.

— Harry disse que foi idéia de Christine para ganhar tempo, para evitar que lorde Lydford tentasse impedir o casamento dela.

— Quem tomou o lugar de Christine? — insistiu o marquês. Havia na sua voz um tom de urgência e de ansiedade que surpreendeu Hawkstone.

— Espere um pouco... Creio que Harry me disse quem era. A carta está aqui comigo.

Enquanto o lorde procurava nos bolsos, Tian ficou de respiração suspensa.

Finalmente, a carta apareceu.

Houve nova demora, enquanto Hawkstone procurava os óculos. O marquês teve que fazer um esforço para não agarrar a carta.

O lorde leu lentamente as várias páginas, até chegar ao ponto que interessava.

— Ah! Cá está:

“Como você pode imaginar, estávamos apreensivos, com medo de que alguém descobrisse nossa fuga. Lorde Lydford poderia ficar sabendo, e um telegrama dele impediria nosso casamento no último momento.

“Foi idéia de Christine mandar alguém tomar seu lugar em Vent Royal, fingindo ser ela, e encontrou uma colega que se dispôs a nos ajudar.

“Mandamos a ela um telegrama para vir ao nosso encontro, depois que calculamos que você já teria recebido esta carta. Christine lhe deixou dinheiro suficiente para a viagem. Mas, se ela tiver algum contratempo, se alguma coisa sair errada devido ao que fez, peço-lhe papai, que faça o que puder para ajudá-la.

“Os pais de Mina morreram e Christine me disse que ela não tem dinheiro e que a casa onde morava, em Lincolnshire, foi fechada por seu tio o coronel Osbert Shaldon. Acho que você o conhece, porque pertenceu aos granadeiros.

“Seja como for, estamos muito gratos a Mina Shaldon por ter nos ajudado.

Quando ela vier ao nosso encontro, faremos o possível para que se divirta.”

Lorde Hawkstone largou a carta.

— É só o que Harry diz sobre a moça o resto é particular. Pede desculpas a mim e à minha mulher e diz que vamos gostar muito de Christine, quando a conhecermos. Não há dúvida de que o rapaz está apaixonado.

O marquês já tinha a informação que desejava.

— Obrigado — disse, serenamente.

Lorde Hawkstone esvaziou seu copo e se levantou.

— Tenho um convidado à minha espera no bar — disse. — Estou muito aliviado, Ventnor, por você aceitar isso, como era de esperar com o mesmo espírito esportivo com que aceita seus fracassos nas corridas. — Sorriu e acrescentou: — Não, que sejam muitos!

O marquês também sorriu. Depois que o lorde o deixou, ele almoçou com um apetite que tinha perdido desde que Mina partira de Vent Royal.

Mina saiu da sala de jantar, depois de ter comido o ovo que a sra. Briggs tinha cozinhado para ela e tomado uma xícara de chá forte demais, que era como a velha gostava.

Mas pouca atenção deu ao que comia, pois seus pensamentos estavam em Vent Royal, como tinha estado desde que voltara para casa.

Achava difícil deixar de comparar os tapetes velhos e gastos, da mansão modesta, suas cortinas desbotadas, a mobília empoeirada e precisando de polimento, com a beleza e o luxo da casa do marquês que, como sempre, considerava um paraíso.

Mas, se sua casa em nada podia ser comparada com Vent Royal, pelo menos os pássaros que tinham feito parte de sua infância ainda estavam lá.

Nessa época do ano, as patas estariam chocando nos ninhos à beira d'água. Haveria também centenas de patos selvagens.

Mina não teria que ir muito longe para ver os gansos, no lugar onde ela e seu pai tinham observado as aves grandes e cinzentas que vinham do Ártico, mas não precisava sair do jardim para ver os passarinhos.

Eles confiavam em Mina. Havendo merlos, tentilhões, tordos, garriças que se pareciam com ela, conforme tinha dito ao marquês, e também

andorinhas. E, se tivesse sorte, um pica-pau cinzento.

Quando ficavam perturbados, como ficariam quando Mina aparecesse, até compreenderem quem ela era, começavam a cantar alto. e às vezes cantavam a noite inteira.

Quando foi para o jardim maltratado e mais cheio de mato do que nunca, Mina pensou que, agora que era verão, os rouxinóis teriam voltado do continente e talvez à noite ela os ouvisse cantar.

O pai a ensinara a ficar escutando-os. Às vezes, ao luar, ela ouvia um casalzinho fazendo amor nas árvores próximas de onde estava.

Ao pensar em amor lembrou-se do marquês, e, por um momento, os pássaros ficaram esquecidos.

Dirigiu-se para uma parte do terreno onde havia uma elevação. Quando chegasse ao alto, poderia ver o mar, ao longe, azul sob o céu límpido.

Ela e o pai chamavam aquele ponto de “mirante”, mas era também um lugar onde Mina ia quando se sentia triste, ou preocupada, e desejava ficar sozinha.

Agora, enquanto caminhava pela relva alta, cheia de ranúnculos, cardamomos e papoulas vermelhas, dizia a si mesma que ali era seu lar, mas não tinha a sensação de conforto que devia sentir.

Chegando ao alto, achou a vista tão bonita como antes. Sentou apoiando as costas num vidoeiro cuja sombra a protegia do sol. Viu a água brilhando no ponto onde os vikings tinham desembarcado e sentiu o cheiro da água salgada combinando com o das flores.

Ficou imóvel, ouvindo os pássaros na árvore sobre sua cabeça e pensou se deveria chamá-los.

Depois percebeu que, em vez de procurar transmitir-lhes sua mensagem, estava na realidade mandando seus pensamentos para o marquês.

Era impossível pensar em outra coisa, a não ser em seu rosto bonito, em sua voz grave. Mina achou que o mar adquiriria o tom cinzento dos olhos dele.

“Eu o amo! Eu o amo!”

Depois, ouviu um ruído próximo e, erguendo os olhos viu o marquês a seu lado.

Por um momento, pensou que estivesse sonhando. Sem dizer uma palavra, ele sentou-se ao seu lado no chão, como naquele dia, no parque de

Vent Royal, quando ela tentava domesticar o veadinho.

Os olhos de Mina ficaram presos aos dele. A princípio, foi impossível pensar em outra coisa, perguntar como ele a havia encontrado e por que motivo viera. Não podia pensar em nada, a não ser que ele estava ali!

Era como se o tivesse chamado com sua magia e ele atendesse. O marquês olhou-a como se nunca a tivesse visto antes, notando o oval do rosto, o narizinho reto, os lábios macios. Depois, fitou os olhos azuis de Mina. Finalmente, com uma voz que não parecia ser a dele, disse:

— A única vez em que a vi fazer uma coisa cruel foi quando partiu, sem dizer para onde ia.

Como se de repente compreendesse por que tinha partido, Mina desviou o olhar e corou.

— Tive que partir quando... soube que Christine tinha casado.

— Posso compreender isso, mas achei que, como você estava tão feliz em Vent Royal, e nos deu tantas provas de amor, saberia como ficaríamos tristes e sentidos por perdê-la.

Mina deu um gritinho.

— Não tive intenção... de fazer isso. Achei que você ia... ficar zangado... porque o enganei.

— Só estou zangado por você ter partido daquele jeito.

— Sinto muito... Sinto mesmo. Eu não suportava a idéia de explicar... à sua avó... ou a você.

— Importa-se com o que penso ou sinto?

Mina ficou ainda mais vermelha, e o marquês achou que ela estava tendo dificuldades de se expressar.

— Pelo que lorde Hawkstone me disse, sua amiga Christine espera que você vá ao seu encontro, na Itália.

Mina olhou para o marquês e ele percebeu que agora a moça compreendia como a havia encontrado.

— Achei que, como Christine e Harry estão muito felizes em lua-de-mel... não iam querer ninguém mais com eles.

O marquês disse, suavemente:

— Servindo-me do meu instinto e da percepção que você me ensinou a usar, tive certeza de que ia sentir isso, Mina, e voltaria para a sua casa.

— Não havia mais nenhum lugar para onde eu pudesse ir.

— Assim, foi mais fácil para eu encontrá-la.

Mina olhou-o de relance, mas nada disse. O marquês continuou:

— Fez muito mal em ser tão egoísta, deixando todo mundo preocupado. Minha avó estava a ponto de chorar. Pirilampo se comportou de maneira atroz, quase derrubando a baía! E tenho certeza de que o veadinho e os pássaros acham que você os abandonou.

Mina apertou as mãos.

— Pode ter sido errado, mas eu não podia dizer a você que o tinha enganado... que havia mentido...

— Então, você se importa com o que penso?

— Claro que me importo.

— Diga-me por quê?

Houve um momento de silêncio. Mina disse:

— Você foi... muito bom.

— Só isso?

— Não. Há muito mais. Você conversou comigo, me deu aulas, deixou que montasse seus cavalos...

Interrompeu-se. Dali a um momento, o marquês acrescentou suavemente:

— E eu a beijei, Mina.

Viu que ela ficava vermelha e continuou:

— Foi o beijo mais perfeito e mais maravilhoso de minha vida. Lentamente, como se não pudesse resistir, Mina virou a cabeça para ele, e os olhos de ambos se encontraram.

— Eu a amo! Você agora já deve saber disso. Mina respirou fundo, e o marquês acrescentou:

— Quero que me diga o que sente por mim.

Sabia que ela estava trêmula. Com um rápido movimento, tomou-a nos braços. Mina virou o rosto e fitou-o.

— Eu a amo!

Ela respirou profundamente.

— Quero que me diga o que sente por mim, Mina.

Não conseguiu mais olhar para ele. Suas pestanas pareceram muito escuras contra a pele branca.

— Diga-me! — insistiu o marquês. Abraçou-a com mais força. E ela escondeu o rosto no ombro dele. Tian beijou-lhe os cabelos. — Estou esperando.

— Eu o amo! Eu o amo tanto, que foi uma agonia ter que partir... e deixá-lo.

O marquês perguntou, baixinho:

— Quantos anos você tem?

— Dezoito. Ele ficou imóvel por um momento, como se não pudesse acreditar na maravilha que isso significava. Era o que esperava, mas tinha tido medo de uma decepção.

Depois, soltou uma exclamação de alegria, quase de triunfo. Mina levantou o rosto.

O marquês viu nos olhos dela uma expressão tímida, mas de grande alegria. Os lábios da moça tremiam, como se adivinhasse que ia ser beijada.

— Eu o amo! Eu o amo tanto, que é impossível pensar em qualquer outra coisa, a não ser em você. Não posso viver sem você!

O marquês beijou-a então.

Mina teve a impressão de que uma luz intensa os envolvia, com uma beleza que fazia parte da alma e do coração dos dois.

Foi tão maravilhoso, que por um momento imaginou que tinha morrido e estava no céu, onde só ela e o marquês se achavam, na glória de Deus.

O marquês beijou-a muitas vezes, até que eles não pareceram duas pessoas, e sim, uma só.

Mina podia ouvir o canto dos pássaros; a magia do local lhe parecia a magia de Vent Royal. Depois novamente, só existiu o homem amado, seus braços, seus lábios. Mina sentiu que lhe pertencia desde o início dos séculos e continuaria a pertencer durante toda a eternidade.

Quando finalmente o marquês levantou a cabeça, os dois estavam transfigurados pela intensidade de seus sentimentos e pela felicidade que tinham encontrado.

Tian fitou-a durante muito tempo; depois, tocou-lhe o rosto.

— Eu a adoro Mina! — disse, em voz trêmula. — Quando pode casar comigo, o mais depressa possível, minha querida?

— Tenho a impressão de que... já estamos casados.

— Era o que queria ouvir de você. Oh, minha querida, será que jamais houve alguém como você? Mas, como poderia haver? Você é minha: meu coração, minha alma, parte do meu ser. Sem você, eu estaria incompleto, como aconteceu no passado.

– Creio que você sempre esteve nos meus sonhos, em tudo que imaginei e achei belo e perfeito. Estive chamando-o, desde que saí de Vent Royal. Não havia mais nada que... eu pudesse fazer.

– E eu a ouvi. E também a chamava, mas tinha um medo terrível, desesperado, de que não pudesse encontrá-la.

Pelo modo de o marquês falar, Mina soube que estava sendo sincero.

– Creio que eu talvez me visse forçada a voltar para você – disse ela.

– Assim como os pássaros voltam para casa, por mais longe que tenham ido... continentes estranhos... lugares desertos... Mas acabam voltando.

O marquês abraçou-a com mais força ainda.

– Não vou correr esse risco. Você ficará comigo, de agora em diante, e para sempre!

Depois, como se a idéia de perdê-la o amedrontasse, beijou-a com paixão, de um modo exigente, muito diferente da maneira como a beijara antes.

Mina sentiu uma paixão ardente. Sabia que era amor, um amor diferente da inocência do primeiro beijo, mas também amor. Um sentimento perfeito, que acontecia quando um homem e uma mulher encontravam o ideal que procuravam e que sempre esteve em seus corações.

Muito tempo depois, ainda nos braços do marquês, Mina disse:

– Você deve estar com fome. Vamos voltar para casa? Vou tentar arranjar alguma coisa para você comer.

– Faz muito tempo que tomei o desjejum. Ontem à noite, vim até Stanford e fiquei num hotel, porque não queria assustá-la, Mina, aparecendo muito tarde.

– Gostaria de ter sabido que estava perto de mim. Fiquei acordada, pensando em você, olhando para as estrelas, como olhamos antes de... você me beijar, em Vent Royal.

– Era uma coisa que eu não queria fazer, porque achava que você era uma criança. Mas, quando a beijei, compreendi que, fosse qual fosse a sua idade, você era uma mulher, minha querida, uma mulher que me pertencia.

– É o que também acho. E é maravilhoso. Mas suponhamos que, depois que estivermos casados, você se canse de mim, como se cansou de...

Antes que ela continuasse, o marquês colocou o dedo em seus lábios.

– Sei o que está pensando. E eu a proíbo de falar ou de pensar isso. Sabe perfeitamente, Mina, que o que sentimos um pelo outro é

completamente diferente do que aconteceu comigo no passado. Se houve em minha vida mulheres cujo comportamento você não aprova, a culpa é sua por ter levado tanto tempo para aparecer!

Mina deu uma risadinha.

– Não pode me culpar por isso.

– Não culpo ninguém a não ser eu mesmo. Mas não deve pensar mal de mim. Só o que importa é que nos conhecemos e nos encontramos novamente. Estamos juntos e vamos começar uma nova vida. Como tive a felicidade de conhecê-la, querida, minha vida será muito, muito diferente, daqui por diante.

Beijou a face macia de Mina e continuou:

– Tudo a seu respeito, meu amor, me excita e me estimula a uma nova maneira de pensar. Há muitas coisas importantes para fazermos juntos.

– É por isso que, não apenas quero que me ame, como desejo ajudá-lo.

– Como já me ajudou. Você abriu novos horizontes em minha mente, como abriu outros nos quais há anos eu não tinha pensado. Mas, querida, isso é apenas o princípio.

Mina aproximou-se mais dele, ergueu o rosto e disse:

– Amo você! Amo você! Como é que consegue dizer todas as coisas que desejo ouvir e fazer com que não me sinta jovem demais, nem pobre, nem sem importância, e sim, uma pessoa digna do seu amor?

– Farei com que tenha consciência de sua importância, assim que estivermos casados. E não pretendo esperar nem um minuto além do necessário para conseguir uma licença especial.

Levantou-se e ajudou Mina a fazer o mesmo. Com o braço em volta da cintura dela, ficou durante algum tempo olhando para o mar, ao longe.

– Agora compreendo muitas coisas a seu respeito, que antes me deixavam perplexo. Morando aqui, não seria possível que os pássaros não atendessem seu chamado, como a atendi quando você me chamou com sua magia, da qual não pude escapar.

Mina sorriu.

– Assim como os pássaros têm um instinto estranho, infalível, sobre o lugar ao qual pertencem, no momento em que vi Vent Royal e depois, você, compreendi que era lá que eu devia ficar. No íntimo do coração, eu sabia que tinha chegado em casa.

— Deve sempre seguir seu coração, minha querida.

— Não será difícil, porque agora ele é seu — murmurou Mina. Estava tão bonita, ao dizer isso, que ele a beijou novamente, com beijos demorados, possessivos. De novo, o fogo do amor os consumiu. Depois o marquês afastou Mina e segurou-lhe a mão.

— Venha, minha querida. Vamos para casa. Para o nosso lar, que você encherá com seu encanto, com sua magia, da qual nenhum de nós dois jamais poderá escapar.

Entreolharam-se por um longo momento.

Depois, de mãos dadas, correram pela relva macia e florida, no dia cheio de sol, possuídos pela magia do verdadeiro amor.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

PURA COMO A NEVE

Pela primeira vez em sua vida de conquistador, o duque de Ravenstock encontrava uma mulher que não sentia a menor atração por ele. Passeando juntos pelos bosques de Paris, ceando à luz de velas ou dançando, Anoushka nunca demonstrava nenhuma emoção especial. Era tão ingênua, que nem sequer percebia o crescente desejo de Raven por ela. O mais desesperador era que estavam casados! O duque sentia-se preso na própria armadilha: não tinha feito tanta questão de casar com uma jovem pura e inocente? Agora, não podia se queixar. Anoushka, sua esposa virgem, era exatamente assim: tão imaculada, que Raven não ousava tocá-la. E achava que nunca ousaria.